Abraçados

Lora Leigh

Série Bound Hearts Volume 6

Resumo:

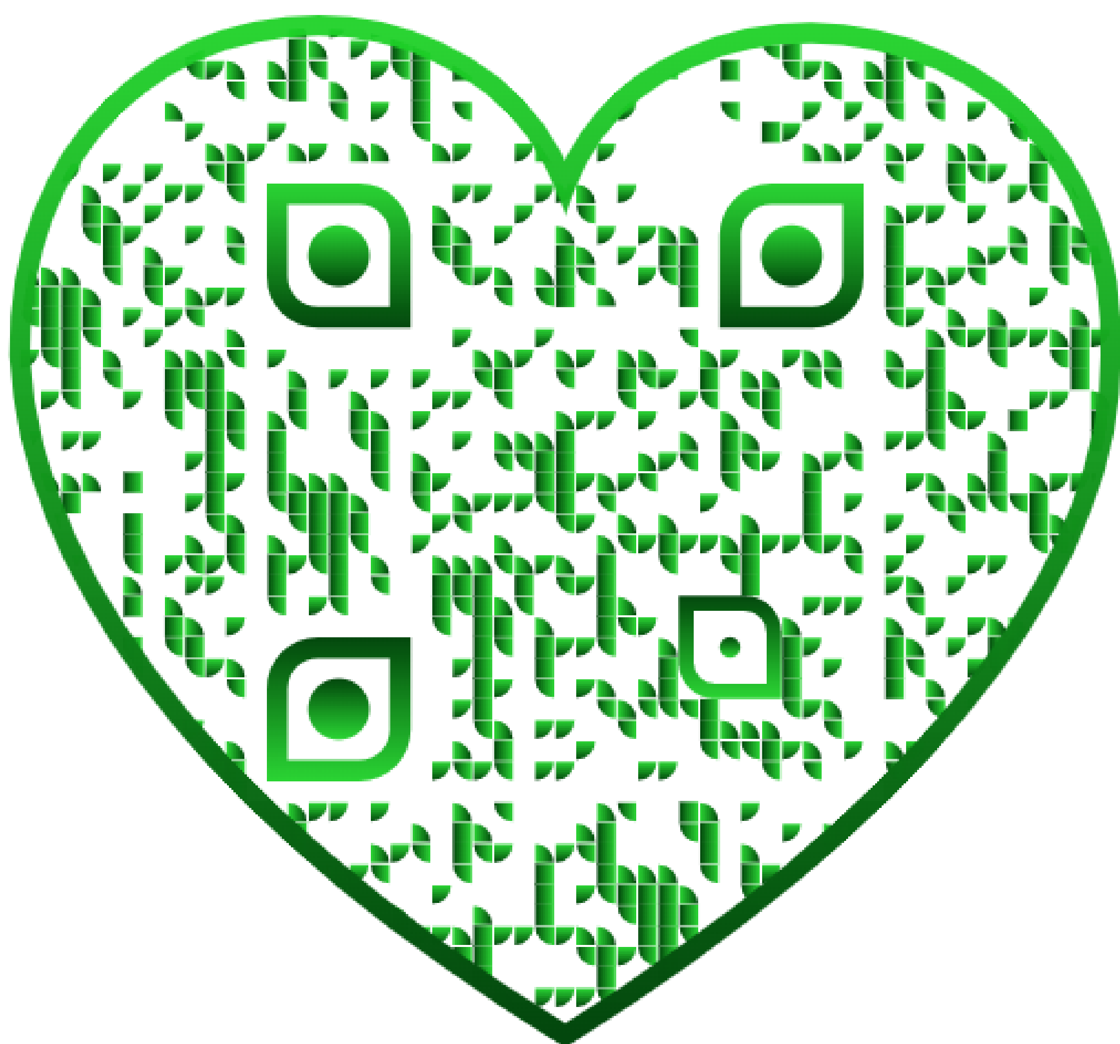
Marey escapou de Sax durante três anos. Anos perdidos, escondendo-se no lar que seus pais lhe deixaram, vivendo na fantasia, muito temerosa para estender a mão e fazer realidade seus sonhos sobre a vida e o homem que a atormenta.

Sax Brogan é a encarnação do pecador arrumado, alto, escuro e sexy, e cada centímetro dele é a fantasia dos sonhos do Marey convertida em uma ardente e palpitante realidade. E ele está mais do que disposto a reclamar a sua mulher.

Agora chegou o momento de que Marey deixe de correr e abrace não só a fantasia que ele representa, mas também a realidade.

Quer dizer, se seu ex-marido a deixar viver o suficiente para desfrutá-lo...

Prólogo



Era de loucos. Não se podia imaginar uma idéia pior. Tinha perdido três anos negando o desejo, negando a verdade sobre seus próprios sentimentos. Se ela se aproximasse daquela quarto, então as coisas mudariam para sempre.

Marey estacionou seu pequeno carro no estacionamento do motel e contemplou nervosamente o exterior. Era valente para fazê-lo? Poderia realmente entrar ali e ceder aos desejos que tinha negado toda sua vida e depois afastar-se como se nunca tivesse acontecido?

Suas mãos se agarraram ao volante, seus dedos o enroscavam tão forte que estavam duros, enquanto lutava contra os tremores que percorriam seu corpo. Não sabia se poderia fazê-lo. Tinha perdido muitos anos lutando contra sua necessidade. Diferente de suas amigas, que se casaram com os infames Troyanos, Marey sabia que provavelmente ela não reunia as condições para conseguir chegar tão longe.

Era só uma noite, gritavam-lhe seus hormônios em seu interior. Uma estúpida noite, de sexo selvagem e quente, tinha que parar de filosofar sobre isso. Podia fazê-lo.

Ou não podia?

É obvio que podia. Tinha trinta e cinco anos, não vinte, e tinha deixado de ser virgem fazia muito tempo. O qual era uma coisa malditamente boa, pensou ao recordar que Saxon Brogan aterrorizaria a uma virgem.

Recostou sua cabeça contra o volante, gemendo lastimosamente quando tratou de obrigar-se a sair do carro. Não era isto o que ela queria? Recordou-se. Uma noite perversa e quente, com o homem de seus sonhos, antes de que a realidade chegasse com o amanhecer e ela voltasse para a vida rotineira e estéril em que vivia.

Por que? Algo se rompeu dentro dela então. Por que tinha que voltar para o nada? Não tinha marido. Nem filhos. Tampouco pais que pudessem pegá-la fazendo travessuras. Tudo o que ela tinha eram suas amigas. Amigas que uma a uma tinham escolhido um estilo de vida que Marey não podia entender, mas que tampouco condenava. E não era como se ela estivesse fazendo algo ilícito.

Ela ignorou as próprias divagações e pensou nas roupas íntimas que estava vestindo. Ou melhor, que não estava vestindo, recordou.

Podia fazê-lo. Elevou a cabeça, movendo-a firmemente. Não havia nenhuma lei que dissesse que o homem que ia fodê-la, tinha que amá-la, ou havia? É obvio que não havia. Além disso, ela amava Sax. Uma admissão que raramente se permitia fazer. Escondia-se dela tanto quanto era possível.

O medo a tinha feito como sua refém durante anos. O medo de que seu ex-marido, Vince, perdesse finalmente sua lucidez e a matasse. O medo de que ela estava cometendo um outro erro, que seu coração poderia pagar o preço desta vez. Seu orgulho tinha sido sacrificado a um matrimônio arruinado e à fúria de Vince. Mas seu coração… Se Sax rompesse seu coração, poderia ela sobreviver?

Aspirou bruscamente. Teria que sobreviver. Além disso, que merda, tinha esperado muito, muito tempo. As fantasias só podiam satisfazer a uma mulher por pouco tempo e os brinquedos eram um pobre auxiliar do que sabia que a esperava.

Sax, com seu estranho sorriso, seus olhos escuros, sua voz sussurrando seu desejo por ela. A vista de suas mãos, um tanto mais escuras que sua carne pálida, deslizando-se por seu corpo, dando a ela um prazer que nunca tinha conhecido antes. Dominante, mandão, ele formava parte do exclusivo clube masculino que tinha sido apelidado como os Troyanos. Eles eram dominantes, poderosos, mas havia mais, compartilhavam as suas mulheres, as levando a tal ponto de excitação sexual, que os boatos diziam, que deixavam suas mulheres debilitadas durante dias.

Suas amigas se casaram com integrantes do clube. E embora conseguir detalhes era parecido a arrancar dentes sem anestesia, ela tinha conseguido bisbilhotar o suficiente para abastecer de combustível suas próprias fantasias noturnas.

Era ela corajosa o suficiente? Ela podia fantasiar sobre isso, então certamente também deveria ter a coragem necessária para fazê-lo. Para ir para o Sax e tomar o prazer que sabia que a esperava. Ver se um futuro era possível, se as fantasias eram só uma pálida desculpa da realidade ou vice-versa.

Soltou seus dedos rígidos do volante, agarrou uma pequena bolsa e abriu a porta do carro antes de voltar a mudar de idéia. Era uma mulher adulta. E uma mulher madura. E se havia um homem no mundo que pudesse lançá-la às estrelas, esse era Sax. Não importava que não a amasse, que estivesse a milhas de distância de comprometer-se. Ele a desejava. Por esta noite ao menos, ela poderia ser a mulher que queria ser, sem medo às intrigas ou às represálias.

Ajustando seus ombros, moveu-se atravessando o estacionamento e subiu ao segundo andar. Apartamento vinte e nove. Puxou o cartão chave do bolso lateral de sua bolsa, agarrando-a com dedos tensos. Os nervos sacudiram seu corpo, bombardeando rapidamente por sua corrente sanguínea. A adrenalina era um estrondo crescendo em seus ouvidos enquanto se aproximava da porta, respirando profundamente.

Ela podia fazer isto. Tinha esperado anos, desejando a um homem, ao qual temia muito que não poderia segurar. Além disso, era quase Natal, bem…., quase Ação de Graças de qualquer maneira. Podia se dar um presente diferente este ano. Algo quente e selvagem, algo que pudesse levar com ela para sempre, não importa o que o futuro reservasse a ela.

Deslizou o cartão na fechadura eletrônica, esperou até que a luz acendeu na cor verde, e logo girou a maçaneta devagar.

Sim, ela podia fazê-lo. Empurrou a porta aberta lentamente e entrou… antes de deter-se sobressaltada e com a mente em branco.

—Que demônios passou? – perguntou Sax Brogan totalmente enfurecido ao entrar no Pronto Socorro e ser interceptado por James Wyman, o qual se levantou dos assentos de plástico para dirigir-se rapidamente a seu encontro.

Queria golpear algo. A alguém. Cada músculo de seu corpo estava tenso, duro pela fúria quando o outro homem se aproximou.

Uma hora na delegacia de polícia de polícia não tinha melhorado seu humor. Ser suspeito de agressão física e tentativa de violação já tinha sido mais que espantoso. E quando ele compreendeu a quem o acusavam de ter agredido, quase perdeu a cabeça.

Seu único pensamento era chegar até ela, certificar-se de que estava bem, e ver com seus próprios olhos o dano ocasionado.

—Agora está consciente. —Murmurou James quando o alcançou, logo o guiou em direção aos elevadores. —Entretanto, os médicos tiveram de sedá-la. As feridas não têm tão mau aspecto, e a concussão cerebral é leve. O doutor acredita que ela ficará bem.

—Foi o louco de seu ex-marido? —Brogan apertou os punhos, lutando por controlar a fúria. Não podia acreditar no que tinha se passado. Era inconcebível.

—Infelizmente, —James suspirou quando eles entraram no elevador. —O detetive ligou a poucos minutos atrás. No momento ele está sob custódia, mas não sei se isto vai ajudar Marey quando ela encarar você.

Sax encarou James com o cenho franzido. O investigador lhe havia dito que Marey chamou à delegacia de polícia ela mesma, fazendo uma declaração por telefone e assegurando-se de que o deixassem em liberdade.

—Ela sabe que você está ciente do que aconteceu. Que sabe que ela pensava te encontrar naquele motel — explicou pacientemente. —Você sabe como ela é. Lutou contra ela mesma e contra a atração que há entre os dois durante muito tempo. Isto não vai contribuir para tornar as coisas mais fáceis.

Sax permaneceu tranqüilo. Fixou o olhar no painel do elevador que sinalizava os andares até que o sino avisou da parada.

O bastardo do ex-marido encontrado a fraqueza dela, justamente como todos imaginavam que ele ia fazer.

—Ela terminará com isto —disse finalmente, lutando contra sua necessidade de violência. —E começará agora.

Ele tinha permanecido fora do problema em respeito a ela, porque ela tinha pedido. Sua voz suave, seus gentis olhos cinzas tinham lhe suplicado para que não a pressionasse e ele não o fez.

Squire Port, na Virginia, era a sede da Delacourte and Conover Electronics. Era uma comunidade pequena, muito pequena. Todo mundo tinha no mínimo se visto uma vez. A maioria se conhecia bem. A Delacourte and Conover Electronics promovia uma atmosfera amistosa, de integração entre os empregados e suas famílias e por causa disso, Sax conhecia Marey fazia muitos anos. Muito antes do sórdido divórcio e seu isolamento de todos, exceto de seus amigos mais íntimos. Era de conhecimento geral que existia uma atração entre ambos. Ele também sabia tanto quanto ela que qualquer relação que começassem se veria arruinado pela loucura possessiva do ex-marido.

—Como sabia ele tanto para poder me usar? – ele parou diante da porta do quarto, falando em voz baixa enquanto encarava James outra vez.

Sax acreditava que tinha tomado cuidado, tinha sido muito precavido durante os anos passados, respeitando os desejos de Marey e mantendo-se afastado dela. Não tinha gostado disso. Infernos, odiou ter que fazê-lo, mas tinha respeitado seus desejos. Então como tinha sabido Vince que ela ia baixar a guarda para um secreto encontro amoroso com ele ?

—Não sabemos. – James negou com a cabeça, colocando suas mãos nos bolsos da calça e olhando-o fixamente com pesar. —Não conhecemos todos o fatos, Sax. A polícia encontrou uma nota, assinada com seu nome, lhe pedindo para encontrar-se contigo naquele quarto. Seus gritos alertaram ao casal do quarto ao lado, que chamou à polícia. Quando eles a encontraram, estava inconsciente. Eu acredito que ele queria matá-la.

E Sax se sentia culpado pelo acontecido. Filho da puta. Passou sua mão por sua cabeça raspada e respirou profundamente.

—Tenho que me assegurar que está bem – disse bruscamente, notando um nó em sua garganta só de pensar no que tinham feito com ela. —Tenho que vê-la.

—Eu sei que você quer. – James assentiu com a cabeça devagar—. Quando ela despertou e Terrie lhe explicou o que tinha acontecido, sentiu-se horrorizada. Ela mesma chamou a polícia. Mas ela não disse muito desde então. Ela sabe que você está vindo.

Sax assentiu com a cabeça alcançando a maçaneta da porta. Girou-o devagar, empurrando a porta aberta e entrando silenciosamente.

Terrie, a cunhada de James, levantou-se, seu rosto ainda desanimada , seus olhos avermelhados quando lhe olhou fixamente.

—Entre – sussurrou ela, olhando de relance à cama coberta por um lençol que Sax só podia vislumbrar ao fundo. — Ela está descansando. No momento.

Sax entrou no quarto, movendo-se devagar enquanto se aproximava da cama.

—Estarei do lado de fora. – acariciou gentilmente o Sax no braço quando passou por seu lado.

Quando a porta se fechou, ele se voltou, tragando fortemente antes de permitir-se ver a gravidade das lesões.

Deus, ajude ao bastardo, ele pensou quando viu seu rosto, porque vou matá-lo. Seu rosto estava horrivelmente machucado, seus olhos e lábios inchados. Sax rezou para que Vince Clayton não conseguisse sair da cadeia, porque se o fizesse, era um homem morto.

Seu suave cabelo loiro emoldurava suas feições, feições que ele sabia que eram suavemente arredondadas, teimosas e obstinadas.

—Está horrível, né? – sua voz soava áspera, mas debilitada quando ela abriu os olhos, a cor de suave cinza apenas visível entre as pálpebras inchadas.

Tudo o que ele podia fazer era conter-se. Queria abraçá-la, sustentá-la contra seu peito e lhe jurar que nunca ia deixar que acontecesse outra vez. Que a protegeria, a deixaria segura. Mas ele era esperto o suficiente para saber que ela nunca aceitaria isso.

—Eu o matarei, Marey. – ele colocou as mãos em seus bolsos, seus punhos apertados pela raiva que lhe percorria. —Juro que matarei esse bastardo.

Sua respiração se entrecortou quando fez uma careta dolorosa.

—Foi minha culpa. – As lágrimas obstruiam sua voz então.—. Deveria conhecê-lo melhor. – Uma risada amarga escapou de sua garganta. —Foi estúpido que eu não confirmasse contigo.

Ele se moveu para o lado da cama, seu peito apertando-se pela emoção. Não podia acreditar que isto tivesse , acontecido, não podia compreender que alguém fizesse uma coisa assim com ela.

Sentou-se devagar na cadeira a seu lado, encolhendo ombros sob sua jaqueta e suspirava cansadamente.

—Considerei-o uma ou duas vezes. —confessou finalmente com uma careta. —Na realidade, te seqüestrar e te atar a minha cama durante uma semana era minha fantasia favorita.

Uma pequena e debilitada risada saiu de sua garganta.

—Os Troyanos com seus chicotes e correntes. – disse ela com um pequeno suspiro.

Ele agarrou sua mão, notando um estremecimento quando o fez. E não era de dor.

—Não. – ela retirou sua mão, tragando convulsivamente. —Sinto muito pelo que aconteceu. Me desculpe. Mas não posso…

—Você foi àquele motel pensando que eu estaria ali. – disse ele gentilmente, fixando seu olhar em sua mão de pele cremosa e suave que ele tomou em sua mão muito mais escura. —Eu nunca poderia ter imaginado isso, senão já teria feito isso muito tempo atrás. Agora não pode voltar atrás.

—Eu sei. – Apesar dos calmantes e da dor, sua voz era firme.

—Pode acreditar que sim. —Agarrou sua mão outra vez, seus dedos sujeitando-a enquanto ela contemplava o lugar onde se encontravam. —Mas Marey, posso ser implacável. Não te deixarei ir agora, não sabendo tudo isto.

O pânico flamejou em seus olhos.

—Ele nunca te machucará outra vez. – inclinou-se aproximando-se, olhando-a fixamente, atentamente, com determinação. —Você me ouviu? Esse bastardo nunca te tocará outra vez, porque se ele fizer isso, terá que passar por cima de mim. Você é minha e quando sair daqui, tenho a intenção de reclamar o que me pertence, Marey. Cada centímetro de seu lindo e doce corpo. É meu.

Capítulo 1

Um mês depois

—O que você está fazendo aqui? – Marey se apoiou contra o batente da porta, olhando fixamente para o Sax que estava de pé na escada, parecendo malditamente sexy, muito tentador para ser tão cedo de uma manhã. —Este teu hábito me deixa nos nervos, Sax. É muito cedo para estar fora da cama.

Nas últimas quatro semanas, muito surpreendida estaria ela, se ele não tivesse aparecido no mínimo meia dúzia de manhãs à hora do café tratando de enrolá-la para que lhe desse o café da manhã. E se fazia cada vez mais atrevido. Tocando-a enquanto ela se movia na cozinha, lhe roubando beijos quando ela não podia evitá-lo, rindo-se de suas expressões furiosas e provocando-a quando o mau humor matinal conseguia tirar o pior dela.

—Já deveria ter se acostumado. – Seus dentes cintilaram em um sorriso que fez que seu colo chorasse de necessidade quando ele entrou na casa, agarrando a maçaneta da porta e fechando-a suavemente.

Ele ia conduzi-la a um manicômio antes de que isto tivesse terminado. Esse homem parecia ter uma força impossível se ser parado uma vez que metia algo em sua cabeça, e desde seu ataque, havia-se autodesignado como seu guarda-costas particular sempre que ele o julgasse necessário.

Suspirou cansadamente. Estava exausta. Dormir era uma coisa do passado e as paranóias a açoitavam durante a noite como o chocalho continuado de umas correntes de fantasmas.

—Vince ligou? – perguntou Sax enquando entrava na cozinha, dirigindo-se diretamente à cafeteira elétrica. Ela já tinha aprendido a que horas ele fazia suas visitas.

Marey permaneceu imóvel, enquanto a pergunta se filtrava através de sua letargia matinal que a mantinha ainda quase paralisada.

—Como sabia que o libertaram? – disse ela franzindo o cenho irritada, enquanto o seguia. —E desde quando decidiu fazer daqui a sua casa?

Ele agarrou uma das canecas de um gancho no armário da cozinha e se serviu de café com a facilidade de um homem que se sentia cômodo nesse ambiente.

—Pare de tentar mudar de assunto – replicou Sax tranqüilamente. —Por que não me disse isso quando descobriu que o soltaram? Já faz uma semana.

Ela afundou suas mãos profundamente nos bolsos de seu folgado pijama de flanela e encolheu os ombros defensivamente.

—Possivelmente porque não é seu assunto? – sugeriu ela em tom zombado. —Não paguei sua fiança e não respondo suas chamadas. Não há nada mais que eu possa fazer até o encontro na corte.

—Ele esteve ligando? – A taça baixou até a mesa quando sua voz baixou perigosamente.

Demônios. Era condenadamente cedo para negociar com este merda.

—Umas poucas vezes – respondeu ela mordazmente. —Deixa-o estar, Sax. Você não é meu pai, nem meu marido.

Seus olhos se estreitaram. Seu profundo olhar cor chocolate cravado nela, a fez estremecer. Até agora, ele tinha sido a suavidade personificada enquanto ela se recuperava do ataque de Vince. Realmente não a tinha pressionado a nada mais que a lhe oferecer o café da manhã, e embora sua sexualidade estivesse sempre presente, ele mantinha freado o controle a maior parte do tempo. Mas ela tinha o pressentimento, baseado naquele olhar, de que isso não ia seguir por muito tempo.

—Não vou ficar sentado sem fazer nada enquanto ele te ataca outra vez – lhe informou, com um tom de voz gelado, sua expressão fechada quando ele a olhou. —E olhe você, não está dormindo bem. Pensa que não sei por que tem olheiras, Marey? Por que é tão teimosa?

Ela suspirou bruscamente enquanto agarrava a cafeteira. Ninguém deveria discutir isto sem ter tomado uma primeira xícara de café.

—Não comece outra vez, Sax – disse bruscamente. —Não vou viver com você. Não vai acontecer, não, de maneira nenhuma.

Especialmente não agora. Ela se serviu de café, contendo sua própria fúria nestas circunstâncias. Para ser sincera, ela teria cedido, considerando a oferta que lhe tinha feito quando saiu do hospital, tentada pelos olhares quentes, a promessa de paixão e o calor em seus olhos. A liberação de Vince da cadeia tinha cancelado qualquer idéia que pudesse ter tido. Não havia nenhuma possibilidade de que ela se atrevesse a lhe empurrar tão longe agora. A instabilidade que ela vislumbrou durante seu casamento a deixou aterrorizada.

Ela despejou o fumegante líquido do café em sua xícara, o ignorando quando ele cruzou seus braços sobre seu peito, esticando a camisa de seda branca que vestia e que o fazia parecer extremamente forte. Era óbvio que ele não perdera a forma nos quatro anos que fazia desde que tinha deixado o Exército e se uniu a Delacourte. Seu corpo parecia tão musculoso e duro como quando voltou para casa.

Uma mulher realmente…, realmente não deveria ter que confrontar isto tão cedo. Tal quantidade de atrativo sexual, domínio, e presença de puro macho deveria ser reservada só para as fantasias.

Ela deu a volta, e ficou rígida ao sentir o sussurro de um toque sobre a curva de seu traseiro. Equilibrando o café quente, lhe lançou um olhar irritado.

—Isso é sujo e baixo – grunhiu Marey quando ele sorriu aberta e sem arrependimentos atrás dela. —Guarde suas mãos para você mesmo.

Sax soprou, emitindo um macho som de descrença.

—Isto não vai acontecer, Marey. E não vamos terminar discutindo sobre Vence, tampouco. Se não vier morar comigo, então acamparei no degrau de sua porta.

—E eu farei que o xerife te arraste daqui. – Ela se sentou na pequena mesa de café da manhã, com sua xícara de porcelana cheia de café enquanto lhe lançava outro olhar furioso. —Sente-se e beba seu café, Sax. É muito cedo para discutir com você.

—Acrescente o fato de que não tem dormido bem em semanas. – Franziu o cenho a suas costas. —Sim, posso ver que sua paciência se está esgotando. Não fica doente com tudo isto? Está tão malditamente assustada que não pode estender a mão e agarrar o que quer?

—E você é o que eu quero, é obvio – sugeriu ela sarcasticamente. —Não cansa de perseguir mulheres que não te querem? – O Senhor a perdoaria por aquela mentira tão grande.

Ele riu dela então. Uma baixa, e profunda gargalhada entre dentes que acariciou seus sentidos e fez que seus clitóris se lembrasse dela vorazmente ao lhe recordar quanto tinha saudades do toque dele. Sentia-o inchado e sensível, igual a seus mamilos e peitos. Inferno, cada célula de seu corpo doía por ele.

—Quase não está acordada o suficiente esta manhã para dizer mentiras. – Se seu cenho franzido era algo ao que ela podia guiar-se, ele não parecia nada satisfeito. —Tente dormir um pouco esta noite e talvez te preste atenção amanhã.

Possivelmente provocar Sax às sete e meia da manhã não era uma boa idéia, pensou ela um segundo mais tarde quando ele a empurrou sobre a cadeira, rodeando-a com seu poderoso braço pela cintura o que fez que ela se ruborizasse e se excitasse fortemente.

—Sax… – Ela pensou em protestar. Realmente o ia fazer, assegurou-se a si mesma. O fato de que ele ser tão dominante, tão sexualmente determinante em qualquer momento a fazia sentir-se ultrajada.

É obvio que tudo era culpa dela, sua consciência zombou-se dela, quando seus lábios abertos abaixo dos dele, emitiram um gemido que estremeceu seu peito enquanto sua língua lambia seus lábios possessivamente e tentava reclamar seu território.

Ela ia protestar por isso. Ia lhe dizer o totalmente arrogante e, impossivelmente injusto que era ele e todos os motivos pelo que isto era realmente uma má idéia.

Com certeza era culpa dela, zombou-se de si mesma quando suas mãos agarraram os ombros dele, e seus lábios se abriram enquanto ela sentiu suas mãos que se moviam devagar sob a malha solta de seu pijama, pressionando contra seu estômago enquanto ele brincava com os laços que seguravam o cós de seu pijama.

Era tão bom tocá-lo. Tão bom e quente, e forte. Tudo o que ela queria fazer era inundar-se nisso, deixar que as sensações voassem por seu corpo e que a levassem para qualquer lugar que ele quisesse levá-la. Só isso, só por um breve momento. Então ela poderia detê-lo. Seria forte de novo e poderia voltar a pôr os limites que sabia que deveria haver entre seus desejos e aquilo que protegesse a ambos.

No momento, ela estava perdida e condenada, sabia. Era o motivo pelo que ela se mantinha tão longe dele quanto era possível. Esta era a razão pelo que tinha lutado contra o desejo de ambos. Por causa disso, o prazer, as sensações incrivelmente acesas que viajavam não só por seu corpo, mas também através de sua alma quando ele a trouxe mais perto, aproximando-a contra ele, a dura cunha de sua ereção apertada firmemente contra o inchado nó de seus clitóris.

—Tão doce – sussurrou ele quando seus lábios roçavam os dela, enquanto seus dentes beliscavam seu lábio inferior e sua língua lambia sobre eles e ela lutava por seu beijo outra vez. Não quis pensar, não queria deixar ir o incrível prazer que a consumia.

Estava acontecendo muito rápido, gritava uma parte dela. Se não se parasse agora, não seria capaz de fazê-lo mais tarde.

Cale-se! O dolorido centro da sua xoxota não a obedecia, flamejando com renovada demanda, gotejando seus espessos sucos quando ele a trouxe mais perto.

Ela procurou seu beijo outra vez, sua cabeça inclinada, sua língua lambendo seus lábios, um gemido que estremecia seu peito quando lhe deu o que ela procurava. Quente, úmida, sua língua a devastava, suas mãos eram possessivas quando ele a elevou, colocando-a contra a mesa e se apertou entre suas coxas. Suas coxas desnudas…

Oh Deus, estava perdida. Como lhe tinha tirado o pijama sem que houvesse o notado?

—Venha aqui, neném. – Ele se moveu para trás apesar de seu protesto, suas mãos levantaram a camisa, tirando dela por sua cabeça antes de que ela pudesse formar um protesto.

—Sax… Não é justo… – ela gritou quando ele a jogou para trás, seus lábios cobriram a dura ponta de seu peito enquanto as palavras ecoavam ao redor deles.

Ela ardia em chamas. Não poderia sobreviver a um prazer como este. Era muito. Muito intenso.

As mãos dela agarraram sua cabeça, sentindo o escorregadio contorno barbeado sob as pontas de seus dedos quando ela o sustentava, ofegando, gritando, lutando pelo fôlego quando a intensidade de seu toque formou redemoinhos dentro dela.

Era para isto que ela tinha ido àquele maldito motel. Porque não podia resistir a seu encanto, ao fogo, à cascata de prazer que invadia cada partícula de seu ser.

—Não, não é justo – grunhiu ele, seus lábios raspavam sobre a ponta incrivelmente sensível de seu peito. —Estou em seus peitos quando estou morrendo por comer a sua xoxota.

A surpresa a manteve imóvel quando ele pegou uma cadeira da mesa e a aproximou. Sentando-se, estendeu suas coxas, seus olhos nos dela quando ele baixou a cabeça.

—O café da manhã – sussurrou. —Sempre preferi as coisas doces a primeira hora da manhã.

Sua língua golpeou a ultra-sensível abertura de sua xoxota. Quando sua boca alcançou seus clitóris, ele circulou com um sussurrar de aprovação, lambendo-a ao redor, fazendo-a arquear-se mais perto, até que um grito estrangulado de prazer brotou de sua garganta.

Ela não ia permitir isto, assegurou a si mesma. Não o permitiria. Era perigoso. Não só para sua paz mental e seu próprio coração, mas também para ele.

Mas o estava fazendo, e se orgulhava disso, compreendeu vagamente. Suas coxas estavam estendidas para ele, suas mãos se agarravam a sua cabeça, sustentando-lhe quando ele a devorou com uma sensual avidez.

Suas mãos estavam tão ocupadas quanto seus lábios, e ele definitivamente estava provando que era um entusiasta dos traseiros femininos. Seus dedos acariciavam seu sexo e a pequena entrada de seu ânus. E embora Marey tinha dado por certo, que este fetiche em particular não a afetaria como afetava a suas amigas, seus dedos a tocavam, pressionando e acariciando, aumentaram sua curiosidade, elevando sua excitação.

Sua boca se manteve em seu sexo sem perder o toque de seus dedos, permitindo que seus dedos dilatassem habilmente a nata que fazia umedecer sua vagina para trás à pequena entrada para lubrificá-la e prepará-la para atravessá-la suavemente com seu dedo.

—Sax… – Ela ofegava de prazer, incapaz de concentrar-se, já não era capaz de pensar. Só podia gritar seu nome, arqueando-se para ele, equilibrando a borda de sensações que estava certa de que poderiam destrui-la.

—Isso, pequena – sussurrou ele contra seu sexo, sua voz vibrando contra seu clitóris. —Só desfrute. Deixe-me lhe mostrar quão bom pode chegar a ser.

Outro dedo se juntou ao primeiro. Ela não estava certa se seu grito estrangulado era de protesto ou de estímulo, mas sabia que os lentos empurrões de seus dedos, primeiro um e logo os dois empurravam-na além de qualquer limite que ela tivesse podido conceber.

Ele se moveu, sua língua desceu para a entrada de sua vagina, traçando a entrada, hesitando sobre o tecido sensível quando ele lambeu os sucos que brotavam. Estava tão molhada, tão quente, que deveria sentir-se humilhada.

Seus olhos se alargaram pelo choque quando ela sentiu que o dedo dele se movia para trás e sentiu a ponta de outro dedo juntar-se aos outros. O frio e escorregadio gel, facilitou a invasão de seus dedos dentro dela, lhe assegurando que ele estava mais que preparado para o que seus desejos dessa manhã se tornasse realidade. Os desejos que se estavam convertendo rapidamente nos seus próprios.

Ele a preparou devagar, facilmente, mantendo-a suspensa em um prazer tão intenso que estava segura de que as chamas estavam começando a enrolá-la. O suor molhou sua pele, quebras de onda de calor a invadiam repetidamente aumentando a pressão em seu útero, e a sensação de ardor que crescia em seu traseiro. O fogo ardia com um prazer tal que consumia sua mente e não lhe deixava opção de negar. Tão desmoralizador que quando ele ficou de pé, liberando da pressão a longitude de seu pênis e empurrando o cinto de sua calça ao redor de suas coxas, ela nunca pensou em protestar, nunca considerou que ela estava cruzando uma linha que ela poderia nunca ser capaz de voltar.

—Isto é o que você está negando para si mesma, Marey. Só uma parte do que você está negando a nós dois.

Ele pressionou a cabeça de seu pênis contra a abertura estirada de seu ânus, levantando-a, suas mãos estirando suas nádegas e as separando quando ela sentiu o grosso cume que começava a penetrar a sua pequena abertura.

O prazer e a dor chocaram enquanto seu olhar fixo sustentava a sua. Ela o sentiu entrar devagar, insuportavelmente devagar, estirando-a impossivelmente, enviando sensações contrárias a seus sentidos que a faziam gritar.

Nunca tinha acreditado que a linha entre o prazer e a dor a tentasse, a levasse a tal grau que nada importasse exceto empurrar aquele limite para frente.

—Respire, neném – sussurrou ele. —Respira profundamente. Feche seus olhos e empurre para mim. Deixe seu corpo tomar, não o force.

Sua cabeça se agitava na mesa.

Era decadente. Estendida em sua mesa de café da manhã, o pênis de Sax enchia lentamente seu traseiro quando ela o encarou fixamente em tom suplicante. Suas fantasias mais pervertidas, mais depravadas estavam sendo levadas a cabo, despojando-a de todo controle, deixando-a flexível, disposta, abraçando ansiosamente a ampla ereção que a empalava.

—Boa garota – sussurrou ele, seu rosto retorcido em uma máscara de prazer. —É tão estreita, Marey. É como ser consumido pelas chamas.

Era ela a que se estava consumindo. Centímetro a centímetro enquanto ele afundava seu pênis dentro dela, enchendo-a, estirando-a até conseguir afundar-se quase até o punho.

Não podia respirar. Podia sentir os músculos de seu ânus convulsionar, ondulando e flexionando-se ao redor da longitude da carne que a enchia. Era mais prazeroso do que ela tinha previsto. Mais profundo, mais intenso que os vibradores ou consoladores que ela tinha usado ali.

—Pense nisto, Marey – grunhiu quando começou a mover-se, sustentando-a, enviando todos seus sentidos à deriva, quando ele começou a fodê-la lenta e profundamente. —Pense nisto, neném, a próxima vez que me diga que persigo uma mulher que não me quer.

Ela gritou quando seus movimentos começaram a acelerar-se, sua mão se movia desde suas nádegas, para seu dolorido e vazio traseiro. Dois dedos se apertaram dentro, movendo-se em consonância para meter em seu traseiro quando a realidade começou a dissolver-se. O mundo se centrou nessa dupla penetração. Seus dedos se moviam dentro das profundidades apertadas de sua xoxota, seu pênis fodia seu traseiro com golpes largos e suaves, que se aceleraram continuamente, crescendo em dureza e intensidade.

Ela se retorceu embaixo ele, indo para a liberação, rogando por isso, precipitando-se com seu corpo tenso para o que ela estava segura era um ponto de ruptura.

—Agora, Marey. – Sua voz soava tensa, áspera quando ela sentiu seu pênis mover-se e pulsar dentro do sensível canal.

Seus dedos se moveram mais rápido dentro de sua xoxota, seu polegar movendo e acariciando seu clitóris, empurrando-a mais alto, mais alto…

Marey gritou quando caiu a beira do esquecimento. O clímax correu através de seu corpo, queimando ao longo de suas terminações nervosas, enviando-a a voar ao êxtase quando ela sentiu a explosão, o calor de seu sêmen que a enchia quando ele empurrou em uma dura e profunda estocada, gemendo ferozmente enquanto ele corria dentro das profundidades quentes de seu traseiro.

Ela acalmou-se longos momentos depois, seus olhos abrindo-se quando ele se retirou lentamente dela. Olhou-lhe enquanto subia a calça, e alcançava da cabeceira da cama uma caixa de lenços de papel para limpar suas lágrimas.

Sax a limpou gentilmente, olhando-a com aqueles olhos cor chocolate que pareciam ver claramente sua alma.

—Não pode voltar atrás – lhe disse quando ele a endireitou sustentando-a seguidamente enquanto ela estava de pé nua em frente dele, lutando por voltar para a realidade outra vez. —Não te deixarei.

—Não importa quanto me machuque? – perguntou-lhe ela então, sua voz rouca, enchendo-se de lágrimas que começavam a correr por seu rosto. —Importa isso, Sax? Não te importa absolutamente quanto dano vai fazer me isto?

Capítulo 2

—Marey tem sido a mulher mais teimosa, independente e irracional que tive a desgraça de encontrar.

Sax fechou de um golpe a gaveta do arquivo, ignorando o riso zombador de James detrás dele enquanto lançava o arquivo que tinha atirado sobre mesa entre eles.

Estava irritado, excitado como o inferno, e maldita seja se não estava sofrendo um sentimento de culpa de enormes proporções.

Não importa quanto me machuque? As palavras não queriam deixar sua mente, ricocheteando em sua cabeça à medida que se debatia contra a dor que tinha vislumbrado nos olhos dela.

—Atua como se estivesse surpreso, amigo – James ria enquanto se inclinava para trás na cadeira diante da mesa de Sax e o olhava divertido. —Você a esteve perseguindo durante três anos e só agora se dá conta disso?

Sax se sentou pesadamente em sua cadeira e contemplou ao outro homem com o cenho franzido.

—Não aprecio o divertimento que encontra às minhas costas, James – ele resmungou de volta. —Demônios do inferno se ela não adorou cada minuto. Empapou meus dedos quando gozou e ainda teve o descaramento de tentar me culpar para me fazer sair de sua vida. Eu deveria amarrá-la a uma maldita cama durante uma semana e fodê-la até que esteja muito cansada para me culpar ou negar-me.

James riu entre dentes ao ouvir isso, algo que Sax não podia censurar. Já fazia três anos que Sax vinha proferindo a mesma ameaça.

—Vince saiu em liberdade sob fiança – suspirou Sax logo, a preocupação e a fúria mesclando-se ao pensar em todas as formas que ele poderia machucar Marey. —Ele desapareceu poucas horas depois. Se ela não relaxar em sua teimosia, ele vai matá-la.

Era seu pior pesadelo, que Vince a atacasse outra vez, afastando-a dele para sempre. Tinha sido suficientemente duro esperar mantendo-se à margem todos esses anos, certo de que ela cederia no final das contas. Mas agora… Sax soube que a espera tinha terminado. A questão era… os frágeis laços de ternura entre eles sobreviveriam à necessidade de dominação que crescia dentro dele? Estava farto de esperar. E tão seguro como o inferno que estava farto da negação dela a algo que sabia que ambos desejavam ardentemente.

—No final das contas, Vince se autodestruirá – James concordou. —Tudo o que podemos fazer é vigiá-la, Sax. Daniel se encarregará de procurá-lo. Drew Stanton é o dono da empresa de segurança que ela está usando e mantém uma vigilância prioritária sobre ela. O xerife ficará de olho mais de perto da casa dela durante suas patrulhas. E

quando for a julgamento, Caleb se assegurará de que passe bastante tempo atrás das grades. Os membros do Clube não a abandonarão. Cuidamos do que é nosso, você sabe.

Caleb Embers era o promotor designado para o caso, e um membro do Clube. Sax era bem consciente do fato de que se Vince chegasse a julgamento, Caleb o fritaria.

—Mantê-lo malditamente longe dela até o julgamento é o que me preocupa – cuspiu Sax. —Ela está tão determinada a negar o nosso relacionamento que poderia terminar lhe dando a fresta que ele necessita. Eu juro por Deus, James, não posso entendê-la. É como se ela pensasse que tem que negar-se a si mesma. Como se estivesse fazendo penitência por algo que só ela conhece.

—Ou como se estivesse aterrorizada de repetir o mesmo erro – sugeriu então James. —Ela deixou sua vida em suspense por seus pais. Quando morreram, já não era uma adolescente. A solidão pode fazer coisas estranhas a uma mulher. Casou-se com o primeiro homem que o ofereceu e aprendeu em semanas que tinha cometido um erro. Dá-me a sensação que você é algo que Marey não poderia suportar perder. Portanto ela vai lutar contra você mais duramente ainda.

O qual não era mais que ele esperava. Mas maldição se isso não punha seus nervos a flor da pele.

—Direi-te algo – James se inclinou para frente em sua cadeira, observando Sax com um brilho de luz conhecedor em seus olhos. —Vamos jantar em casa. Tomaremos algo e veremos se Ella tem alguma idéia a respeito de como romper o controle de seu amiga. Ela conhece Marey melhor que ninguém. Se alguém souber como encontrar seu ponto fraco, é minha esposa.

Sax tamborilou seus dedos sobre o braço de couro de sua cadeira. James estava certo. E Ella poderia ajudar também. Estava muito preocupada com Marey. Ela poderia ser uma excelente conspiradora.

Ele ficou rapidamente de pé, ignorando a risada de James enquanto eles colocavam os casacos e saíam pela porta.

—Então, quem é seu terceiro ultimamente? – Sax pensou finalmente em perguntar a seu amigo enquanto se aproximavam da porta.

James bufou.

—Ian saiu do esconderijo. Entretanto, penso que ele está fugindo. Vá se ele não está desesperado por afastar-se tanto quanto possível de sua própria casa desde que a filha de Dane se mudou para lái. Você a viu?

Dane Mattlaw tinha sido o melhor amigo de Ian quando ele viveu no estrangeiro em seus dias de jovem. O homem mais velho tinha sido uma influência estabilizadora, enquanto também o ajudava a desenvolver alguns dos gostos sexuais de Ian nos bordéis de classe alta que freqüentavam antes do casamento de Dane.

A filha era uma megera. De maneira que Ian não a tinha apresentado a nenhum dos membros do Clube.

—Mattlaw o matará – Sax sorriu abertamente quando finalmente registrou o comentário de James. —Se está fugindo dela, então ele está um pouco muito interessado.

—Muito interessado e negando-o também com muita força – James ria enquanto deixavam o escritório. —Observá-lo cair vai ser divertido, Sax. Ele é muito desdenhoso em sua atitude para o resto de nós depois de nossos casamentos. Todos nós a aplaudimos. Ela vai fazer sofrer esse menino até colocá-lo de joelhos e lhe fazer pedir misericórdia.

Isso recordou Sax o que Marey lhe estava fazendo. Maldita mulher.

—Ele me está deixando louca – Marey entrou pisando forte na casa de Ella horas depois do interlúdio em sua cozinha, ignorando sua sorridente amiga enquanto ia para a cozinha a procura de vinho, do qual Ella mantinha uma provisão constante.

Caramba, ela estava casada com um troyano, um dominador, um homem que compartilhava sua mulher, um macho sexualmente pervertido que provavelmente deixava Ella tão louca como Sax a deixava no momento.

—Ele é um doce, Marey – riu enquanto a seguia, para deslizar duas taças de sua posição sob o gabinete e as pôr sobre a mesa de trabalho.

Um doce. Sim, claro, era um apaixonado perfeito, e a estava deixando fodidamente louca provocando-a. Vigiando-a, checando sua casa o tempo todo, chamando para assegurar-se de que ela estava bem. O som de sua profunda voz de barítono, roçando áspera sobre seus sentidos, tinha quase sido a sua ruína várias noites consecutivas.

—Você deveria sabê-lo – bufou Marey finalmente de forma zombadora. —Não foi ele o amiguinho de James na primeira vez?

Ella limpou a garganta, um rubor ligeiro aflorando de suas bochechas com a resposta de Marey.

—Se eu tivesse sabido que você…

—Oh, cale-se – Marey acenou a mão fazendo uma breve frase governada pela culpa. — Não tenho problemas com isso. Só necessito soluções neste momento. Como me desfaço dele?

Serviu-se de meia taça de vinho, logo reconsiderou e encheu a taça. Definitivamente necessitava coragem líquida nesse momento. Colocou a garrafa sobre o mostrador, levantou a taça e tomou um bom gole. Necessitava da

força imediatamente, sem mencionar o bálsamo para seus nervos. O bálsamo para seus nervos era definitivamente algo indispensável.

—O vinho é para bebericar, o uísque é para beber de um gole – disse Ella suavemente, observando-a com cautela. —Então, por que não te importa se transei com Sax?

Marey estava no processo de deixar a taça na mesa. Fez uma pausa, percorreu com o olhar sua amiga, e voltou a levantar para outro bom gole. A oportunidade de Ella chegou.

—Simplesmente não deixe que aconteça outra vez – resmungou enquanto voltava a encher a taça momentos mais tarde. —Não acredito que agora pudesse perdoá-lo.

Isso era um eufemismo. Poderia estar malditamente bêbada, mas sabia que Ella nunca consideraria voltar a fazê-lo depois de suspeitar dos sentimentos que Marey tinha por ele. Marey certamente poderia felicitar-se por como tinha escondido, seus sentimentos pelo homem, mesmo de seus amigos mais próximos. Ella não tinha idéia até várias semanas depois de retornar de sua lua de mel. Durante uma das visitas noturnas de Marey, Ella tinha revelado que Sax tinha sido o terceiro no trio troyano que James tinha montado.

Marey se ruborizou desconfortavelmente com a lembrança do que lhe havia dito em resposta.

Toque-o novamente e te arrancarei as amídalas fora! Marey tinha advertido arrogantemente sua amiga. James não te encontraria tão atraente então.

Suspirou cansadamente. Ela tinha se fodido naquele momento. Ella tinha tentado jogá-la nos braços de Sax desde então.

—Mas você não o quer? – Ella levantou uma sobrancelha perfeitamente formada com maliciosa interrogação.

—Não comece a me dar lição de moral, Ella – respondeu bruscamente, empurrando seus dedos friamente através de seus cabelos e desejando que ela tivesse tido tempo para confinar os largos fios loiros em uma trança ou algo parecido. Algo para mantê-lo afastado de seu rosto. Exasperava-a, e não necessitava essa frustração adicional.

—Quem está te dando lição de moral? – Ella deu de ombros enquanto se servia de meia taça de vinho, logo repôs a taça de Marey e indicou para o sala de estar. —Nos permita ao menos discutir com conforto. Por que sempre tem que vir aqui procurando briga? Tenho coisas melhores para fazer do que brigar com minhas amigas.

Sim. Como foder James Wyman com Saxon Brogan como o terceiro de um trio, coisa que deixava Marey louca só de pensar nisso. Não porque as proezas passadas a incomodassem. Ella era sua amiga, mais do que uma irmã, e realmente, se tinha que compartilhar um homem em tal situação, então seria Ella a quem ela escolheria, pensou caprichosamente.

Maldição, este vinho deve ser forte.

Suspirando, desabou-se pesadamente em sua cadeira favorita de couro, acomodou-se um pouco e logo lançou a Ella um olhar acusador.

—James esteve sentando-se em minha cadeira – disparou. —Vai danificá-la.

Marey viu Ella sufocar uma risada. Ninguém a levava a sério.

—Bem, algumas vezes a compartilhamos – Ella elevou as sobrancelhas sugestivamente à medida que Marey ficava boquiaberta olhando para ela.

—Credo! – Marey saltou da cadeira. —Vocês transaram em minha cadeira?

—Bem, logo a limpei. – Ella definitivamente ria agora. —Não se preocupe, não ficou prova do acontecimento.

Marey se estremeceu e se mudou a uma poltrona menos confortável.

—Vocês transaram aqui também?

—Querida, cada centímetro quadrado desta casa viu ação este ano – Ella se reclinou em sua cadeira, seus olhos cintilando de risada quando Marey fez uma careta de aversão.

—Eu suponho que inclusive sobre o asqueroso chão. – suspirou enquanto voltava a deixar cair sobre sua cadeira favorita. Demônios, não queria pensar em sexo agora. Não queria ouvir nada a respeito disso, ou saber algo a respeito disso.

—Sim, inclusive sobre o asqueroso chão – Ella riu da descrição. —Agora me diga, por que te incomodaria se eu transasse com Sax agora, se não te incomodou antes?

Marey lhe deu um olhar perverso. O merecia. Ela era tão malditamente confiante e sexualmente perversa agora que deveria ser queimada na fogueira.

—As mulheres como você eram apedrejadas cem anos atrás, Ella. – ela lhe recordou com distante frieza.

—Isso foi há duzentos anos atrás, querida – apontou Ella, brindando com sua taça. —Não te alegra que tenhamos nascido em uma época mais ciente sexualmente?

—Você não quer que eu responda isso agora mesmo – Marey suspirou cansada, voltando a olhar a sua amiga com uma mescla de irritação e afeto.

—Me responda, Marey – exigiu Ella muito suavemente. —Não te deixarei sozinha até que o faça.

Marey suspirou com resignação.

—Caramba, não sei. Talvez sou tão pervertida como o resto de vocês. – Ella lhe lançou um olhar desaprovador. Uma que Marey ignorou, como sempre tinha feito.

Que demônios se supunha que tinha que dizer? Este ciúmes não tinha nada que ver com isso? Ela era mais esperta que tudo isso. Os amigos duravam para sempre, os homens não. Além disso, sabia que Ella nunca teria deixado que Sax a tocasse se tivesse sabido que Marey estava minimamente interessada nele. Estar agora zangada por isso era no mínimo ridículo.

—Então qual é seu problema? – Ella levantou a taça, bebericando seu vinho enquanto a observava com seus inquisitivos olhos azuis.

Ella sempre tinha visto muito. Tinha sabido quando Vince abusava dela, quando tinha tido suficiente e estava preparando-se para deixá-lo, quando começou a temer por sua segurança devido a suas ameaças. Elas tinham conhecido uma à outra durante anos, seus pais tinham sido amigos íntimos, e apesar de sua diferença de idade, sempre tinham estado perto. Esses laços de amizade só se reforçaram quando se tornaram adultas.

—Ella, deve fazer com que James fale com ele – Marey terminou seu vinho antes de inclinar-se para frente e estender a taça a Ella para que a enchesse. —Ele está me deixando louca. Ele liga. Checa a casa toda noite. E esta manhã, teve o descaramento de apresentar-se exigindo tomar o café da manhã. Está tratando de assumir o controle.

—Eu vejo… – Ella assentiu sobriamente. —Isso poderia ser um problema.

—É horrível – grinhiu Marey, furiosa com o brilho de risada nos olhos de Ella. —Não quero ele lá. James vai ter que falar com ele.

—Vince pagou a fiança noutro dia, não é, Marey? – disse então Ella, sua voz gentil, mas conhecedora.

Marey se reclinou em sua cadeira, abaixando a cabeça para olhar perdidamente para o líquido pálido que enchia sua taça.

Sim, Vince tinha pago a fiança.

—Isso não tem nada que ver com isto – sussurrou. —Não sou covarde, Ella.

Mas ela era. Podia sentir esse conhecimento raptando através de sua mente, zombando-se dela pela vida estéril e solitária que levava.

—Nunca pensei que você fosse uma covarde, querida – suspirou Ella. —Só assustada. E nunca te culpei por isso. Mas tem que contra-atacar em algum momento.

Marey evitou seu olhar, negando com a cabeça enquanto engolia em seco o nó em sua garganta.

—Ele iria atrás do Sax – sussurrou finalmente. —Não de mim.

E ela não podia tolerar essa idéia.

—E Sax é o suficientemente homem para lhe fazer frente – bufou Ella. —Vamos, Marey. Vince só se mete com aqueles que são mais fracos que ele, e você sabe disso. Sax faria pó desse pequeno bastardo.

—Ou Vince machucaria a alguém mais, ou lhe armaria outra armadilha novamente – respondeu bruscamente Marey. —Ou poderia fazer algo para que seus freios falhassem. Ou qualquer outra quantidade de coisas que poderiam terminar destruindo-o. Maldição, Ella – voltou o olhar para ela tristemente. —Não posso deixar que isso aconteça. Não pode vê-lo?

—Vince está em liberdade sob fiança. Uma vez que vá a julgamento, terminará na cadeia – assinalou Ella.

—Por quanto tempo? – Marey desdenhou então. — Um ano? Dois?

Deixou a taça de vinho na mesa que separava suas cadeiras e se levantou. Cruzando os braços sobre o peito, caminhou até uma das largas janelas do outro lado do quarto antes de voltar-se para enfrentar sua amiga.

—Cresci acostumada a estar sozinha…

—Você está fora dessa merda! – repreendeu Ella. —Acostumou a se esconder, Marey. Não arriscando nada e não tendo nada, e permitindo a Vince te aterrorizar. Não farei com que James fale com Sax. – Ella levantou seu queixo com teimosia. —Acredito que ele está fazendo o correto e acredito que Sax é o homem perfeito para você. Sendo assim esqueça.

—É uma cadela! – grunhiu Marey.

—Necessita-se uma para conhecer outra – replicou Ella de maneira infantil, voltando a franzir o cenho teimosamente. —Talvez seja afortunada e Sax lhe dê apenas uma surra. Oh, mas você poderia acabar gostando. Direi-lhe que se abstenha disso por um tempo.

Marey entrecerrou seus olhos como advertência. A resposta de Ella foi um pequeno sorriso frio, enquanto se levantava, lhe fazendo frente desafiadoramente.

—Isso foi um golpe baixo – grunhiu Marey furiosamente.

—Não, querida, baixo é lhe dizer que língua mágica ele tem – ela suspirou zombadoramente. —E o que desfruta ele ao comer uma xoxota. Esse homem é um entendedor. Pode fazê-lo durante horas, e te deixar gritando por mais.

Oh, ela não precisava ouvir isso. Seu sexo se inundou, os sucos desceram de sua vagina até cobrir as dobras nuas e brilhantes da parte de baixo enquanto ela recordava justamente quão boa era sua língua.

A expressão de Ella era empolgadamente zombadora, seus olhos brilhando em confrontação, seus lábios curvados em um pequeno sorriso satisfeito.

—E tem vigor – ela disse francamente a palavra com expressão prazeirosa, enquanto Marey aspirava lentamente, refreando sua resposta. —Seu cacete se estira, te faz arder, te faz suplicar… – ela fechou seus olhos sonhadoramente. —Ele é quase tão bom quanto James.

—Alegra-me saber que tenho algum valor em meio de tudo isso.

O som da voz divertida e profunda de James fez que as duas saltassem em uma assustada ciência da presença dele, enquanto se voltavam a fixar o olhar para a porta.

Ele se recostou contra o batente da porta, parecendo incrivelmente belo, pecaminosamente sexy. Marey entendia perfeitamente por que sua amiga estava louca por ele fazia tantos anos.

—Esta é uma conversa privada – a despeito de seu furioso rubor, Ella se ergueu arrogantemente e enfrentou seu marido. Embora Marey não tivesse problemas em ver a excitação que reluzia nos olhos de Ella.

—E eu a escutei – seus lábios se curvaram em um sorriso, seus olhos brilharam divertidos. —Muito interessante, sem dúvida – refletiu enquanto cruzava os braços sobre seu largo peito. —Deveria eu deixar Sax saber que vocês estão o esperando para uma visita?

—Não! – A exclamação furiosa de Marey se uniu a dela enquanto ambas o enfrentavam agora.

Ele riu com a resposta.

—Vá jogar ou fazer algo parecido, James – Ella agitou sua mão para que ele se retirasse. —Esta é uma conversa de garotas.

—Isso é o que me pareceu – disse ele lentamente. —Mas possivelmente vocês duas gostariam de saber que Sax estará aqui em aproximadamente dez minutos, para conversar sobre um produto novo que está em fase de desenho e para compartilhar uma cerveja enquanto se lamenta da obstinação de certa mulher. Marey poderia querer fugir enquanto tem a oportunidade de fazê-lo. Ele precisamente está desejando tirá-la de sua fortaleza, e ela parece bastante satisfeita com isso nesse momento.

Ele percorreu com o olhar seus peitos e o olhar de Marey desceu para a seda azul real que cobria os montículos cheios. Seus mamilos empurravam contra a roupa como um sinal que advertisse de uma completa noite de sexo.

O olhar de Marey voou horrorizada para Ella.

—Isto é por sua culpa – estalou. —Não precisava ouvir nada disso.

—Mas ainda me ama – Ella sorriu abertamente.

—Cadela – grunhiu Marey de novo. —.E sim, ainda te amo. Mas estou indo como o vento.

E não perdeu tempo em fugir. Sax estava nesse momento a uma distância muito, muito curta e ela sabia disso. E por mais que ela gostasse de Ella nem por todos os infernos ela ficaria para encontrá-lo. Por causa de seus próprios desejos que estavam retidos por rédeas ainda mais curtas e cresciam ferozmente nesse dia.

Marey trancou a porta quando chegou a sua casa. Ignorou a campainha, agradecendo a Deus que Ella não lhe tivesse dado ao Sax os códigos de segurança da casa pois ela tinha as chaves. No dia seguinte, ela agiu da mesma forma. Covardia? Infernos, sim, disse-se ferozmente. Sax a aterrorizava de um modo que a preocupava.

Marey finalmente escapou ao redor do meio-dia, incapaz de cancelar seu encontro com Ella na Delacourte para completar o planejamento para a festa anual de Natal. Conseguiu entrar sem incidentes, mas sair não ia ser tão fácil.

—Quando você vai parar de fugir de mim, Marey?

Maldição.

Ele a surpreendeu no escritório vazio da secretária de James, onde esta deveria ter permanecido de guarda, mas estava ausente em vez disso.

—Não me escondo de você – ela negou a acusação tranqüilamente, apesar do fato de que ela sabia que o fazia sim. E o ia seguir fazendo em cada oportunidade que tivesse. —Ia para casa. Terminei por hoje, Sax.

Ele estava parado diante dela, muito perto, mas ela se negou a recuar. Tinha fugido de seu ex-marido durante anos, já a tinham humilhado o bastante. Não ia recuar de novo por outro homem. Especialmente conhecendo o Sax como o conhecia. Alguém que podia fazer com que seus sentidos alcançassem o prazer. Fazer que seu corpo alcançasse o orgasmo. Dissolver sua mente com um só um toque. Deus, ela estava perdida.

Ele a dominava com sua presença, alto e largo, sua cabeça raspada brilhando pela luz que havia em cima deles. Sua pele escura ficava realçada pela cor cinza carvão de seu traje e seus escuros olhos cor chocolate. Olhos que a esquentavam enquanto a olhava, igual a seu sorriso.

Como ela pôde supor que ia poder lutar contra ele e contra si mesma?

—Estou me cansando de te esperar, Marey. – Sax falou sem rodeios. —Você está me tentando a concretizar uma pequena fantasia que discutimos antes. Pode pensar que se escondendo de mim vai conseguir qualquer objetivo que se tenha proposto, mas posso te assegurar, neném, que depois de ontem, não vou te dar mais tempo.

Marey sentiu como o rubor cobria seu rosto.

—Você realmente deveria esquecer o que passou – resmungou ela, cruzando os braços sobre seus peitos quando ele pôs seu braço contra a entrada, como se se apoiasse contra ela por casualidade.

Sax era tão impressionante como um homem podia ser. Tão bonito que sua boca babava só de pensar em prová-lo, suas mãos se coçavam por tocá-lo. E ela sabia como era cada músculo debaixo dessa roupa feita sob medida que

habilmente se adaptava a seu duro e musculoso corpo, igual àquela protuberância atrás do zíper de suas calças, capaz de satisfazer a uma mulher de uma forma ou outra.

Ela arriscou uma olhada rápida para baixo. Ah, infernos, sim, definitivamente era atraente.

—Você pode me tocar, se quiser. – Sax riu abertamente dela quando captou seu olhar. —Depois de ontem, não tem nenhum sentido ser tímida, querida.

Marey limpou a garganta, nem tanto por sentir-se envergonhada nem tímida, mas ela estava ciente de que se encontrava na corda bamba. Lutar contra si mesma já era bastante difícil. Não sabia se seria capaz de lutar contra ele também.

Sem considerar os anos de sonhos e o tolo apego emocional que ela tinha desenvolvido por ele depois de seu divórcio. O por que ela fugia agora não tinha sentido, e duvidava que tivesse sentido para alguém mais.

—De acordo – ela respondeu tranqüilamente ao final, rechaçando o convite de tocá-lo. —Eu tenho que partir, de qualquer forma, se não te opuser.

—Saia comigo.

A oferta a deixou abalada. Seus olhos se alargaram, seu fôlego se bloqueou em seu peito enquanto ele a olhava sombrio, fixa e atentamente. Era tentador. Muito, muito tentador.

—Não é uma boa idéia, Sax – sussurrou ela finalmente. —Você sabe que não é.

—Não pode continuar fugindo – suspirou ele. —E maldita seja, não vou seguir te perseguindo. Quando vai deixar Vince sair da sua vida?

Ela não o olhou, movendo-se para trás quando ele se afastou da entrada e se aproximou mais dela. Marey retrocedeu, mas depois se deteve. Não ia fugir dele. Mas Deus, como poderia ela lidar com ele…?

Seu fôlego muito rápido era totalmente audível quando sua mão se levantou, alisando a seda que cobria seu braço. A carícia provocava um formigamento em seus nervos, quando a mão dele agarrou a sua e ela respondeu estremecendo-se. O dorso de sua mão acariciou seu duro mamilo, enviando assaltos a sua consciência fazendo-a estremecer.

Seus clitóris pegou fogo, inchando, queimando-se fora de controle por mais contato da mão que roçava esse duro pico. Sua vagina se esticou com ofegante fome, lhe recordando que até seus vibradores careciam de repente da satisfação que ela tinha encontrado alguma vez com eles.

—Sax, isto não é muito inteligente – sussurrou ela. —Você sabe que não é.

Sua cabeça baixou, deixando seus lábios sobre sua têmpora quando ela olhou para cima. O calor, a brutalidade aveludada do beijo a fez fechar os olhos e sucumbiu à debilidade.

—Eu te quero, Marey – murmurou ele enquanto movia seus lábios com o passar do contorno de seu rosto até seu ouvido. Ali, seus dentes beliscaram o sensível lóbulo, puxando eroticamente enquanto ela tremia, seus braços o rodearam, apertando-se contra seu duro peito, seus dedos acariciando a seda de sua camisa. —Ontem só foi um pequeno aperitivo. Eu quero tudo de você. Quente e molhada, gemendo debaixo de mim quando te mostrar quão bom podemos estar juntos. Você não gostaria disso, neném?

Ela estava de pé, aturdida pelo prazer que a envolvia quando ele baixou uma mão até a curva de sua nádega, seus dedos apertando sua carne enquanto seus dentes raspavam seu pescoço.

—Você recorda que como foi bom? Eu lembro. Enterrado cômodo e profundamente em seu doce traseiro. E depois quero me afundar em sua pequena xoxota quente. Profundo e apertado enquanto te sinto me chupando, ouvindo seus pequenos gemidos selvagens em meus ouvidos.

—Você não está jogando limpo – sussurrou ela, sentindo como o prazer atravessava como um raio em seu útero, golpeando entre suas coxas e fazendo que seus clitóris pulsasse com a excitação.

Ela estava tão fraca. Muito fraca.

—Não estou jogando – murmurou um segundo antes de que seus dente roçassem seu pescoço outra vez e sua mão apertasse a carne de seu traseiro. — Absolutamente. Lembre-se disto, Marey. Não é um jogo, e a próxima vez, maldita seja, que te negue a me abrir a porta, acabou-se. Você pode me dizer não, se não quiser que a toque, mas que me condenem se me preocupar se estiver nessa casa morrendo de hemorragia ou morta. Não cometa esse erro outra vez.

Sua voz tremia pela agitação. Ele falava a sério. Muito a sério, e ela sabia.

Sax se endireitou então, encarando-a melancolicamente, seus olhos brilhando com uma fome sensual e uma intensidade emocional que a sacudiu até as pontas dos dedos do pé.

—Apresse-se e fuja – disse ele em tom zombador. —Ou não terá possibilidade de escapar outra vez. A próxima vez que te encurralar, vou te foder até que nunca mais ouse fugir de mim novamente. Não será capaz de respirar, nem negar o que ambos queremos.

Ela piscou pelo choque. E fugiu.

Marey se moveu rapidamente ao redor dele e fez justo isso. Relutantemente. Diretamente para casa, para seu quarto, para sua cama, seus olhos se fecharam e utilizou o vibrador para aliviar o desejo que o toque do Sax lhe tinha provocado.

Sax suspirou bruscamente, Marey fez o que lhe sugeriu, tinha fugido. Ele estava começando a se cansar disso. Era mais arisca agora do que antes. E isto rompia seu coração. Ele podia vera nostalgia, a dor em seus olhos, e não queria nada mais que aliviá-lo. Para amá-la até que a dor desaparecesse e brilhasse de felicidade, como aconteceu com Ella.

Maldita seja, ele queria que o escolhesse, e reconhecesse a verdade. Não queria obrigá-la a aceitá-lo, ele não queria vencer suas objeções ou anular seu acanhamento e seus medos. Queria que ela viesse a ele. Arrogância? Sax bufou por esse pensamento. Provavelmente. Mas ela tinha se escondido por tanto tempo que isto estava começando a ferir seu ego.

—Ela vai parar de fugir, Sax. – Ella saiu do escritório onde se reuniu com Marey, sua voz soava preocupada, compassiva. —Às vezes é muito obstinada e você só tem que deixar que se venha abaixo.

Um sorriso cruzou seus lábios. Ela tinha estado defendendo sua amiga durante meses. Isto tinha começado ao mesmo tempo em que James lhe tinha informado que Ella tinha recusado a participar de outro trio com ele.

—Eu tenho esperado por muito tempo, Ella – suspirou ele cansadamente. —Estou me cansando de esperar. Quando o fizer, ela terá que preocupar-se de algo mais que Vince. Marey vai ter que se preocupar comigo.

Ela inclinou a cabeça, embora ele pôde captar um sorriso divertido em seus lábios.

—É algo que talvez você devesse considerar – disse ela finalmente enquanto levantava a cabeça, olhando-o fixamente, sombria. —Marey não sempre estende a mão para agarrar o que quer, Sax. Está acostumada a empurrar para longe, quando quase o alcançou.

Ele queria que ela viesse a ele. Marey tinha lhe implorado anos atrás que a deixasse em paz, que cessasse em sua campanha para seduzi-la. Ele se tinha prometido então que quando o tempo passasse, voltaria a dar a Marey a opção a decidir. Possivelmente aí era onde tinha estado o engano. Ele não conhecia então todas as coisas que agora sabia. Sua determinação de manter-se à distância, para assegurar-se de não voltar a sofrer nem a ser enganada de novo.

Sax colocou sua mão no bolso de suas calças enquanto olhava fixamente para Ella, vendo a mulher confiante, sensual, e carinhosa em que se converteu depois do ano passado. Ela tinha fugido de James por quase uma década, tão teimosa e determinada como agora estava sua amiga. Hoje estava feliz, apaixonada… Poderia ele encher os olhos de Marey da mesma satisfação, aquele brilho de uma mulher confiante e bem satisfeita por encontrar-se nos braços de seu amante?

Sax abaixou a cabeça, contemplando o tapete do escritório enquanto lutava por controlar os impulsos que tinham estado crescendo dentro dele durante semanas. Depois do ataque de Vince, ele não tinha querido que ela se sentisse como se tivesse que encarar outra situação extrema, outro homem incapaz de deixá-la ir.

Possivelmente em vez de lhe dar o espaço necessário para encontrar as respostas, ele faria o que Ella tinha lhe sugerido. Não lhe dar a possibilidade para esconder-se. Marey não precisava esconder-se mais. Tinha estado escondendo-se durante muito tempo.

Capítulo 4

Havia alguém na casa.

Marey se sobressaltou na cama mais tarde nessa noite, aterrorizada quando escutou um ruído no piso de baixo. Que demônios era isso? Por que o alarme não tocou?

Aí estava outra vez. Piscou na escuridão. Era um assobio? Olhou fixamente no quarto escuro, seu coração acelerado, o som ressonava em seus ouvidos enquanto lutava por despertar, para lhe encontrar sentido ao repentino pânico que sentiu propagar-se de novo através dela.

O novo sistema de alarme era supostamente infalível. Alertaria à polícia e emitiria um buzina que levantaria os mortos se a casa fosse arrombada. Evidentemente, não era tão seguro como o vendedor lhe tinha prometido.

Ali estava outra vez. Era um assobio. E ela conhecia aquele som. A pequena melodia era uma com a que Vince era fã. Ele podia assobiá-la durante horas, trabalhando sua raiva enquanto o fazia. Isto sempre anunciava outra acusação, outro arrebatamento, e naquelas semanas finais de seu casamento, outra agressão física contra ela.

Merda. Saltou da cama, vestindo o robe enquanto alcançava seu celular da mesa de cabeceira e discava o número do xerife. Isto era uma loucura. Como diabos tinha conseguido violar o alarme e entrar na casa? E por que estava sendo tão estúpido?

—O escritório do xerife. – A telefonista atendeu ao primeiro toque.

—Janey, sou Marey Dumont – disse ela, sussurrando. —Vince entrou em minha casa.

Ela tinha ido à escola com Janey, conhecia seu marido e seus filhos. Nenhum deles gostava de Vince. Ela não podia culpá-los.

—Fique comigo, Marey. Conseguirei que alguém que se encontre na área vá aí.

Marey escutava enquanto a voz de Janey se fazia mais distante, imperativa, enquanto passava a informação.

—Tenho um carro patrulha à caminho, Marey – ela retornou, sua voz tranqüila, fria. —Quero que fique ao telefone comigo, querida, até que eles cheguem. Diz que o alarme não soou?

—Nem um assobio – sussurrou ela. —Despertei quando ele fez um ruído lá embaixo. Não sei como pôde entrar.

Não tinha sentido. Vince não era muito habilidoso, e com a eletrônica sua destreza era nula. Ele teria necessitado do código da grade assim como o da porta.

Algo se rompeu no piso de baixo.

—Puta merda! – gritou Vince das escadas, enquanto se podia ouvir algo mais rompendo-se contra a parede. Demônios, estava quebrando seus vasos, pensou miseravelmente. Tinha pago muito dinheiro por aquelas malditas coisas. Sua companhia de seguros ia pôr o grito no céu.

—Merda. Janey, lhes diga que venham depressa – murmurou ela roucamente. —Está bêbado e zangado. Como diabos anulou meu alarme?

Ela se moveu rapidamente até a porta do dormitório, fechando-a com chave antes de empurrar uma cadeira grande e incliná-la até que o respaldo ficasse enganchado sob a maçaneta de latão. Essa era a única proteção em que podia pensar. Amanhã, prometeu-se, ia comprar uma arma.

—Eles estarão aí em seguida, Marey, só tenha calma – lhe assegurou Janey serenamente. —Quero que fique longe da porta. Te esconda no banheiro e tranque a porta com chave. Fique tão longe dele quanto for possível até que chegue a ajuda.

Podia ouvir como a voz de Janey se desvanecia enquanto se voltava para a rádio e chamava para informar a quem quer que estivesse vindo para a casa.

Ficou parada indecisa no centro do dormitório, olhando ao redor com pesar. Não podia ficar aqui. Vince estava claramente louco. Primeiro o ataque no motel e agora isto. Ela não podia, não ia viver desta maneira.

—Matarei-te esta vez, sua puta. – Ele estava na porta, seus punhos esmurrando a porta enquanto Marey começava a tremer nervosamente. —O que te faz pensar que pode se prostituir ao meu redor ? Matarei-te só por pensar em deixar a outro homem te tocar. Sua vagabunda. É uma mulher morta!

Enfurecido, quase incoerente, suas maldições golpearam dentro dela, fazendo que seu estômago se contraísse de medo enquanto mordia seu lábio para conter o grito de raiva que subiu em sua garganta. Divorciaram-se fazia anos, e ela tinha tomado cuidado. Muito cuidado em ter a segurança de que ele não a atormentaria como tinha feito no primeiro ano depois de sua separação.

Seus punhos golpearam na porta outra vez, sacudindo o painel. Era um bruto. A porta era pesada mas ela não sabia se poderia aguentar.

—Janey, isto está ficando sério – murmurou ela, sua voz tremia enquanto caminhava em volta do banheiro e fechava com chave a porta também. Não havia nenhuma cadeira para colocar contra a porta, nada para contê-lo. —Esta porta não o impedirá.

—Dois minutos, Marey – lhe prometeu Janey tranqüilamente. —Você pode agüentar dois minutos. Agarre um tubo de spray de cabelo. Se ele entrar, pulverize diretamente nos olhos dele. Faz o que tenha que fazer. O xerife Richards e o ajudante Carlson estão quase ali. Ouvirá as sirenes logo e ele também. Talvez isto o fará correr.

Ela tinha razão. Segundos mais tarde podia ouvir o som das sirenes ao longe. O alívio tomou conta dela enquanto as lágrimas enchiam seus olhos. Seus nervos estalaram quando sentiu a sacudida de Vince que se lançava contra a porta.

—A porta está trancada – disse Marey a Janey, movendo-se ao longo da parede quando ouviu que ele me chocava contra a porta outra vez. —O código é seis, quatro, oito, três, dois, nove. Isto vai os atrasar.

Janey transmitiu o código ao xerife antes de voltar.

—Ouve-os agora? – As sirenes se ouviam mais fortes.

—Sua puta. Vagabunda – gritou Vince. —Te pegarei, cadela. Quando o fizer, te matarei. Aquele xerife maldito não te salvará sempre.

O som de pés que se afastavam pela escada lhe assegurou que ele partia. Suspirando de alívio, ela desmoronou contra a parede, uma pequena risada cansada, nervosa escapou de sua garganta enquanto as lágrimas oprimiam seu peito.

—Ele se foi – sussurrou ela então. —Janey, ele vai me matar. Que demônios vou fazer?

A casa estava uma bagunça.

Claramente Vince tinha encontrado muitos modos de divertir-se antes de que ela despertasse. Palavrões tinham sido escritos com marcadores permanentes em vermelho e negro sobre as paredes. Os móveis da sala de estar estavam rachados, vasos e cristaleiras que tinham sido relíquias de família estavam quebrados. Marey sabia que alguns artigos eram impossíveis de substituir.

Olhou fixamente a destruição ao redor, vestida com jeans e um suéter para evitar o frio que alagava seu corpo enquanto o xerife e seu ajudante preenchiam os relatórios e chamavam à empresa de segurança. Depois de umas horas, a casa estava cheia de gente, e tudo que Marey podia fazer era permanecer quieta e olhar ao redor o desastre que seu ex-marido tinha provocado.

—Você precisa encontrar um hotel, ou permanecer com um amigo durante uns dias, Marey. – O xerife Richards caminhava ao redor da confusão no corredor de entrada enquanto se dirigia para a sala de estar. — O sistema de segurança está intacto mas ele obviamente tem os códigos. Não está segura aqui.

Duhhh. Não me diga.

Marey guardou o comentário sarcástico para si mesma enquanto olhava fixamente para o xerife.

—O que vai fazer a respeito dele? – ela lhe perguntou cuidadosamente. —Está em liberdade sob fiança. Pode seguir me aterrorizando, Xerife. Que demônios vai fazer sobre isso?

Ele suspirou bruscamente, apoiou suas mãos em seus quadris e sacudiu sua cabeça. Tão atraente que estava, como agora, ela tinha vontade de lhe quebrar os dentes. Não estava sendo de absolutamente nenhuma ajuda.

—Vamos pegá-lo. Violou os termos de sua liberdade condicional, por isso a fiança será revogada. Mas até que o agarremos, não está segura.

—Ela estará.

Marey congelou quando ouviu a escura, perigosa voz atrás dela. Ela de voltou devagar para a porta principal aberta e olhou fixamente ao Sax Brogan com um fatal sentido de resignação.

Agora, como não tinha adivinhado que ele ia aparecer?

Um homem não deveria ser tão pecadoramente atraente, pensou. Ele não deveria roubar o último fôlego de uma mulher com seu cenho franzido, ou debilitar seus joelhos com um daqueles pequenos olhares quentes de seus escuros olhos cor chocolate. E não deveria fazer que sua vagina ardesse em meio a uma situação que era precária para não dizer mais.

—Olá, Sax, é bom te ver outra vez. – O xerife Richards o saudou com a cabeça enquanto Sax caminhava pela casa. —Espero que a convença a sair daqui até que apanhemos o Vince. Ela está um pouco zangada comigo. – Ele lhe dirigiu um olhar divertido.

Marey lhe franziu o cenho.

—Não estou zangada, nem sou uma menina, Xerife. – disse ela. —E não necessito de um homem para cuidar de mim. Posso tomar minhas próprias decisões.

Marey odiava quando os homens agiam como se uma mulher só estaria segura se tivesse um homem diante dela. E no caso de Sax, se as coisas fossem como ele queria, teria um atrás dela também.

—É obvio que pode. – O xerife assentiu com a cabeça. —O que significa que vai seguir meu conselho e sair daqui até que eu te avise que capturamos Vince Clayton. Não é assim, Marey?

Por que os homens sempre pensavam que eles tinham razão e ela estava errada?

—Separe algumas roupas, Marey – disse Sax tranqüilamente, embora ela pudesse captar a imediata tensão em seu corpo. —Te levarei para que fique com Terrie ou Ella, mas você vai sair daqui. Nem que tenha que sair carregada.

Sua rosto escuro mostrava linhas de determinação e resolução. Marey desviou o olhar, sabendo que se fosse com ele, não a deixaria em nenhuma parte. Ela iria a sua casa. Sua cama.

Olhou-o novamente sabendo que estava perdendo uma batalha que na verdade ela não queria mais lutar. Tinha tomado sua decisão quando foi ao encontro dele no motel, quando tinha deixado que seus desejos e suas necessidades vencessem a sua razão. Não podia culpar a ninguém mais do que a ela mesma.

—Vamos, Marey – o xerife a apressou. —Temos Vince sob uma ordem de busca e captura. O teremos sob custódia logo. Até então, se proteja. Fique longe dessa casa.

Cerrando seus dentes com fúria, dirigiu ao Sax um olhar fulminante enquanto se virava e caminhava com passo majestoso para a escada.

—Leve me a um hotel – lhe disse ela, enquanto procurava lhe dar as costas. —Nenhuma pergunta, nenhuma alternativa. Um hotel.

—O que você quiser, Marey – lhe respondeu ele, sua voz cuidadosamente neutra.

Fazendo uma pausa, ela se voltou para olhá-lo.

Sua expressão era puro pecado, sexo em sua forma mais densa. Seus olhos escuros brilhavam, sua expressão estava cheio de segundas intenções. Ela estava fodida. Infelizmente, pressentia que ia gostar. E muito.

Capítulo 5

Marey sabia que Sax não ia fazer o que ela pediu. Como ela sabia? É que ela era médium, ela zombou-se de si mesma. Sabia porque conhecia Sax Brogan. Três anos antes, ele a tinha reclamado sem nada mais que um beijo. Um beijo transcendental, escuro, abafado que tinha enchido seus sentidos de visões de prazeres quentes, carnais e sua mente com seus próprios gritos de necessidade luxuriosa.

Ela o tinha afastado com um simples pedido. Uma súplica. E durante anos ele tinha aceitado isso. Até o dia em que foi preso porque ela foi atacada por Vince durante um encontro que ela pensava que era com ele. Ela soube

quando entrou naquele quarto de motel que tinha cometido um grave erro tático. Não só tinha perdido a batalha com Vince, mas também sabia que em caso de sobreviver, poderia perder outra batalha mais pessoal, com Sax.

Ele não disse uma palavra depois de carregar sua grande mala no porta-malas de seu Lexus e ajudá-la a entrar no lado do passageiro. Tinha caminhado ao redor do carro, se acomodado no volante, engatado a marcha e afastado de sua casa. Diretamente para a dele. Uma formosa casa de estilo contemporâneo de dois pisos nos subúrbios da cidade, rodeada por árvores de um lado e pela enfeitiçada melodia do oceano do outro. Era áspera e robusta como ele.

E ela tinha mantido a boca fechada. Não tinha exigido que ele a levasse a um hotel. Ela tinha sentado no carro, em silêncio, olhando a noite passar enquanto sua vagina se molhava mais a cada segundo.

—Belo lugar. – Disse ela finalmente quando encontrou a coragem para falar enquanto ele fechava e trancava com chave a porta atrás deles. O quarto aonde eles entraram era enorme. Não havia nenhuma entrada, só uma sala de estar de teto grande, aberto que era espaçosa e cômoda e ao mesmo tempo tão resistente como ela sempre pensava que era Sax.

—Esta é a casa. O dormitório está aqui acima. – Ele a conduziu pelo vão duplo da porta e entraram em um curto corredor com uma alta escada de carvalho que conduzia ao piso superior.

Como a sala de estar, o vestíbulo tinha um teto aberto que lhe permitia vislumbrar a habitação de cima. Ela o seguiu acima silenciosamente, seu coração trovejando em seu peito, sabendo que não queria, não podia lutar contra ele por mais tempo.

O quarto ao que ele a conduziu era, obviamente, o seu. O mobiliário era extremamente masculino, uma cama king-size imensa, enorme, um closet alto e amplo e uma cômoda baixa, com espelho. Uma parede estava aberta, protegida com um corrimão robusto, através do qual se via a sala de estar. Ao lado dela havia um escritório, o computador que havia em cima ainda estava ligado e a última mensagem que ele tinha recebido ainda aparecia na tela.

De Wicked, Janey tinha advertido a Tally: Vince invadiu a casa de Marey. Vá para lá agora!

—Bem, um viva pela confidencialidade – comentou Marey enquanto contemplava a tela. —Pensei que os despachantes juravam confidencialidade ou algo parecido?

Ele foi até o computador e baixou a tela com um estalo antes de voltar-se e soltar sua mala na poltrona reclinável que estava situado diante das portas do terraço superior.

—Pode colocar suas coisas onde encontre espaço – lhe disse ele. —Iremos pegar o resto de suas coisas amanhã.

—Iremos? – murmurou ela. —Você e qual exército?

Ela o confrontou totalmente então, consciente da tensão que reinava entre eles.

Sax encolheu de ombros tirando a jaqueta enquanto se voltava para ela, e a atirava sobre sua mala. Ele a olhou fixamente, seu olhar vivamente quente enquanto seus dedos foram aos botões de sua camisa.

—Não preciso de um exército, Marey. – Seus lábios se retiraram de seus dentes em um rangido elementar. —Pare de me atormentar. Sabe que vai ficar aqui, ao menos por enquanto. Por que não deixa de lutar contra isso, e contra mim, e vemos aonde infernos nos leva esta situação?

Ela deixou escapar um fôlego curto, rápido.

—Isto não deveria ir a nenhuma lugar – respondeu histericamente. —Vince está louco, Sax. Você gosta de se colocar em perigo?

—O maior perigo que pretendo encontrar é essa cremosa e pequena vagina ardente entre suas coxas –grunhiu ele em resposta, sacudindo a camisa de seus amplos ombros enquanto suas palavras deixavam seus joelhos tremendo.

Se sua vagina não tivesse estado cremosa antes, estava-o agora. Abundantes e quentes, os sucos queimavam as dobras sensíveis enquanto seus clitóris começava a palpitar a um ritmo errático, erótico. Seus peitos se incharam, seus mamilos se empurravam contra seu suéter, e ela estava segura de que cada centímetro de seu corpo estava ruborizado pelo calor que se elevava dentro dela.

—Bem, está tão direto como sempre. – Marey cruzou os braços sobre seus peitos, confrontando-o com o cenho franzido.

—Eu aprendi a sê-lo, com você. – Suas mãos foram ao cinto de sua calça, seus dedos soltaram a fivela de seu cinto com um movimento brusco.

—Sax. – Ela engoliu com força enquanto o cinto se abria e suas mãos trabalhavam no fecho. —Devagar.

Ele fez uma pausa, olhando-a fixamente com faminta necessidade.

—Atendi ao seu pedido três anos atrás – disse ele com frieza. —Não vou fazer desta vez, Marey. O tempo de jogar já passou.

Mas ele não tirou as calças. Em vez disso, ele foi em direção a ela, muito alto, fazendo-a sentir débil, indefesa. Mas protegida. Era um homem tão grande… Sax tinha um modo de virá-la ao reverso e fazê-la sentir mais feminina que nenhum outro homem tinha conseguido antes.

—Olhe para você – suspirou ele enquanto vinha em direção dela, baixando a vista a seu nível com sensual necessidade. —Tão pequena e perfeita, seus olhos obscurecidos pela excitação. Cada vez que me olha, vejo isso,

vejo que seus olhos se obscurecem e ficam famintos por mim. Sabe quão difícil que é resistir a isso? Quantas vezes quis te lançar sobre meu ombro e te levar a algum lugar onde as objeções não existam? Onde o mundo desapareça ao redor de nós e somente estejamos você e eu?

Ah, realmente não era justo. Ela sentiu que o fôlego ficava em seus pulmões enquanto seu útero convulsionava de desejo. Ouvir essa voz atraente, profunda, dizendo algo tão terrivelmente quente a fazia tremer de necessidade.

Quanto tempo tinha passado desde que havia sentido o toque de um homem? Três anos desde o beijo de Sax. Anos, antes disso. Ela tinha se mantido a distância, não importando a solidão ou o sentimento de isolamento. Tinha sido mais fácil tratar com a privação do que com a raiva da qual sabia que Vince era capaz.

Marey elevou o olhar para ele, indefesa, frágil com as necessidades atravessando-a enquanto Sax estendia as mãos para agarrar a bainha de seu suéter.

—Vou provar cada centímetro de seu corpo – sussurrou ele enquanto deslizava a malha sobre seu estômago. — Vou te comer como um caramelo, Marey, e te escutar gritar pedindo mais.

Ele estava tendo que ouvi-la gritando por mais antes de conseguir lhe tirar o suéter.

—Sax. – Suas mãos tremeram inutilmente quando o suéter liberou seus seios inchados, livres.

Sem sutiã. Ela não tinha tido tempo para colocar.

—Infernos, poderia gozar em minhas calças apenas te olhando, Marey – suspirou ele enquanto sua mão agarrava primeiro um pulso e logo o outro, levantando seus braços sobre sua cabeça para poder lhe tirar o suéter.

Agora, ela estava nua diante dele, seus seios levantados, seus mamilos doendo em resposta ao olhar acalorado de seus olhos. Suas mãos baixaram seus braços levantados, dirigindo-os até que descansaram em seus amplos ombros.

Marey tremeu, estremecia-se em resposta enquanto as mãos dele se baixavam, sustentando seus peitos plenos, levantando-os em sua palma enquanto seus polegares e dedos indicadores beliscavam os mamilos sensíveis.

Ela se arqueou, ofegando por fôlego como o calor golpeava das pontas duras ao centro de seu ovário. Sua vagina se contraiu, os sucos escorregadios fluíam em uma rica correnteza para cobri-la e prepará-la para sua penetração.

—Tire a minha camisa – sussurrou ele. —Vnha, neném. Me mostre que necessita disto tanto quanto eu.

Ela o olhou nervosamente.

—Sou… – Marey lambeu os lábios com hesitação. — Não sou boa nisto, Sax.

Seus dedos se dobraram contra seu peito enquanto elevava o olhar para ele, suplicante. Vince não tinha sido seu primeiro amante, mas seu abuso tinha destruído toda sua confiança. Estava aterrorizada com a possibilidade de decepcioná-lo.

A vergonha a perseguia. Ela sabia que seria assim. Ele esperaria que ela participasse, soubesse o que fazer, soubesse amá-lo por sua parte. Sua garganta se espessou com raiva e lágrimas ao dar-se conta de que ela não sabia, não tinha nem idéia de como tocá-lo, de como lhe dar agradar.

—Isto não tem nada que ver em quão boa seja em algo, Marey. – Sua voz era escura, profunda, enquanto retirava a camisa de seus ombros, os dedos dela tocaram a carne da cor da madeira de teca impossivelmente quente.

Ela tremeu com a sensação dele. Forte e quente, os músculos de seu peito se esticaram sob seu toque quando seus lábios se moveram ao longo de seu peito.

—Só me toque – ele sussurrou suavemente, tecendo um feitiço de sensualidade ao redor dela que era impossível de resistir. — Sonhei com isso, suas mãos em meu corpo, seus lábios, sua língua, tocando e me acariciando com fome. Me mostre quão faminta está por mim…

Faminta? Estava morta de fome. Ela podia sentir sua mão absorvendo a sensação de tocá-lo, enviando as sensações a partes de seu corpo que não deveriam ser consideradas zonas erógenas.

Enquanto o olhava, ela lambeu seus próprios lábios, seu olhar fixo centrando-se nos dele. Perfeitos, cheios de sensualidade, pareciam quentes, tentadores. Ela precisava de seu beijo. Gemeu de necessidade, de repente dominada pelo pensamento de tocar e ser tocada. Deus, ela necessitava que ele a tocasse. Só um beijo. Um pequeno, suave toque de seus lábios…

A cabeça dele descendeu, mas não havia nada suave na posse que ele tirou dela. Sax gemeu, um som áspero, desesperado enquanto seus lábios cobriam os seus, sua língua acariciava contra eles até que ela os separou para ele, lhe dando permissão de assaltar as profundidades quentes de sua boca.

Um braço a rodeou, abraçando-a enquanto sua mão vagava sobre seu peito, seu abdômen de duro aço. Ele poderia trabalhar detrás de uma mesa de escritório, mas seu corpo estava em uma forma perfeita, musculoso e duro. Tão duro...

Ela se moveu contra ele, sentindo a ponta de seu pênis detrás de suas calças, contra seu ventre. Marey tremeu, apertando-se mais perto, sua cabeça retrocedendo-se para trás em rendição, seu corpo deslizando-se contra o dele enquanto sua língua procurava timidamente a dele.

Com pressa, desesperada, sentindo cada pedacinho de luxúria nela como a mordida muito afiada de um demônio. Arqueou-se, calor fervente florescendo em seu ventre e passando como um raio a seus clitóris, sua vagina, seus seios inchados. Fora de controle, as mãos dela se d eslizaram por seu peito, seu pescoço forte,

agarrando-se a sua nuca enquanto suas mãos a arqueavam mais perto, levantando-a até que ele pudesse esfregar sua grossa ereção contra o montículo de seu púbis.

Ela gritou, tremendo sob as garras de uma excitação que nunca tinha conhecido antes. Nunca, nem sequer na noite mais escura, quando os sonhos tão eróticos, tão sensuais a atacavam, ela tinha conhecido uma necessidade tão poderosa, como a que sentia agora.

—Devagar, amor. – Seus lábios se separaram dos dela, suas mãos sustentando-a quieta quando tudo o que ela queria era continuar, era pedir por mais.

Quando ele recusou a carícia, os lábios dela se moveram a seu peito. Pele Lisa, resistente sobre músculos poderosos. Sua língua acariciava a carne escura, suas mãos se moveram de sua cabeça a seu abdômen. Ela o queria nu, queria-o quente e ardendo pelo mesmo desejo que abrasava a ela. As sensações repentinas, poderosas que a atravessavam a estavam matando.

—Aí vai, neném. – Sua voz profunda, que sussurrava a impulsionou à loucura.

E isto era uma loucura. Uma pequena e frágil parte de sua mente a advertiu que estava se colocando numa posição que a levaria à destruição. Esta seria uma queda da qual não ia se recuperar.

Os lábios dela se moveram a seu abdômen, perto, tão perto do cinto aberto de suas calças. E mais à frente. Mais à frente do objeto de seu desespero.

Ela beliscou sua carne tensa enquanto os dedos dele se enredavam em seu cabelo.

—Livre-se da minha calça, Marey. Liberte meu pênis, neném. Estou morrendo para sentir suas mãos em mim. Mãos suaves, de seda. Sabe com que freqüência sonhei em ver suas mãos me acariciar?

Ela podia sentir a pressão que queimava em seus clitóris enquanto a encorajava.

Suas mãos tremeram, brigando com o fecho do zíper, mas finalmente conseguiram chegar até a rígida ereção. Ela ouviu que ele gemia quando seus dedos passaram sobre o algodão fortemente estirado de sua cueca boxer enquanto seus olhos abertos alargaram-se ao vislumbrar a longitude impressionante sob o tecido.

Os dedos dele se apertaram em seu cabelo.

—Faça-o, neném – grunhiu ele, sua voz ressoando com a mesma fome dolorosa que açoitava por seu corpo. —Liberte meu pênis. Toque-me antes que eu fique louco.

Ela abaixou o cinto elástico, empurrando enquanto liberava suas coxas, liberando a longitude escura de sua ereção a seu toque. Tocou-o timidamente, assombrada com a sensação do calor acetinado, e mais abaixo , a dureza de ferro. Veias grossas sulcavam a longitude de seu pênis enquanto o pulso do sangue palpitava na carne.

A cabeça brilhava, uma forma de cogumelo perfeito desenhado para o prazer, já úmida de gotas de sêmem e imperativamente palpitante. Fechando os olhos, Marey permitiu que sua língua aparecesse, acariciando sobre o cume, provando sua salgada essência masculina, enquanto ele gemia bruscamente.

—Assim… – Sua respiração era áspera, sua voz mais profunda. —Deixe-me sentir sua pequena língua suave. Sabe que parece seda quente?

Ela lambeu sobre a ponta outra vez, gemendo ela mesma com o sabor dele. Ela o desejava, desejava mais, queria consumi-lo.

Capítulo 6

Sax sabia que estava caminhando numa linha fina e frágil com Marey. Sua confiança sexual, tal como Ella o tinha advertido, era extremamente baixa. Quase sem experiência, hesitante, assustada, mas tão naturalmente sensual, ela estava o excitando enquanto lambia e provava a carne tensa, desesperada de seu pênis.

Ele quis empurrar dentro de sua boca, queria foder seus lábios e senti-la chupá-lo avidamente. Mas ainda não. Ele devia deixá-la tomá-lo da forma em que ela o necessitava, explorá-lo e deixá-lo louco com a quente mordida da luxúria.

Seus dedos se fecharam em seu cabelo quando seus lábios finalmente começaram a unir-se ao jogo. Ela chupou a cabeça de seu pênis, o acariciando com toques suaves como plumas, os quais estava seguro estavam designados para tirá-lo do controle. Ela o estava matando, lambida a lambida, lentamente, deliciosamente.

—Oh infernos! Sim! Deus, sim! – As palavras saíram entrecortadas no momento em que os lábios dela finalmente, reverentemente, envolveram a cabeça de seu pênis e o chupou.

O calor o golpeou, açoitando sua vara, esticando seu escroto e enviando impulsos elétricos de prazer sensual através de sua coluna. Ele tomou sua cabeça, mantendo-a na posição, sustentando a de tal maneira que ela tão somente podia o sugar de maneira mais profunda, mas sem libertá-lo totalmente.

Ela gemia ao redor da carne que enchia sua boca, sua língua golpeando-o ao mesmo tempo que o chupava.

—Maldição, sua boca é o paraíso – grunhiu. —Totalmente sedosa, molhada e quente. Chupe-o, neném. Sugue meu cacete, querida.

Ele não podia evitar que as palavras fluíssem de seus lábios. Cada frase a deixou mais quente, fez com que sua boca se apertasse mais ao redor dele, sua pequena língua ficasse selvagem ao longo da parte oculta da cabeça saliente.

—É uma boa garota – lhe sussurrou ele, fechando os olhos, sua cabeça caindo para trás sobre seus ombros enquanto ela o chupava como uma pequena deusa sexual. — Maldição, Marey, isto está tão bom. Tão condenadamente bom que tudo o que posso fazer é me conter, neném.

Ele podia sentir como suas bolas se apertavam, sentir como se ia formando sua liberação, ameaçando romper o frágil controle pelo que lutava com tanta força. Não queria gozar em sua boca, ainda não, não desta maneira. Quando a enchesse com seu sêmen, seria em um lugar muito mais satisfatório que sua doce e quente boquinha. Ao menos, esperava que assim fosse.

—É o suficiente. – Sua voz era um som de áspero desespero enquanto seus dedos atiravam de seu cabelo como advertência, tentando retirá-la.

Um gemido agudo ressonou ao redor da carne rígida que ela sugava quando ele puxou os fios de seu cabelo. Os dedos dela apertaram mais suas tensas coxas ao mesmo tempo que arqueava suas costas.

Sax fez uma careta tensa, puxando outra vez seu cabelo. Ela gemeu, o som próprio de um prazer aturdido, intenso. Então ele puxou mais forte.

Grande engano.

Sua boca se moveu ao redor dele, indo e vindo de cima para baixo, absorvendo-o vorazmente enquanto sua pequena língua o acariciava e provava e o levava mais à frente do limite. Suas mãos se fecharam ao redor da base de seu pênis, sujeitando-a firmemente, acariciando-a contra sua boca ao mesmo tempo que ele puxava seu cabelo outra vez.

Inundou-se em um brilhante e úmido calor quase até sua garganta. Ela tomava mais dele, voraz. —Marey, neném. Vou gozar em sua garganta – lhe advertiu desesperadamente. —Vá mais devagar, querida ou vai receber cada gota.

Ela o acariciou de novo de propósito, sua boca consumindo-o enquanto ele resistia, fodendo os lábios dela enquanto suas mãos puxavam seu cabelo, saboreando dos espontâneos, travessos, pequenos gemidos de prazer que saíam de sua garganta.

Não tinha pensado em tê-la desta maneira na primeira vez, ele pensou com desespero enquanto sentia suas bolas esticarem-se mais, o formigamento na base de sua coluna intensificando-se. Mas isto era o paraíso. Paraíso e tortura ao mesmo tempo, e ele se encontrava indefeso contra ela. No momento.

Sax a sustentou firmemente, suas mãos exercendo pressão em seu cabelo enquanto aprofundava suas investidas, entrando entre seus lábios sugadores, seu corpo esticando-se, sensibilizando-se…

—Filha da puta. Chupe-o neném. Chupa meu pau, Marey. Tome-o todo.

Ele sentiu o primeiro e forte jorro de sêmen quando saiu disparado da cabeça de seu pênis, salpicando o interior da garganta dela no momento que ela começou a engolir, gemendo e contorcendo-se contra ele enquanto ele se afundava mais profundamente lhe dando tudo o que tinha. Jorros ásperos e rápidos de sêmen enchendo sua boca, só para ser capturado por sua faminta e pequena língua e consumidos até que ele não tivesse nada mais para dar.

Retirou-se dela, ignorando o suave grito de pesar quando retirou seu pênis dos lábios dela com um pequeno "pop".

—Venha aqui. – Encorajou-a a levantar-se enquanto suas mãos foram ao fecho metálico do jeans dela. —Tire seus sapatos para mim, neném.

Ele deslizava a calça sobre seus quadris, caindo de joelhos e enterrando o rosto na carne suave de seu estômago enquanto ela estremecia em seu abraço.

—Sua boca é destrutiva – ele sussurrou antes de permitir a sua língua mergulhar e provar a leve fenda de seu umbigo enquanto ela lutava por livrar-se de seus tênis. Então ele deslizou seu jeans até os tornozelos, levantando seus pés descalços e abrindo seus olhos para olhá-la fixamente.

—É uma menina muito desobediente – ele falou lentamente as palavras enquanto sua mão acariciava sua perna para fechar-se ao redor da curva de uma nádega. —Sabe o que as meninas desobedientes merecem?

Os olhos dela se obscureceram mais, eram quase negros quando ele acariciou seu traseiro.

Ela negou bruscamente com a cabeça, seus lábios se separaram como se lutasse por conseguir ar. Parecia aturdida, quase sem compreender quando ele lambeu a úmida, arredondada carne de seu ventre.

—Levam uma surra – sussurrou ele então, olhando seus olhos, sua expressão.

Curiosidade e agitação se refletiram neles.

Deus, ele não podia acreditar em quão inocente era ela, tão docemente não experimentado que seria igual a tomar a uma virgem. Algo que ele nunca tinha sonhado que o acenderia até agora.

Ele levantou-se devagar, atirando-a na cama e sentando-se enquanto a olhava fixamente.

—Vou te dar uma surra – ele disse a ela, saboreando muito a idéia. — Vou fazer com que sua xoxota e seu traseiro queimem tão ardentemente que vai gritar para que te tome. Para que te foda até que não possa respirar pelo orgasmo.

—E o farei agora – ela ofegou, seus peitos cheios, com os endurecidos mamilos subindo e baixando bruscamente. Seu pênis se sacudiu com sua áspera declaração.

Sax fixou o olhar para sua calcinha. Um sedoso fio dental que deixava seu bumbum exposto e que claramente mostrava a umidade que se filtrava desde sua vagina. Ele ia afundar sua boca ali e se possível, lambê-lo até deixá-lo seco. Sua boca se encheu de água com esse pensamento.

—O fará de todas as maneiras. – Atraiu-a para ele, colocando-a sobre seus joelhos enquanto ela se estremecia, as suaves curvas de sua vagina apertando-se.

Estirada sobre seu colo, sua cabeça suspensa para baixo, seus pés elevados do piso, sua mão acariciou a perfeição suave, cremosa de suas nádegas. Ele levantou a pequena cinta de tecido da fenda de seu traseiro, fazendo uma careta de furiosa luxúria ao mesmo tempo que separava os dois montes de seu bumbum e vislumbrou a pequena, delicada entrada de seu ânus.

Tentador. Apertado. Seu pênis se ergueu com a lembrança de estar fundo ali.

Devolveu o tecido a seu lugar, deslizou a mão sobre seu traseiro e logo a levantou para dar a primeira palmada suave. Ela estremeceu, lançando um grito com a primeira pequena palmada. Sem dor, ele poderia dizer pelo arco de seu doce traseiro que isto não doía. Ou ao menos, não era uma dor que ela não desejasse experimentar outra vez.

O ardor erótico, sensual em seu traseiro a deixava louca. Podia sentir sua carne ardendo, absorvendo cada pequeno golpe ao mesmo tempo que formigava e morria de vontades por mais. Nunca tinha conhecido nada tão sexual, tão completamente perverso como estar sobre os joelhos de Sax, seu bumbum ardendo por cada palmada erótica.

—Você ruboriza-se tão belamente – a elogiou, sua voz escura e áspera enquanto outra ardente carícia foi aplicada sobre seu traseiro. —Um pequeno, suave e formoso rubor. – Ela tremeu, sacudindo-se e lançando um grito quando lhe deu outro golpe suave.

Não era doloroso. Fez arder sua carne vários graus e enviou sensações através de todo seu corpo com a rápida precisão de um raio. Cada pequeno golpe produzia uma dor aguda em sua xoxota, fazendo que seus sucos fluíssem profunda e dolorosamente. Seu clitóris estava inchado, palpitando, desesperado por seu toque.

—Tão bela, Marey. – A mão dele alisou sua nádega um segundo antes de golpeá-la outra vez.

Ela se retorceu sobre seus joelhos, pressionando sua vagina contra sua coxa e gemendo com a necessidade crescente que estava vibrando ali. Estava ardendo. Cada golpe bem dirigido, cuidadosamente calculado dado a seu traseiro, só aumentava as chamas.

—Sax, por favor… – ela finalmente choramingou quando o seguinte e firme golpe deixou-a fora de controle dos seus sentidos. Sacudiu-se, estremecendo-se quando uma chicotada ardente esfolou seus clitóris e enviou dedos ardentes de sensações para atacar seu útero.

Sua vagina se empapou. Ela podia sentir os sucos aderindo-se a sua carne, molhando sua calcinha. O fogo a queimou desde seu bumbum até sua vagina, fazendo-a retorcer-se com uma luxúria que não tinha pensado que era possível.

Antes que ela pudesse respirar, ele a levantou, girando-a em seus braços e depositando-a na cama enquanto se colocava sobre ela. Seu pênis se ergueu sobre seu corpo como uma lança de carne e sangue, a cabeça reluzindo com fluídos pré-orgásmico.

Seus lábios baixaram novamente para os dela. Um beijo duro, profundo que a fez gemer, enroscar-se debaixo ele enquanto as mãos dela agarravam seus ombros e seus quadris se levantavam para ele.

—Ainda não – grunhiu ele, sua voz áspera enquanto seus lábios se moviam para sua bochecha, seu pescoço. —Ainda não, Marey. Esperei tanto tempo por isso, não tenho nenhuma intenção de apressá-lo.

—Sax, está me queimando viva – gemeu ela.

Não se supunha que seria assim tão bom. Como se supunha que ela ia sobreviver à perda de algo que se sentia tão bem? E isso que ele ainda não a tinha tomado.

—Você queimará mais ardentemente antes que eu tenha terminado – lhe advertiu ele, a dominação em seu tom a fazia tremer de antecipação.

As mãos dele se puseram em forma de concha em seus seios, elevando-os para seus lábios. Marey olhou, encantada, quando a língua dele se enroscou ao redor do pico rígido de seu mamilo, lambendo-o, enviando a sensação brilhante de um relâmpago em direção de seus clitóris.

Ela convulsionou com o prazer, estremecendo-se debaixo dele quando chupou a ponta sensível com sua boca, raspando-o brandamente com seus dentes antes de sugá-lo firmemente. Marey moveu a cabeça freneticamente sobre o colchão enquanto lutava por respirar. A excitação palpitou através de seu corpo como uma forte descarrega elétrica, sensibilizando seus terminais nervosos, voando em sua corrente sanguínea e conduzindo-a mais perto para um limite de prazer que ela nunca tinha imaginado.

—Maldição, você é deliciosa – grunhiu ele ao mesmo tempo em que seus lábios começaram a vagar mais abaixo.

Sax estendeu suas coxas amplamente enquanto lambia e beijava o caminho sobre seu estômago, seu abdômen, aproximando-se da ardente vagina coberto por pouco mais que um recorte de seda.

Seda que um segundo mais tarde se rasgou sob suas mãos.

A excitação explodiu através de sua corrente sanguínea, a antecipação eletrificou sua carne.

Ela olhou fixamente seu próprio corpo, observando enquanto ele separava suas pernas um segundo antes que lambesse seus lábios e abaixasse a cabeça.

A primeira lambida firme, ampla de sua língua pela fenda empapada de sua vagina quase a lançou mais à frente da beira do clímax. Marey se estremeceu entre as garras do prazer, lançando um grito rouco enquanto levantava os quadris, rogando pela carícia final que a lançaria mais à frente do limite.

—Ainda não. —Sua voz era luxúria crua, carnal. —Vou te saborear primeiro Marey. Cada suave, liso, doce centímetro desta deliciosa vagina é meu agora. E prometo que nunca o esquecerá.

Ela gritou um segundo mais tarde quando sua língua se inundou dentro dela. Não houve suaves preliminares, nenhuma advertência. Em um instante estava vazia, e ao seguinte momento estava cheia, sua língua acariciando dentro dela enquanto suas mãos agarravam suas nádegas e a levantavam para sua boca.

Sax chupou os sucos que fluíram dela, sussurrando sua aprovação pelo seu sabor e sua resposta contra seus clitóris até que ela estivesse rogando, gritando. Estava morrendo de necessidade dele.

—Por favor, Sax. – Suas mãos segurando o edredom desesperadamente. — Por favor, agora. Não posso me conter por mais tempo.

Ele gemeu contra sua carne, sua língua de repente começou a roçar seus clitóris, açoitando-o com avidez diabólica ao mesmo tempo em que o prazer crescia e crescia em direção à explosão que se rasgaria através dela e destruiria sua mente. Seus olhos se alargaram, seus lábios se abriram para gritar, mas tudo o que surgiu foi um grito rouco, frágil, enquanto se formava seu orgasmo, explorando através dela com uma força que a deixou convulsionando-se, seus músculos esticando-se em sensações se desesperadas enquanto ele se abatia sobre ela.

—Você ainda não terminou, Marey.

Ela sentiu a ampla cabeça de seu pênis pressionando contra a abertura sensível de sua vulva, e enquanto os espasmos do seu clímax ecoavam através de sua carne tensa, sentiu-o começar a empurrar dentro dela.

—Maldição. – Ele fez uma careta quase dolorosa quando ela se arqueou, lançando um grito estrangulado surgindo de sua garganta enquanto um feroz prazer-dor assaltava os músculos de seu colo no momento em que ele começou a estirá-los. —É tão fodidamente apertada, neném.

Ela não poderia suportá-lo. Não ia sobreviver. Sentiu cada centímetro de sua ereção enquanto se abria dentro dela, estirando músculos nunca usados, acariciando terminais nervosos que ela não sabia que possuía.

O clímax anterior não tinha tido tempo para se desvanecer ou diminuir antes que começasse a formar o próximo. Marey o olhou fixamente, seu olhar entrelaçando-se com o dele, um sentimento de surpresa pulsando através dela enquanto ofegava, tratando de suplicar, mas só pôde lançar um grito quando se elevou sobre ela e empurrou mais apertada e profundamente dentro dela.

—Você parece como seda molhada. Seda molhada, quente e apertada. – Sua voz era um rugido rouco enquanto respirava bruscamente em cima dela, mas suas palavras… suas palavras fizeram que sua vagina convulsionasse ao redor dele ao mesmo tempo que mais de seus sucos lhe facilitaram seu caminho.

Sair, entrar de novo. Sair, entrar de novo. Pulsando, os golpes palpitantes abriram sua carne sensível quando ele empurrou seu pênis dentro dela. Para dentro e para fora, provando, aprofundado, tirando gritos ofegantes de sua garganta enquanto cada investida a conduzia mais alto.

—Ah, neném – sussurrou enquanto baixava sua cabeça, beijando seus lábios, seu pescoço. — Sabe quão bem que sinto? Seu sexo apertando-se ao redor de mim, me chupando como uma pequena boca erótica, me sugando ao mesmo tempo em que tenta me forçar a sair.

Sua voz era tão profunda, tão áspera que era como uma carícia física, roçando sobre ela, dentro dela.

Resistiu contra ele, conduzindo-o mais profundo enquanto ambos gemiam de êxtase.

—Espere por mim, querida – sussurrou ele em seu ouvido. —Vou tomar tudo de você agora. Todo. Doce. Fodido. Centímetro.

Gritou quando ele introduziu os últimos centímetros dentro dela, enchendo-a até o punho com calor e dureza, com feroz prazer e um deixe de dor. Uma mão sustentou seu quadril enquanto a levantava mais perto de seu peito ao mesmo tempo em que começava a mover-se.

Isto não era foder. Não sabia o que era, ou como se supunha que deveria descrevê-lo, mas isto não era o que tinha feito com seu ex-marido. Isto era primário, elementar. Ela pendurou nos seus ombros, suas unhas afundando-se em sua carne enquanto cada investida queimava seu colo e acendia fogo em seus clitóris.

Ela moveu-se abaixo dele, empurrando contra cada investida, conduzindo-o mais profundo dentro dela enquanto se retorcia com o empalamento.

—Sim – ele assobiou em seu ouvido. —Foda-me também, neném.

Seus quadris giraram, sua pélvis esfregando-se contra seus clitóris ao mesmo tempo que uma luz branca, brilhante começou a brilhar na beira de sua visão. Ela não podia suportá-lo. Não podia respirar, não sobreviveria ao prazer.

—Foda-me – grunhiu ele em seu ouvido novamente quando começou a fodê-la mais duramente, introduzindo-se nela, empurrando-a mais alto enquanto ela golpeava seus quadris contra as dele.

—Sax. Sax, por favor…Oh Deus… Sax, é muito bom… muito… bom… – Ela o sentiu crescendo, aumentando dentro dela. Seu útero se apertou, seus clitóris começou a palpitar com um batimento do coração forte e estável até que explodiu.

Ela se sentiu desfeita em seus braços, uma vez atrás de outra. Isto não era uma explosão única, aterradora, a não ser montões delas deslizando-se sobre ela, convulsionando seu corpo inteiro abaixo dele enquanto um grito estrangulado brotava de sua garganta.

Outra forte investida quando ela ouviu que ele gemia, baixando sua cabeça, seus quadris introduzindo seu pênis mais profundamente, mais forte, e ela sentiu a primeira explosão torrencial de seu sêmen dentro dela. Cada potente rajada de sua liberação a fez estremecer-se de renovado prazer enquanto ressonava dentro de seu próprio clímax.

Pareceu durar para sempre, e ao mesmo tempo se terminou muito rápido. Ela desmoronou debaixo dele, lutando por respirar, seus membros pesados de sonolência enquanto o sentia mover-se, e gemeu quando sentiu que seu pênis se deslizava para fora enquanto se deixava cair a seu lado.

Seus braços a envolveram, com força, com calidez. Protetor.

—Estou cansada – suspirou, aconchegando-se contra ele ao mesmo tempo que seus olhos piscavam antes de fechar-se.

—Durma, neném – ouviu que Sax sussurrava suavemente. —Durma aqui mesmo. Onde pertence.

Capítulo 7

Sax se sentou na beira da cama umas horas mais tarde, olhando fixamente Marey enquanto esta dormia. Sua mente era uma confusão de pensamentos e emoções. Finalmente ele a tinha aqui, onde ele sempre tinha querido desde muitos anos atrás.

O lençol a cobria até os quadris, revelando cada delicada linha de suas costas. Seu cabelo loiro escuro lhe caía pelo pescoço e ombros, emoldurando seu perfil como uma nuvem de seda.

Seu aspecto era único, nunca poderia ser descrito como formoso, eles eram muito fortes, muito teimosos para semelhante termo. Os lábios curvados em um sorriso que ele considerava em parte obstinada. Sua expressão freqüentemente refletia essa qualidade interior dela, voluntariosa e decidida, mas muito sutil. Uma qualidade que muitas pessoas freqüentemente se perdiam porque ao observá-la só levianamente eram inconscientes dela.

Mas Sax a percebia. Ele o tinha visto nela na primeira vez que a conheceu, justamente antes de seu divórcio. Tinha visto o sofrimento em seus olhos, mas também sua determinação de escondê-lo de seus amigos. Quando acreditava que ninguém a olhava, o cansaço e a resignação se refletiam na queda de seus ombros antes que os endireitasse com renovada resolução.

Durante os anos depois de seu divórcio, apesar do inferno que ele sabia que seu ex-marido a tinha feito passar, Marey tinha mantido sua dignidade, conseguindo que ele a admirasse ainda mais. E um corpo que o deixava louco por possuir.

Ele a amava. Apesar do fato de que ela tinha fugido dele, que lhe tivesse se negado a cada chance, sua necessidade dela não se aliviava. Só se fez mais forte, mais profunda. Ele a tinha, no momento, mas era esperto o suficiente para saber que cuidar dela não seria uma tarefa fácil, como colocá-la em sua cama tinha sido. Ele teria que conservar o equilíbrio, manter seu corpo atarefado, e sua mente inundada em uma sensualidade até que ela admitisse que não poderia sobreviver sem ele.

Sabia que ela se escondia de si mesma. Via-o em seus olhos, em sua voz, na faminta expressão de seu rosto. Ele tinha seu coração, e agora ela só tinha que percebê-lo. E fazer Marey perceber o que ela não queria ver seria sua batalha mais difícil.

Ele puxou a colcha, tampando suas costas antes de levantar-se da cama e ir para a ducha. Tinha-a esperado, observado, sabendo que chegaria o dia em que Marey deixaria cair seus escudos e lhe permitiria a possibilidade de poder ganhar seu coração. Agora ele estava ali, embora estivesse seguro de que ela o negaria tudo enquanto pudesse.

Também sabia algo mais sobre Marey, algo que lhe tinha revelado umas horas antes. Amava o domínio sensual que ele podia lhe oferecer. Gostava da dor no prazer e sabia onde se achava a fina linha que a separava de sua lascívia. Ele a empurraria, não podia lhe dar tempo para que pensasse, para que reconsiderasse sua relação e ver até onde podia evoluir, tal como ele o podia ver. Se o fizesse, ela fugiria. E ele não podia permitir que ela desaparecesse. Não ia permitir que fugisse.

—Quando estiver pronta, tenho que ir ao escritório por algumas horas – anunciou Sax quando Marey se sentou silenciosamente depois do café da manhã, tomando forças a base de cafeína, perguntando-se como ela ia conseguir escapar desta nova situação.

O sexo com o Sax tinha sido incrível. Muito incrível.

—Vamos em frente. – Ela tomou outro gole de seu café. —Estou pronta, sairei com você e assim você pode me deixar em um hotel.

A tensão que encheu a habitação foi como um soco direto no seu estômago. Ela levantou seus olhos, para olhá-lo fixamente enquanto ele a observava silenciosamente, com seus olhos semicerrados sem desviar o olhar dela.

—Fique por uns dias – ele finalmente sugeriu casualmente, como se não lhe importasse muito sua decisão, como se não houvesse nenhum risco. —Ao menos até que eles capturem Vince, Marey. Não estará segura em um hotel. Está mais segura comigo.

Ela expirou cansadamente, empurrando seus dedos por seu ainda molhado cabelo quando, recostando-se contra a cadeira e olhou-o diretamente.

—E se Vince decidir te culpar pelo fato de que eu esteja aqui, em vez de onde se supõe que ele pode me pegar? – perguntou-lhe ela defensivamente. —Então o que, Sax? Ele não está mentalmente são. Não irá te perseguir com o punho como o faz comigo. Ele poderia te perseguir com uma arma.

Um sorriso selvagem se formou em seus lábios.

—Eu aguardo ansiosamente por isso, Marey. – grunhiu Sax. —Diferente de você, sei lidar com bastardos como ele. Não poderá tão facilmente comigo. Prometo-lhe isso.

Todos os homens estavam loucos? Ou só os que ela conhecia?

Marey fechou os olhos ao mesmo tempo que apertava seus dentes e continha um furioso grunhido.

—E o que te faz pensar que você, de repente, é invencível? – disse estalando seus dedos, subindo seus pés sobre a cadeira, ignorando o brilho que apareceu nos olhos dele quando se dirigiram para suas pernas nuas abaixo da longa a bainha de uma das camisetas dele.

—Não acredito ser invencível, Marey – assegurou-lhe ele, sua voz mais profunda, rouca pela luxúria que sentia enquanto a olhava. —Mas eu sei o tipo de homem que é Vince. Uma bala não é o suficientemente pessoal, não demonstra sua força, e isto é o importante para ele, provar sua superioridade.

Nisto, ele tinha razão. Vince não podia tolerar que seu oponente poderia ser fisicamente superior a ele. Ele não tinha armas de fogo, ele tinha seus punhos e facas.

—E eu suponho que devo aceitar o fato de que você se coloque no caminho dele – rompeu a dizer em estado de guerra. —Penso que não, Sax. Não preciso de mais problemas.

—Você acha que ele pode me superar, Marey? – Então, uma diversão genuína apareceu em sua expressão. —Tem medo de que seu homem não possa te proteger?

—Não é meu homem – resmungou ela, usando a única defesa que sabia utilizar. —E agora mesmo, está agindo como um menininho que joga só para sentir-se superior.

—O sentir-se superior não é um jogo de meninos – ele informou com um e sexy sorriso. —É um jogo de homens. Quer que lhe mostre isso?

OH… homens, o som de sua voz, o olhar daqueles olhos tão escuros. Seu sexo pulsava repentinamente necessitado, umedecendo-se furiosamente com essa pura sexualidade.

—Está bem. – Disse escapando rapidamente de seu caminho, lhe observando cautelosamente. Ele podia converter seus joelhos em gelatina e sua resistência só seria um mero pensamento. Não havia uma possibilidade nem que estivesse no inferno de que lhe deixasse tocá-la. —Vá ao escritório. Posso ficar sozinha por aqui. Tomarei um banho quente. Chamarei um táxi e encontrarei um bom hotel.

Sax inclinou sua cabeça de forma inquisidora.

—Se for agora daqui, nunca saberemos o que poderia ter sido, Marey. É isto o que realmente quer?

Seria isso? Não, não era o que ela queria, mas tampouco queria ver Sax pagar por seus erros.

Ela soltou um forte suspiro.

—Depois que eles capturarem Vince...

Sax já negava com sua cabeça antes que as palavras saíssem da boca dela.

—Não quero uma mulher que não pode confiar em mim para protegê-la. – Ele cruzou os braços sobre seu peito, olhando-a sobriamente. Não havia cólera, nem fúria, simplesmente uma pura teimosia masculina.

Marey ficou olhando, confusa. Ele deveria estar furioso, não tão calmo. Olhando retrospectivamente, compreendia que ela mais ou menos lhe tinha dado a impressão de que não confiava nele para protegê-la. Não tinha sido essa a intenção. Nunca havia se sentido assim. Mas seu orgulho masculino deveria haver-se sentido ao menos um pouco ferido. Deveria haver cólera, alguma protesto, algum comentário sarcástico. Algo além desta intensidade sombria, desta firmeza.

Suas mãos se apertaram sobre o tecido da camiseta enquanto ela lutava para compreender essa nova anomalia da espécie masculina. Quem saberia que eles poderiam ser tão difíceis de se entender?

—Confio em você para me proteger – respondeu ela finalmente, limpando sua garganta com nervosismo. —Não há nada a fazer sobre isso. Estou acostumada a me proteger eu mesma, Sax.

Ela tinha feito isso durante muito tempo. Podia ter feito merda uma vez ou duas vezes, mas na maioria das ocasiões, pensava que tinha feito um bom trabalho.

—E se Vince estiver determinado a te machucar, sem importar o custo? – perguntou ele calmamente. —Sabe que você não pode lutar contra ele, Marey, você tem consciência disso. Ele já tentou matar antes.

—Não preciso que você permaneça diante de mim. – Ela deu a volta afastando-se dele, furiosa consigo mesma. Foi com largas passadas até a porta de vidro que dava para o terraço. —Maldição, Sax, por que pensa que me afastei de você? Por que acha que vivi como uma freira naquela maldita fortaleza, e me esqueci de que era uma mulher durante todos esses anos? Ele está louco. Poderia tentar matar alguém.

—Sim, ele poderia – cortou ele, mas não havia cólera, mas sim, frustração. —E esse alguém poderia ser você. Porque ele sabe que você não é o suficiente forte para contra-atacar. Até que o xerife o detenha e os tribunais o encarcerem em algum lugar para sempre, tem que ficar em algum lugar seguro. E eu posso te manter segura.

Ele disse esta última frase quando se moveu para detrás dela, atraindo-a contra seu corpo muito mais alto, mais forte, quente, enquanto ela lutava contra a debilidade que se enchia nela. Ele a deixava débil, fez com que se inclinasse para ele, confiando nele. Seria uma loucura fazê-lo? Sabia que o melhor seria que confiasse em alguém.

—Se te afastar agora, Marey, será para sempre. – Ele inclinou sua cabeça, depositando um beijo em seu cabelo enquanto seus olhos se encontravam com os seus através do vidro. — Agora, vai ao escritório comigo, ou quer que te deixe em um hotel?

Ela o olhou fixamente, seus olhares encontrando-se fixamente sobre o vidro da porta, e franzindo o cenho ferozmente.

—Vá pro inferno - disse ela finalmente.

A surpresa flamejou em seus olhos. Surpresa e excitação.

—Querida, isso é um fato – riu ele entre dentes. — Agora, decida-se e vamos daqui. O trabalho me espera.

Capítulo Oito

Sax olhou por debaixo de suas pestanas como Marey vadiava no sofá do outro lado do escritório, folheando tranqüilamente uma revista enquanto ele trabalhava nos informe que tinha que terminar hoje.

Estava-o voltando louco. Parecia tão tranqüila e aprazível como o lago de uma montanha, como se não fora nada estranho ter que esperá-lo, como se não tivesse nada ou apenas nada que fazer. Ele sabia que era editora de uma pequena companhia editorial, uma que publicava romances com um alto conteúdo erótico. Marey não lhe tinha revelado essa informação, foi Ela quem lhe soltou a bomba meses antes.

Seria assim como aprendeu a sentar-se tão silenciosamente, inundando-se no que lia. Ou teria aprendido a ser paciente e silenciosa ao encarregar-se de seus pais doentes tantos anos atrás?

Havia tanto dela que precisava conhecer. Queria aprender todo o possível sobre esta intrigante mulher.

—Aborrecida? —perguntou curioso.

Ela levantou a vista, seu olhar um pouco distante quando se encontrou com a sua.

—Não. —Negou com a cabeça—. Tenho companhia.

Levantou a revista antes de devolver sua atenção ao artigo que lia. Não era uma revista superficial. A revista de atualidade era realmente uma de seus favoritas.

moveu-se na cadeira, tentando aliviar a incômoda e palpitante ereção.

—Precisa ir a seu casa antes de que nos dirijamos à minha? —Perguntou-lhe—. Para recolher algo?

De novo o olhou.

—Não. Tenho o suficiente para uns dias.

Sua atenção voltou para a revista. Voltava-o louco. Colocava-o quente. Estava tão acalmada e relaxada como um dia do verão, e tão quente. Ele sabia o quente que se podia colocar, que tão molhada e doce.

—Quanto tempo faz desde que teve um amante? —perguntou-lhe, trocando de posição para aliviar o desconforto de sua ereção.

Viu-a retesar-se antes de olhá-lo, com os olhos Entrecerrados e suspeitos, mas quentes.

Olhou seu relógio, e disse em tom zombador…

—Talvez oito horas? —disse e seguiu lendo a revista.

Sax a observou durante um longo momento. via-se endemoniadamente fria, mas podia ver sua alterada respiração, o pesado subir e descer de seu seios. Estava excitada. Assim de fácil. Seus mamilos se apertavam contra sua camisa, sua face avermelhou só o suficiente para revelar seu calor.

—antes disso —disse com os dentes apertados, esperando, sua ereção palpitando em agonia.

Ela deixou a revista e se girou para ele defensivamente, seus olhos cinzas brilhando desafiantes.

—Exatamente o que é o que quer saber Sax? —Perguntou-lhe—. E por que todas estas perguntas?

Deus, amava quando seus olhos olhavam furiosos. Ira e paixão e uma completa teima feminina mesclada com excitação. Era vigorizador, energizante. Colocava-o tão endemoniadamente excitado que não podia respirar.

—Todo tem que ser uma prova? —Grunhiu, levantando-se da cadeira e caminhando ao redor do escritório—. Talvez há coisas que quero saber de você.

—Já deveria sabê-lo todo a estas alturas —respondeu, olhando-o enquanto Sax se inclinava para ela. Ela não se levantou para afastar-se ou para afirmar seu próprio controle. Manteve seu lugar, embora se apoiou contra o sofá para manter o arco de seu pescoço em um ângulo mais cômodo—. Não é como se nos acabássemos de conhecer.

—E quanto mais o penso, menos sei —disse ele com crescente frustração.

—E o que tem que ver quantos amantes tive ou deixei de ter? —Arqueou uma sobrancelha burlonamente—. Está bem, Sax, antes de você, não houve ninguém desde meu divórcio. antes de meu matrimônio houve dois. Sou sexualmente inexperiente mas não estúpida. Algo mais?

—Que demônios faz em todo o dia, além de folhear revistas e editar romances? —seu pênis estava duro como o aço e o estava voltando louco com a necessidade de ferrá-la.

Ela sorriu devagar, suas pálpebras baixaram, lhe enviando um olhar misterioso e sensual.

—Jogo com meus brinquedos favoritos e fantasio sobre você —disse sensualmente—. O que faz você quando está só em casa?

A pequena mentirosa. Podia ver a diabrura em seu olhar, deliberada-a provocação na maneira em que sua língua acariciou devagar seus lábios.

—Não troque de tema ou imagine que seu traseiro vai voltar se vermelho —grunhiu, levantando-a—. Não deixarei que te esconda de mim por sempre Marey.

—Mas se já não estou me escondendo mais, Sax —lhe recordou, suas mãos movendo-se sobre seu peito e seus ombros—. Estou aqui onde pode ver-me.

Deus, era uma tentação. Um doce, formoso e pequeno barril de dinamite, apaciblemente de pé entre seus braços. De momento.

Ela se moveu pressionando seu ventre contra a dura evidência de sua ereção enquanto um ligeiro rubor de excitação cobria suas bochechas.

—Terminou de trabalhar?

Seus dedos se entrelaçaram em seu suave cabelo e a manteve quieta, olhando crescer o fogo em seus olhos.

—Terminei —grunhiu atirando da suave seda que sustentava, olhando como suas pálpebras baixavam enquanto uma frágil sensualidade a consumia.

—Poderíamos voltar para casa —suas mãos foram de seus ombros a sua cintura, agarrando-a, enquanto sua cabeça baixava até sua bochecha.

—Não conseguirei chegar a casa —disse bruscamente—. Te necessito aqui. Agora.

Uma baixa e excitada risada saiu de sua garganta quando elevou sua cabeça, permitindo que seus lábios acariciassem seu pescoço.

—Os troyanos e seu sexo de escritório. ouvi sobre isso…

—ouviste muito. Essas mulheres têm bocas soltas —mordeu seu pescoço, imaginando-a estirada no sofá de couro, nua e com seu pênis enchendo-a.

Ela ofegou quando suas mãos se moveram para seu seios, sustentando o delicado peso, seu índice e polegar provando a dureza de seu mamilo através da suave blusa de seda que levava. Morria pelo ter em sua boca, sentir o sensível botão ficar mais duro enquanto o chupava.

—Sabe muito sobre coisas que não deveria —mordeu seu pescoço, sentindo seu estremecimento pela pequena dor erótica que lhe produzia.

—Hmmm, devo conseguir minha diversão em algum lugar —gemeu quando ele lambeu a suave pele que tinha mordido.

OH, daria-lhe diversão, pensou com uma careta de crescente excitação, mais diversão da que poderia ter imaginado.

Quando seus lábios se encontraram, tomando-a em um beijo que fez gemer a ambos de prazer, suas mãos foram aos pequenos botões de sua camisa. Queria-a nua, molhada, selvagem e gritando de prazer.

—Tem que fechar a porta com chave —ofegou quando ele abriu sua blusa e seus lábios vagaram por seu pescoço.

Seu seios estavam inchados, ruborizados, seus duros e pequenos mamilos apertando-se contra o tecido de seu sutiã enquanto seus lábios se aproximavam.

—Hmmm… Vive perigosamente —murmurou enquanto lambia as delicadas curvas—. Considera-o uma diversão.

Capítulo Nove

Uma diversão? Estava jodidamente a ponto de subir pelas paredes.

—Está louco —ela podia sentir o fogo crescendo em seu interior, o calor atacando sua vagina como um inferno selvagem.

—Estou-o? —Sax lhe tirou a camisa e a atirou ao chão; depois, seus dedos se dirigiram ao broche de suas calças de seda—. Já passou a hora de fechar, mas alguém poderia entrar. Muitos membros do Clube vêm a meu escritório, Marey. Eles não lhe tocariam, mas olhariam, veriam seu pequena vulva ardendo ao redor de minha franga, ouviriam seus gritos quando te penetrasse com força, profundamente, e te levasse além dos limites.

Ela tremeu, seus olhos se fechavam ante as imagens insidiosas que ele provocava.

—Viram-lhe alguma vez, neném? —as calças caíram a seus tornozelos, revelando o tanga de renda branca que tinha colocado debaixo—. Viu a excitação na face de outro homem enquanto seu amante bombeia em seu interior? Eu o faria. Daria-lhes um espetáculo. Mostraria-lhes o doce e forte que seu vulva me aperta, tiraria e lhes deixaria ver os sucos açucarados que fluem de você antes de me retirar e lhes deixar ouvir seus gritos.

OH, Deus. Isso era sujo. Depravado. Estava-a matando. Ela nunca tinha feito algo assim. Mas tinha que admitir que Terrie e Ela tinham picado sua curiosidade, tinham-na feito perguntar-se se realmente era algo tão bom como diziam ser parte do estilo de vida sexual do Sax.

—Como… —lutou contra o gemido que teria sido mais um grito ao sentir as mãos dele apertar suas nádegas e aproximá-la mais—. Como pode compartilhar assim? por que não é ciumento?

—Porque quero seu prazer. Todo. Quero ver a surpresa e a agonia sensual em seu rosto e saber que sou parte disso. Quero verte gritando, rogando; quero ver cada centímetro de seu corpo acariciado e agradado. Mas ambos saberemos a quem pertence, Marey —sussurrou ele—. Não é assim?

Seus lábios baixaram a seus seios, seu olhar permaneceu fixa nela, enquanto sua língua se curvava ao redor de um alargado mamilo, sensibilizando-o, enviando correntes de prazer a sua matriz.

A quem pertencia? Ela sabia a quem pertencia e isso a aterrorizava. estremecia-se enquanto o prazer queimava cada célula de seu corpo e a verdade de sua própria sensualidade e emoções se abriu passo em sua mente.

Marey tinha esperado isto. Tinha-o tido saudades. Inclusive antes de conhecer o estilo de vida sexual do Sax e do que uma relação com ele significaria. Ela tinha mantido em espera sua própria sexualidade, sabendo que chegaria o dia em que teria esta oportunidade, este breve tempo para ser a mulher que sempre tinha desejado ser entre seus braços.

Enquanto seus lábios faziam estragos e davam a seus mamilos um prazer destruidor, as mãos do Marey se moveram para sua camisa e começou a liberar os botões; depois, separou-se o tecido dos amplos ombros masculinos. Precisava tocá-lo, senti-lo. Precisava memorizar cada fôlego, cada gemido que escapava de seu peito, para poder recordá-lo quando ele se foi.

Suas mãos acariciaram seu peito nu e se deslizaram pelos rígidos planos de seu abdômen, até suas calças. Ela os desabotoou ao tempo que ele sorvia seus mamilos e suas mãos vagavam por suas costas e ombros. Ela o necessitava nu, perto dela, esquentando-a.

—Vêem aqui —a atirou sobre o canapé e a ajudou a acomodar-se até que ficou deitada, olhando-o com aturdida necessidade.

Deus, queixou-se ela. A dor sensual a estava destroçando. Nunca, em nenhum momento de sua vida, tinha estado tão excitada como agora.

—Poderia te comer por sempre —sussurrou ele ajoelhando-se no chão, separando-se lentamente o tanga de seu corpo e separando suas coxas, acomodando-a de maneira que sua vagina se apoiasse nas almofadas—. Tem a vulva mais doce que provei, Marey.

Ela o olhou descender com expressão tirante pela luxúria, com os escuros olhos brilhando enquanto sua língua se estendia e se deslizava devagar ao longo da pouca profunda fenda nua de sua vagina.

Marey se sacudiu, estremecendo-se pelo prazer que lhe dava a língua masculina ao lambê-la, acariciando suas pregas encerados com fome. Ele não tinha pressa. Separou-lhe os lábios interiores com seus polegares e explorou o vale com prazer destrutivo, em tanto ela se retesava e lutava por conter sua própria necessidade imperiosa de correr-se.

Começou a acariciá-los seios, apertando seus mamilos sem deixar de observar ele adorado, tão grande e amplo entre suas coxas estendidas, bebendo sensualmente os quentes sucos que se derramaram de sua vagina.

Seus olhos flamejaram ao vê-la acariciá-los seios. O dar-se conta de que isso o tinha feito excitar-se mais enviou uma emoção aguda por todo seu corpo. Tentou ignorar o impacto emocional, as fendas que começaram a aparecer nas barreiras que tinha levantado em seu contrário. Queria desfrutar, fazer realidade todas as fantasias que tinha tido por ele, viver.

Seu fôlego se acelerou ao sentir a língua dele rodeando seus clitóris, seus lábios chupando-o suavemente, enquanto os tremores do êxtase começaram a subir por sua matriz. Então a mão do Sax se moveu, seus dedos se deslizaram pela rica creme feminina e depois massageou a diminuta entrada a seu ânus.

Ela fechou os olhos. Não podia olhá-lo, não podia deixar que ele visse o que lhe estava fazendo. Ele a preparou devagar, lhe lubrificando seus sucos, pressionando a ponta de seu dedo na pequena abertura, enquanto ela se mordia os lábios e tratava de conter assim as súplicas e os gritos.

—Está tão apertada —gemeu ele, sua voz era um estrondo em seu peito—. Tão doce e quente. Mas te quero mais quente. Tão quente, que deseje mais.

Ela queria mais agora. Essas pequenas sensações agudas não eram suficientes. Desejava mais.

—Você gosta disto? —seu dedo se deslizou mais dentro, massageando os sensíveis terminais nervosos da entrada, fazendo-a apertá-lo e logo relaxar-se. Ela desejava mais.

—Sax… —respirava com dificuldade—. Mais. Por favor.

Ela ouviu um grunhido, um faminto som masculino de prazer quando ele deslizou o dedo mais dentro e seus lábios se moveram de novo sobre seus clitóris, convertendo o prazer em lava hirviente. Marey não podia suportá-lo. Gemeu, retorceu os quadris para pressionar-se mais contra o grosso dedo que a penetrava pelo ânus.

Cada golpe de ardente prazer a levava ainda mais alto. Ofegava, suplicava, gemia com uma necessidade que brotava de seus lábios ao sentir-se perto do limite.

—te corra para mim, neném —sussurrou ele, com os lábios ainda rodeando seus clitóris e um duro dedo penetrando sua apertada vagina cada vez mais profundamente, enviando fogo abrasador por todo seu corpo. O prazer alagou seus sentidos até que fez erupção; estremeceu-se e gritou seu prazer quando o orgasmo explodiu dentro dela.

Não lhe deu tempo de relaxar-se. levantou-se entre suas coxas, com sua franga lhe apontando, grosa e dura, enquanto os olhos do Marey desciam para ela.

Ele pressionou a carne rígida contra os pregas nus de sua vagina, enquanto Marey ofegava, olhando como a crista acampanada se introduzia, desaparecendo ao tempo que as chamas começaram a consumi-la. Ele sustentou as pernas femininas sobre seus braços, as separando, olhando-a vê-lo, enchendo-a devagar quando ela começou a tremer.

—Sax. sente-se tão bem —gritou ela, sua voz era apenas um grito afogado quando o prazer começou a consumi-la outra vez—. É tão boas… tão duras… —suas costas se arqueou, enquanto ofegava, usando seus músculos internos para acariciar e comprimir a carne dura como o ferro que a penetrava.

—E você é tão suave —grunhiu Sax—. Tão suave e apertada que rouba minha mente, Marey.

Ele empurrou, estirando-a devagar, enchendo seu sexo com um calor e um prazer tão incríveis que ela sabia que só os encontraria com o Sax.

Seu olhar estava fixo na escura franga que a penetrava, movendo-se dentro dela lenta e facilmente, até que finalmente entrou cada centímetro nela, lhe tirando o fôlego.

O controle era, para ambos, uma coisa do passado. Sax não tomou suavemente, embora não a machucou. Ele a sustentou firmemente em seu lugar, enquanto seus quadris se moviam com força e rapidez, sua franga martelava dentro dela com um ritmo frenético, quase desesperado, enquanto o prazer começava a crescer, a voar através dela em espirais abrasadoras de sensação que a faziam gritar e arquear-se contra ele.

Era muito bom. Muito forte. Muito prazer.

—Mais duro —gritou ela quando seu orgasmo começou a alcançar seu ponto máximo, e sua ereção atingia dentro dela, atacando seus sensíveis terminais nervosos—. Mais duro, Sax. me ferre mais forte.

Ele gemeu com um som áspero e primitivo e aumentou os impulsos que pressionaram sua vagina, sua matriz, sua alma…

Marey explodiu, gritando seu nome enquanto o sentia profundamente dentro, sentia a flexibilidade de sua franga e a liberação lhe queimem de sua semente quando começou a jorrar dentro dela, prolongando seu orgasmo, levando-a mais alto, esquentando-a mais.

Ela sofreu um colapso pouco depois; lutava por respirar, por entender a incrível letargia e a paz que repentinamente a enchiam. Como se este fora o lugar onde tinha que estar.

Essa tarde, envolta em uma toalha e levando uma garrafa de vinho gelado, Marey se uniu às algemas de cinco troyanos no jacuzzi quente do Sax. A reunião improvisada tinha sido arrumada antes de que saíssem do escritório. James os tinha convidado a subir na limusine da Companhia com ele e Ela. Com um sorriso conhecedor, tinha-lhe informado ao Sax que Ela estava impaciente por visitar o Marey, e que postergá-lo evidentemente lhe causaria algumas noites sem dormir.

Tess, a esposa de Cole, estava reclinada em um extremo do amplo jacuzzi de dez lugares, com os olhos fechados, sorrindo por algo que havia dito junto a ela Terrie, a esposa do Jess. Ela, casada com o irmão gêmeo do Jess, James, estava no outro extremo, junto ao Tally, a única mulher o suficientemente afortunada, ou talvez valente, para manter uma relação com os gêmeos Lucian e Devril Conover. Kimberly, a esposa do Jared Raddington, sorvia seu vinho e olhava às demais. Ela era a mais calada de todas, mas não a menos importante do pequeno grupo.

—Está-te tomando muito tempo, Marey —Ela sorriu com satisfação quando a aludida deixou cair sua toalha e entrou nua na borbulhante água.

Marey soprou para ouvir o comentário de seu amiga, serve-se uma taça de vinho e colocou a garrafa na plataforma de madeira detrás dela.

—Não vos incômoda que esses homens se encerrem assim? —perguntou, refiriéndose ao feito de que os sete homens se encerraram no escritório do Sax para falar só Deus sabe do que.

Incomodava-a. Colocava-a nervosa, especialmente considerando o fato de que seu amante fora um deles.

—Sim, talvez outros lhe estão dando conselhos ao Sax —sugeriu Ela—. Já sabem, a respeito de como surrar a mulheres obstinadas.

—Isto é uma reunião —respondeu Tess sorrindo—. Estão ali para convencer o dos méritos da abstinência. O castigo está em não fazer, não em obter de mais. Perguntem a Cole, ele comprovou isso várias vezes.

—Tem razão —soprou Terrie—. Anda, Tess, qual é seu melhor tempo? Uma hora?

—Quase —Tess riu—. Ou até que ele tire os brinquedos.

—OH, Deus. Não deveria estar escutando isto —Ela se tampou os ouvidos com fingido horror—. É minha filha.

—Afetada —Tess riu entre dentes.

—Já não, Tess —indicou Terrie com uma risada—. James e Sax a reformaram.

O rubor Dela cobriu seu peito, seu pescoço e sua face, enquanto salpicava de água a seu amiga.

Marey jogou uma olhada ao Kimberly e viu o rubor de sua face e a maneira em que baixou o olhar. Ela tinha confessado que tinha sido quase impossível convencer ao Kimberly de que se unisse ao grupo devido a suas proezas passadas com o Sax no Clube.

—Sax como um reformador —Marey arrastou Isso palavras é difícil de imaginar.

Esquivou a Ela, que tentou salpicar a de água, antes de rir entre dentes. Era estranho estar entre essas mulheres. Tinha evitado as reuniões concorridas durante o ano passado, incapaz de agüentar as discussões francas que sabia ocorreriam entre elas.

—É obvio que o é, Marey —interveio Tally com jovialidade—. Ele te está reformando. Arrumado a que justo neste momento está escolhendo a seus terceiros futuros. Talvez essa é a razão de tanto secreto.

Seus olhos Entrecerrados cintilaram com diversão e afeto enquanto Marey lhe lançava um olhar escuro.

—Me ocorre que cinco de vocês estão encontrando muita diversão nisto —anunciou ela arrogantemente—. Talvez eu seja a que reforme ao Sax.

As risadas brotaram ao redor dela por seu comentário.

—Sim, posso ver o acontecimento —Ela brindou com o Marey—. me Avise quando ocorrer, querida, e desfrutaremos de todas a seu memória, enquanto fazemos um plano para se separar a nossos homens do teu. Se você reformar aos troyanos, talvez tenhamos que te fazer mal.

Marey sacudiu a cabeça com o conhecimento de que seus amigas saboreavam os trios ocasionais que seus maridos lhes proporcionavam e a extrema sexualidade que possuíam.

—Não posso ver o Sax reformado —falou Kimberly, como se se obrigasse a encarar um problema—. A ele menos que a ninguém.

—Sax definitivamente parece desfrutar dos gritos que provoca —Ela riu entre dentes—. Já está gritando, Marey?

—me recorde te matar, Ela —grunhiu Marey afetuosamente—. Como podem fazer isto as cinco? lhes sentar e discutir este assunto? Jess teve sexo com o Tess, mas que me condenem se isto te incomoda o mais mínimo, Terrie. Lucian se divertiu e jogou com o Terrie. Todas vocês deveriam ser inimizades mortais.

—Sim, e Sax jogou de uma maneira realmente agradável comigo e com o Kimberly —indicou Ela com um sorriso satisfeito—. Mas você ainda nos quer.

—Seu valia ainda está a discussão, Ela —Marey fingiu grunhir—. Eu não disse que não era tão perversa como vocês, só assinalei o malditamente raras que somos.

—Não mais raras que os homens do Clube —apontou Kimberly, aceitando que Ela voltasse a encher sua taça—. Nunca vi a tantos homens juntar-se em um lugar. Não lhes importa que suas mulheres estejam transando ao redor e não se zangam com os jogos. Ouvi-os discutir sobre posições e qual faria gritar mais às mulheres. —entreabriu os olhos—. Eles são piores que nós.

—Quantos pertencem a esse maldito clube agora? —perguntou Tess abrindo mais os olhos.

Kimberly, embora tinha limitado suas aparições depois de seu matrimônio, tinha sido uma das poucas mulheres a quem lhe permitia o livre acesso ao misterioso edifício que albergava ao Clube.

—Quão último ouvi foi que havia mais de cinqüenta membros —disse Kimberly encolhendo-se de ombros—. Embora eu diria que há vinte regulares.

Segundo Ela, elas tinham deixado de pressionar à outra mulher para que desse nomes meses antes.

—Sim, Kimberly era seu coelhinho de índias —Tally sorriu enquanto a outra mulher se ruborizava.

—Surpreende-me que ninguém te tenha assassinado ainda —grunhiu Kimberly, Entrecerrando Isso olhos foi um golpe baixo, Tally.

—Tally o disse por ciúmes —assegurou Marey à outra mulher com uma leve piscada—. Ela ainda esta zangada porque você foi capaz de acessar e ela não.

Tally soprou com arrogância.

—É obvio que eu teria sido uma escolha perfeita —declarou contemplando suas unhas com ar de orgulho ofendido.

—com certeza que sim —corroborou Terrie—. Se eles tivessem querido obedecer seus regras não escritas. supunha-se que foi você a que tinha que submeter-se, Tally —lhe recordou com um sorriso—. Não eles.

—Lucian e Devril não estão aqui para recordar me suspirou isso ela, embora o perverso brilho de seus olhos desmentiu seu tom de voz—. Talvez esta noite me possam recordar isso de novo. Já lhes contei dessa pá excepcionalmente desenhada que encontramos em Internet.

A risada encheu de novo o jacuzzi enquanto voltavam a servir as taças e a conversação se dissolvia em risadas.

—Ouça, o que lhe passou ao carro do Sax? —perguntou de repente Tally e sua pergunta teve um efeito discordante no silêncio da terraço.

—Não passa nada com o carro —Marey franziu o cenho—. por que?

—Uma grua do xerife o rebocava quando Lucian e eu saíamos do escritório. Ouch… Ela, por que diabos me belisca?

—Porque não te faz a tola muito bem —afirmou a outra mulher com os olhos brilhantes pela cólera, enquanto colocava sua taça na plataforma detrás dela—. Espero que tenhamos desfrutado com esta reunião o suficiente para que nos dure porque arrumado a que estaremos incomunicadas muito tempo depois disto.

Os olhos do Marey se Entrecerraram, enquanto seu coração começava a bater furiosamente em seu peito. girou-se para o Kimberly. Ela agora era parte da equipe de segurança do Delacourte e saberia mais que o resto das mulheres.

—Eu gosto de meu trabalho, Marey —suspirou ela—. Não me faça arriscá-lo. Mas te prometo que todo está sob controle.

—Vence —sussurrou ela—. Lhe fez algo ao carro.

—Acredito que ouvi alguém mencionar algo de um freio prejudicado e uma possível deterioração antes de que o automóvel chegasse aos escarpados —Tally se fez cargo e parecia incômoda—. Não é uma criança, merece saber a verdade.

—Arrumado a que Lucian e Devril não lhe vão surrar durante uma semana —resmungou Ela.

—Você e James me mentistes —Marey se voltou para Ela furiosa—. Estava de acordo com isso, Ela?

Ela a olhou fixamente sem arrependimento.

—No momento —confessou à defensiva—. Caray, Marey, está preparada para fugir do Sax a menor oportunidade. Não queria verte encontrar uma desculpa. Não quero verte morta.

—Preferiria ver o Sax morto? —gritou ela levantando-se e saindo da banheira. envolveu-se em uma toalha enquanto Ela a seguia—. O que acredita que isso me faria, Ela?

—Bem, ninguém se morreu —gritou a mulher maior e atou a toalha entre seu seios—. É tão obstinada, Marey, Seria capaz de te cortar seu próprio nariz se te incomodasse em seu face. Sax pode te proteger.

—Não necessito seu amparo nem a tua —cuspiu Marey furiosamente—. Maldita seja, Ela, não tinha direito a me mentir.

—por que não? —falou com brutalidade. —Memore a você mesma todo o maldito tempo. Não deveria te incomodar tão quando alguém não faz mais que te proteger de seu própria tolice.

—Estou aqui, não é certo? —Quase gritou Marey—. Durmo em sua maldita cama e ele me ferra com regularidade. Não é isso o que queria?

—Sejamos concretas, é o que você queria e te negava com qualquer pretexto —Ela a acusou cruzando os braços sobre seu seios com expressão teimosa, desafiante—. Só queria me assegurar de que não saía com uma nova desculpa.

—Não era teu assunto…

—E um corno, que não o era… Acredita que desfrutamos sentados naquele quarto do maldito hospital contigo depois de que ele quase te matou? —gritou Ela com voz rouca pela cólera—. Vou dar uma pista, Marey, ele te quer morta.

—Aqui tem uma pista, Ela, é uma bruxa intrometida —grunhiu Marey.

—E você uma bruxa obstinada —a face furiosa Dela estava a poucos centímetros da do Marey, quase se tocavam—. E se está tratando de abandonar ao Sax vou atingir te.

—OH, tome cuidado, neném, poderia me colocar quente —se zombou Marey—. Não seria isso um novo prazer para os bastardos?

—Euwww. Eles vão carregar com todo o marrom. —anunciou Tess a todas—. Que alguém vá pelo Sax e James para avisá-los.

—te cale, Tess —as duas se giraram a olhá-la furiosas antes de voltar-se para enfrentar.

—Bem, posso ver que lhes deixamos a sós muito tempo, senhoras —disse Sax ao cruzar as portas corrediças, sua voz era tranqüila e se traslucía uma pequena brincadeira quando Marey se voltou lentamente para ele.

Cruzou os braços sobre seu amplo peito, seus dentes brilhavam em um sorriso zombador enquanto outros se paravam detrás dele observando a cena com variáveis expressões de desaprovação.

Olhou-o com os olhos Entrecerrados antes de olhar a cada um dos outros.

—Recorda que te disse que foste encher o saco me muito? —perguntou-lhe Marey com voz sarcasticamente doce. Ele levantou as sobrancelhas lentamente—. Pois me considere cheia o saco.

Marey entrou precipitadamente na casa, estremecida pela ira e o temor. Sobre tudo pelo temor, que avançou por seu sistema formando em seu estômago nós que ameaçavam enviando-a ao quarto de banho.

Vence não se deteria, ela sabia. Estava-o demonstrando. E Deus querido, ela não sabia se poderia suportar perder ao Sax.

Capítulo Dez

—Isto é um engano, Marey, por favor não o faça —O chofer colocou a limusine no estacionamento do hotel quando Ela expressou ainda outra súplica para que voltasse com o Sax.

—Tenho que pensar —resmungou, olhando pela janela o interior alegremente iluminado do vestíbulo do hotel.

—Vence não está… cordato.

—Sei, Ela —suspirou Marey cansadamente.

—Sax te ama, Marey…

—Ela —A voz do James era baixa, tranqüilizadora—. Sax e Marey têm que lutar contra isto por si mesmos.

Marey olhou ao James, vendo o conhecimento em seu rosto, a preocupação, antes de que ela olhasse de novo a Ela.

—Quero-te, velha arpía —disse ela suavemente—. E sei que ele se preocupa. Só tenho que entender o que estou fazendo aqui. Não posso fazer isso com ele abatendo-se sobre mim. Tomarei cuidado entretanto, prometo-o.

Ela suspirou com pesar.

—Bem. E eu te quero também. Inclusive se seus decisões realmente empesteiam às vezes.

—A maior parte do tempo —confessou Marey com um suspiro, já sentindo saudades ao Sax, insegura de se a decisão que tinha tomado ao calor da cólera era a que terei que atenerse agora que a raiva se atenuava.

—Podemos te levar de volta, Marey —ofereceu James, sua voz suave.

—Não —tomou um fôlego profundo enquanto o chofer lhe abria a porta e esperava de pé fora pacientemente.

Abraçou a Ela rapidamente.

—Chamarei-te amanhã.

Saltou do carro antes de que pudesse trocar de opinião, caminhando a pernadas deliberadamente para o hotel, rechaçando olhar para trás.

—Sabe, se a obstinação tivesse um nome, seria Marey.

Marey se congelou no ato de assegurar a porta da residência do hotel e se deu a volta lentamente.

Sax.

Bem, isto explicava porquê James teve ao condutor dando voltas sem rumo fixo enquanto Ela discutia com o Marey.

—Menino, quando dizem que os Troyanos se mantêm unidos, querem dizer exatamente isso —grunhiu ela—. Quanto teve que soltar para subornar ao porteiro e arrumar isto?

O hotel era o melhor na cidade, a segurança sempre era exemplar.

—Delacourte/Conover mantém uma conta aqui —lhe informou ele, sua voz fria—. O dono também funciona ser um membro do Clube.

Ela soprou ante isto. Deveria havê-lo imaginado só.

ficou de pé silenciosamente, suas mãos escondidas na malha solta de seu vestido quando o olhou fixamente.

Ele estava de pé no centro do quarto, seus pés separados, sua cabeça inclinada enquanto a olhava, seus olhos escuros e meditabundos.

—Se já te aconteceu o aborrecimento, podemos voltar para casa agora —disse ele com paciência.

Seus dentes se apertaram furiosamente.

—Pode ser um pouco mais arrogante? —cuspiu ela—. Talvez não queira voltar.

—E talvez também você gosta de mentir sobre nós dois, maldição, muito —sugeriu ele sedosamente, movendo-se para ela, lentamente, relaxado, com passos majestosos.

Não ia fugir dele, prometeu-se. Não lhe daria essa satisfação. Ou era que… se negava a si mesmo a satisfação? Estava tão doente como Ela e as demais.

—Sabe, Marey —sussurrou ele, sua voz suave, perigosa—. Me ocorre que em algum lugar, de algum jeito, vais ter que confiar em alguém. A confiança começa aqui e agora. te incline sobre a cama.

Ela bocejou para ele.

—Perdoa?

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

—As desculpas se terminaram. te incline, neném. Agora…

Fugir dele não ia funcionar. Tinha-o admitido enquanto discutia com Ela. Era inútil. Ele era sua debilidade, o que ela mais temia, e ante o que estava mais indefesa. moveu-se devagar para a cama, lambendo seus lábios

nervosamente ao ver o brilho decidido e dominante nos olhos dele. Sua vagina se esquentava, umedecia-se, seu seios se inchavam em antecipação. Pervertida, acusou-se a si mesmo. Mas avançou para a cama, jogou-lhe uma última olhada nervosa e logo se inclinou lentamente.

—Boa garota… —Marey se ajoelhou na cama, seu traseiro ao ar enquanto Sax deslizava os últimos centímetros de um consolador lentamente em seu traseiro quase meia hora mais tarde.

sentiu-se estirada, incinerada. Suas mãos estavam unidas procurando consolo enquanto lutava para respirar através das sensações, para pensar além da sexualidade aturdida que a enchia.

—vais ter colocado isto até que cheguemos a casa —sussurrou ele enquanto sua mão acariciava ao longo as curvas de seu traseiro—. Logo vou transar te. Enquanto seu traseiro está cheio deste consolador, e estará preparada para mim, Marey. Tão molhada e tão preparada que quando me deslizar dentro de seu apertado vulva não será capaz de deixar de gritar.

Lhe acreditou. ia gritar agora.

—Vamos, te coloque de pé para mim.

Ele a ajudou a sair da cama, lhe dando a volta até que ela o confrontou, cambaleando-se, os músculos de seu traseiro apertados ao redor da largura do vibrador que a penetrava.

Ela o olhou, tremendo, cada vez mais consciente das profundidades cheias de seu traseiro, e o vazio doloroso de sua vagina.

—Preparada? —Ele estendeu a mão para ela, um pequeno sorriso cintilando em seus lábios.

—Não sei se posso andar —Ela tragou com força, tentando aquietar os tremores que atormentavam seu corpo.

—Sim, pode —Sua mão descansou sobre seu traseiro—. Lento e fácil. E deixa-o sentir-se bem.

Ela soprou sarcasticamente.

—me vou tirar isso só para caminhar, Sax. Este é um tratamento cruel e estranho.

—Não, não o fará. Só desejará fazê-lo —Ele riu entre dentes quando abriu a porta—. E só pensa em quão bem o vais sentir quando chegarmos a casa.

—Violaram-lhe alguma vez, Sax? —perguntou-lhe ela coloquialmente, quase perdendo-a surpresa que cruzou o rosto dele quando ela recolheu sua bolsa e se dirigiu para a porta, um fôlego difícil saindo de seu peito quando o prazer se abriu passo através dela.

—Não —riu ele entre dentes—. Não posso dizer que me tenha acontecido.

—Espera-o-o advertiu ela grosseiramente enquanto ele abria a porta para ela e ela saía do quarto—. Logo.

A violação do Sax ia se atrasar.

—Que demônios faz ele aqui? —Exalou Marey com um gemido quando tomaram o meio-fio sombreado por árvores por volta da casa do Sax essa mesma tarde, e encontraram um Mercedes negro e ao meditabundo tipo de cabelos negros que estava de pé ao lado.

Ele se endireitou enquanto Sax detinha o carro alugado, e descruzaba os braços para afundar as mãos dentro dos bolsos de suas calças. Daniel Conover era tão conhecido pelo Marey como os amantes do Tally, Lucian e Devril. Era um detetive privado de primeira categoria, e muito caro também. Também era parte do pequeno clube exclusivo ao qual Sax pertencia se se acreditava na mulher. E Marey sabia bastante bem que ela não mentiria sobre isso.

E ele não era muito difícil de olhar. Cabelo negro espesso, olhos cinzas intensos e uma expressão meditabunda que faziam que mais de uma mulher suspirasse de desejo. Era um menino mau, selvagem e perigoso, e podia lhe ver-se na face.

Sua vagina ardia, seu traseiro ardia e cada nervo e célula em seu corpo gritava pedindo a liberação. Não queria esperar. Queria ao Sax na casa, nu e transando-a. Não queria fazer relações públicas. Não importava o agradável de olhar que fora a companhia.

—Contratei-o para encontrar a seu ex-marido.

Marey chiou os dentes.

—Discutiremos sobre isso mais tarde. Deshaz dele, Sax. Estou-me morrendo.

—logo que seja possível —prometeu ele, descendo do carro e rodeando-o para abrir sua porta.

Ajudou-a a sair do carro enquanto um agudo fôlego assobiou entre seus dentes. Ela apertou os músculos de seu ânus, sentindo que os sucos gotejavam de sua vagina, queimando seus clitóris e enviando ondulações de incrível fome convulsionando através de sua vagina.

—te apresse —Ela tinha vontades de grunhir. Não estava de humor para ser cortês. Com ninguém.

A mão dele rodeava seu quadril quando fechou a porta e a conduziu à casa.

—Entra, Daniel —o convidou ele, fazendo que Marey lhe desse uma cotovelada no duro abdômen.

Ela queria que a transassem. Não queria companhia.

Sax introduziu o código de segurança rapidamente no painel de controle, que automaticamente abriu a porta que ele sustentou aberta. As luzes titilaram no interior a casa, deixando um brilho amável e suave pela enorme sala de estar.

—Daniel, conhece o Marey Dumont —Sax os apresentou enquanto se dirigia para a barra a um lado do quarto—. Quer uma bebida, Daniel?

Uma bebida? ficaria o tempo suficiente para tomar uma bebida?

Marey jogou ao outro homem um olhar deslumbrante por debaixo de suas pestanas. Como contrapartida, ela recebeu um sorriso lento e perverso e decidiu que ia ignorar o que esse sorriso lhe tinha feito a seu corpo muito excitado, assegurou-se a si mesmo.

—Olá, Sra. Dumont —Ele saudou com a cabeça, sua voz profunda, um retumbo em seu peito quando a olhou fixamente—. Se vê mais encantada que nunca.

—É agradável verte, Daniel —Ela saudou com a cabeça brevemente antes de girar para o Sax—. Te esperarei acima…

deu-se a volta para deixar a residência. Se não se afastava um inferno dele, não ia poder controlar-se.

—Marey —Sua voz a deteve enquanto ela se afastava dele. Voltando-se lentamente, olhou-o com olhos Entrecerrados em advertência. —Daniel poderia ter que te fazer algumas pergunta. Deveria ficar —a voz dele se endureceu.

De acordo, ela odiava aos homens mandões, mas o som de sua voz, a advertência implícita nela, fazia que sua vagina se apertasse espasmodicamente.

Lambeu seus lábios rapidamente, lutando por controlar sua respiração quando o confrontou, consciente de que Daniel observava a cena. Ensinou- os dentes a ele, ignorando a labareda de diversão em seus olhos quando o fez.

Daniel era um troyano. Durante um momento, seus joelhos se debilitaram pela suspeita e a excitação que a afligiram ao ter esse pensamento. Sax se estava movendo mais rápido do que ela tinha esperado se tinha planejado isto.

Aspirou profundamente. Tinha esperado isto durante anos. Tinha sabido o dia em que tinha estacionado no estacionamento desse maldito motel o que aconteceria alguma vez se ia à cama com o Sax. Isto seria parte disso, sabia. Compartilhar. E ela o desejava.

Durante um momento, perguntou-se se deveria sentir vergonha. Não era em todas as relações que se começava com a certeza de que freqüentemente haveria mais profundidade sexual da que era considerada decente. Ao ser assim, então supôs que era uma desavergonhada. Tinha sabido durante anos que Sax era mais sexual, mais dominante que outros homens. Tinha ido a esse motel sabendo, sabendo que isto nunca se terminaria com uma noite, sabendo que finalmente, ela seria parte do estilo de vida que sabia que ele levava, se conseguia ficar com o tempo suficiente para experimentá-lo.

Marey ignorou a suave voz em sua cabeça que a advertia de que isto era algo mais que sexo. Parte de seu coração se debilitava, abrandava, e ria suavemente de sua negativa a olhar além do sexual, ou cavar mais profundo no fato de que isto era um estilo de vida que ela nunca teria abraçado com outro homem.

Ela se iria finalmente. Provavelmente mais logo que tarde, simplesmente porque sabia que não poderia agüentar o medo, dia detrás dia, de que ele a pudesse deixar. Que chegasse o dia em que ele despertaria, aborrecido dela, tendo compreendido que era só o sexo o que os mantinha unidos mais que qualquer emoção por sua parte. Embora tinha que confessá-lo, ele jogava amante complacente perfeitamente bem.

—Nesse caso, tomarei uma taça de vinho se não te opuser —Ela tratou de relaxar-se, aquietar o tremor de suas mãos, de seu corpo enquanto encontrava seu olhar fixo.

Um sorriso lento se formou em seus lábios plenos quando ele assentiu com a cabeça lentamente.

Avançando devagar, tragando com força, ela se moveu para o sofá e se sentou. Doce piedade. Seus músculos apertaram, convulsionando ao redor do vibrador quando se moveu. Não ia sobreviver a isto.

Olhou enquanto Sax servia ao Daniel seu uísque com gelo e logo avançou para ela com o vinho que tinha servido. Necessitava algo para tranqüilizar os nervos que se elevavam dentro dela, e as imagens depravadas que atravessavam sua mente.

—Seu ex-marido tem alguma habilidade com os computadores, Sra. Dumont? —Daniel se sentou na cadeira frente a ela, seus olhos cinzas olhando-a com curiosidade, conhecedores.

—Não, que eu Ela saiba aceitou o vinho do Sax, forçando sua atenção nas perguntas quando ele se sentou a seu lado. Perto. lhe recordando quão bem pareciam estar juntos.

—Algum amigo é bom nisso? —Daniel se tornou atrás em sua cadeira, cruzando seu tornozelo sobre o joelho oposto—. Os computadores de sua empresa de segurança foram hackeados a noite antes. Pensamos que assim é como ele conseguiu conseguir os códigos de segurança. Ele não destruiu o sistema.

Ora, supunha-se que ela tinha que pensar agora mesmo?

—Os amigos de Vence raramente chamavam ou vinham a casa —se concentrou em tratar de controlar sua respiração, mas não era fácil quando Daniel lançava uma olhada a seu seios. Seus mamilos se destacavam, duros e apertados e foram piorando quando Sax começou a acariciar seu pescoço com os dedos.

—Recorda a qualquer de seus amigos? Nomeie, algo?

Ela inspirou profundamente.

—Estivemos casados apenas um ano, Daniel. E não posso recordar à pouca gente que ele me apresentou realmente.

Marey quase não podia recordar seu próprio nome agora mesmo.

Os dedos do Sax foram à deriva para sua clavícula, logo à beira superiora de seu peito.

Marey levantou o vinho até seus lábios e tomou um longo sorvo. Sua mão tremia e não podia detê-la.

—Daniel, talvez o interrogatório ao Marey deveria fazê-lo mais tarde —disse Sax suavemente.

Daniel se moveu em sua cadeira, seu olhar fixo nos seios do Marey enquanto Sax abria o primeiro botão de sua blusa. A cabeça dela caiu contra seu ombro, a debilidade embargando-a. ia fazer o. Deus, ela não podia acreditar que realmente viveria a fantasia que tinha cheio seus sonhos portanto tempo.

—Sax, se este for um acontecimento da dois, melhor me avisa agora —Daniel quase gemeu quando Sax acariciou os montículos de seu seios.

—É um acontecimento só para dois, Marey? —sussurrou Sax, tomando sua taça enquanto seu dedo roçava seu mamilo, fazendo-a sacudir-se em resposta.

—Eu sabia no que estava me colocando —Ela inspirou duramente quando Daniel ficou de pé, avançando devagar para o sofá, seus olhos baixaram sensualmente quando Sax a moveu até que ela ficou recostada, com sua cabeça em seu ombro oposto.

—Sim, sabia, Verdade, neném? —cantarolou ele—. Pensava com muita ilusão nisto?

—Pensava com muita ilusão em você —sussurrou ela, incapaz de mentir-se a si mesmo ou a ele—. Todos vós… Ah Deus!

Seu corpo inteiro convulsionou simplesmente porque Daniel soltou o cinturão de suas calças e deslizou o broche que o mantinha unido.

—É formosa excitada —sussurrou Sax enquanto seus dedos soltavam os botões de sua blusa, deixando-a aberta—. Mas quero verte desenquadrada devido a isso. Existe um prazer que as mulheres encontram só quando são tomadas assim, Marey. Um prazer que nós só encontramos ao verte experimentá-lo. Um que nos faz chegar tão alto como a você.

—Alto? —Ofegou ela quando Daniel a levantou, deslizando suas calças sobre seus quadris enquanto os baixava, fazendo que seus sentidos se cambaleassem, e suas terminações nervosas ardessem em resposta—. Sax, isto se passa de «alto».

Sua blusa desapareceu de seu seios enquanto as calças se deslizaram de seu corpo. O vibrador em seu traseiro parecia uma cunha erótica, queimando-a com o conhecimento do que ia vir quando suas calcinhas se deslizaram tão facilmente de seu corpo como suas calças o tinham feito.

Minutos mais tarde, estava nua, olhando para cima aos dois homens que se despiram rapidamente, seus dedos ao redor de seus duras sexos, dois pares de olhos famintos, um par de cor cinza intensa, outro de cor chocolate, olhando-a atentamente. Ela não queria simplesmente jazer ali e esperar. Rebelando-se, girou-se no sofá e estendeu a mão para tocar longitude bronzeada do pênis do Sax, sua boca se abriu enquanto ele pressionava a ampla cabeça em seus lábios.

Ela o sugou avidamente, saboreando o calor masculino e o desejo enquanto Daniel avançava a seu lado.

—Fácil, neném —Sax se retirou dela, ignorando seu grito de protesto quando seu pênis escorregou de sua boca.

Entretanto, não ia protestar com muito força. Imediatamente, os lábios do Daniel cobriram o tirante pico de um de seu seios enquanto Sax se ajoelhou junto ao braço do sofá e de maneira similar capturava o outro.

OH Deus. Suas mãos se enredaram no cabelo do Daniel, de uma vez que abraçava a cabeça Lisa do Sax.

Isto era o paraíso. Seus lábios tironeaban seu seios, sorvendo-a profundamente, suas línguas lambendo seus mamilos enquanto suas mãos vagavam sobre seu corpo. Estava sendo consumida, devorada. estremeceu-se sob seu agarre, sua cabeça caiu para trás quando gemeu com a tormenta que se elevava dentro dela.

—Sax… —Seu nome escapou de seus lábios, embora não estava segura de poder respirar, sem mencionar formar palavras. —Sax…

Queria dizer tanto, e as palavras não lhe saíam. Queria poder sussurrar o que fora que essa emoção acendia em sua alma, embora pudesse não ter sentido.

—Tão doce —Seus lábios se arrastaram desde seu mamilo, abaixo por seu torso enquanto a levantava, apoiando um joelho sobre a almofada para permitir a sua língua liberdade para dançar sobre sua vulva inchada e saturado.

Rodeou seus clitóris, lambeu-o, respirou sobre ele, até que esteve tensa, pedindo mais. Quentes e calosas pontas dos dedos se arrastaram através de sua coxa até que separaram os pregas trementes de sua vagina, um dedo abrindo-se caminho dentro sua ardente vulva.

Ela empurrou, gemendo, pedindo mais quando Sax cobriu seus clitóris com seus lábios e o sorveu com o calor aceso de sua boca.

—Sax, maldito seja —lançou um grito, retorcendo-se, enquanto lábios, línguas e dedos a conduziam em uma espiral a qual não estava segura de poder sobreviver.

A chicotada de sua língua em seus clitóris a mantinha tensa, rogando por seu orgasmo. A firme sucção em seu mamilo enviava arcos de quase violentas sensações disparando através de sua matriz enquanto o dedo que enchia sua vulva entrava e saía, acariciando-a cada vez mais perto do que ela sabia seria um clímax destrutivo.

Então repentinamente, ambos se tinham ido.

Ela chiou com voz rouca, elevando-se para eles, só para ter ao Sax voltando para sua posição anterior e outra vez enchendo sua boca com seu pênis.

Daniel se ajoelhou detrás dela, seus lábios acariciaram as curvas de seu traseiro enquanto seus dedos se moviam para a fenda, agarrando a base do vibrador e o girava devagar.

Ela lançou um grito ao redor da ereção que enchia sua boca, sorvendo-a firmemente, sua língua a açoitava quando Daniel começou a atormentar o cheio túnel de seu traseiro. Doía-lhe. Gemia de dor, seus quadris se elevavam, apoiando-se contra ele quando finalmente retirou o acampanado consolador e logo a empalou lentamente com ele outra vez.

Sax se moveu até que ficou em cima do braço do sofá, obrigando-a a mobilizar a parte superior de seu corpo até ficar sobre a grossa almofada para conseguir manter a profunda penetração em sua boca. Seu sexo estirava seus lábios, suas mãos se afundavam em seu cabelo, mantendo-a quieta enquanto empurrava dentro e fora facilmente.

detrás dela, Daniel, devagar, lentamente tirou o vibrador enquanto Marey gritava devido às sensações que a ação o fazia sentir. ia se correr. OH Deus, ia correr se com nada mais que a dor erótica do grosso bulbo abrasando o pequeno anel de músculos enquanto este passava. Quase, quase estava ali.

Suas unhas se enterraram na almofada do sofá enquanto a liberação iminente se afastava lentamente, deixando-a grunhindo furiosamente. Necessitava essa liberação, desesperadamente.

—Maldição, Sax, ela está molhada —Seus dedos se deslizaram pelos pregas empapados de sua vagina.

—Molhada e selvagem —sussurrou Sax, olhando-a, enquanto ela levantava seus olhos para encontrar os dele, sua boca cheia de seu sexo enquanto gemia de excitação.

Trabalhou sua boca sobre ele tudo o que suas mãos enredadas em seu cabelo lhe permitiam, mas quando sentiu a refrescante sensação do gel lubrificante aplicado na estirada entrada de seu traseiro, ficou quieta.

Ela olhou ao Sax, vendo sua expressão retesar-se enquanto observava ao Daniel estirar e lubrificar seu ânus. Sua face estava contorsionada pela excitação, mas havia algo mais. Algo indeterminável enquanto Daniel se movia e a cabeça de seu pênis dava um inclinação brusca contra ela.

Os olhos dele se fixaram nos dela outra vez, a cor escura flamejando com emoção, prazer. Orgulho. Então ela não pôde ver, não pôde ouvir nada além de seus próprios gritos estrangulados enquanto sentia os grossos pênis entrando nela.

Sax se tornou atrás, tirando seu pênis de sua boca, embora seguia sustentando sua cabeça, observando-a enquanto Daniel lentamente introduzia seu pênis em seu traseiro.

—Sax. Sax…OH Deus…isto queima… —Fortes mãos a sustentaram pelos quadris quando ela se elevou contra a penetração, desesperada-se para forçar mais da dura carne dentro dela—. Faz-o deter-se…

Ela gritava, arqueando-se, sua vulva tão quente, tão molhado que agora ela podia sentir o excesso de umidade que gotejava por suas coxas.

—Tão bela —Os polegares dele acariciaram suas bochechas quando ela olhou para cima suplicante, sentindo que cada protuberante centímetro do pênis do Daniel lentamente a enchia—. Deixa-o ir, Marey —sussurrou ele—. Só deixa que o prazer tome o controle. Não você.

Ela tratou de sacudir a cabeça. Não podia permitir isso. Se o fazia, não poderia sobreviver sem o ter nunca outra vez.

—Fará-o —cantarolou ele, jogando uma olhada por cima dela quando Daniel gemeu bruscamente—. Está apertada, Marey, ele tem que perfurar com seu sexo dentro de você. Sabe como de bom se sente, tendo que mover-se tão lento e duro? Pode senti-lo, Marey? A beira entre o prazer e a dor. É o mesmo para o Daniel, trabalhando, enterrando seu sexo em seu traseiro quando te aperta, te perguntando qual sensação é a mais forte e agonizante.

Ela tratou de sacudir sua cabeça. Só necessitava que ele se calasse de uma ferrada vez. Não podia lutar contra ele e essas sensações.

—me olhe, Marey —Sua voz se endureceu quando os olhos dela se fecharam. abriram-se outra vez lentamente—. me Olhe. Ele quase te está enchendo, só uns centímetros mais, neném. Ele vai deixar seu apertado traseiro aberto e logo te transará lento e fácil. E eu vou olhar seu rosto, amor. te olhar voar sobre a beira enquanto grita.

Gritar? Não podia respirar, como se supunha que ia gritar?

Tudo o que podia fazer era concentrar-se na crescente tensão de seu corpo, sentindo ao Daniel deslizar-se esses centímetros até que esteve situado dentro dela como em um punho, enchendo-a com cada centímetro de seu pênis.

E não era o bastante. Ela gemeu, sacudiu-se, olhou-o para cima, aterrorizada de pedir o que necessitava. Se o fazia, como manteria sua distância dele?

detrás dela, sentia que as mãos do Daniel agarravam a curva de suas nádegas, as separando, enquanto ela observava ao Sax sobre ela. Daniel se retirou então, fazendo-a apertar os dentes, contendo um grito quando

começou a afundar seu sexo. Muito lento, profundos impulsos e retiradas, lhe medindo o traseiro com impulsos mesurados enquanto ela sentia o prazer construindo-se dentro dela. Prazer, dor, fogo e gelo. As alternantes sensações se estremeciam ao longo de suas terminações nervosas com cada golpe da ereção do Daniel dentro dela empurrando além de seu ponto de controle.

Necessitava mais.

estirou-se contra o afeto do Sax de seu rosto, sepultando sua face no acolchoado apoyabrazos, cantando suas necessidades em silêncio de modo que ele não a pudesse ouvir.

Lhe sorriu tensamente, seus lábios se retiraram de seus dentes, sua escura face se contorsionó de prazer quando a olhou, seu olhar fixo que ia do rosto dela ao ponto onde Daniel transava seu traseiro com golpes diabólicamente lentos.

—Sax… —ela gemeu seu nome, incapaz de conter a súplica tácita que trovejava através de seu corpo—. Por favor…

—Por favor o que, neném? —Suas mãos sustentaram sua face imóvel—. me Diga o que quer, Marey. Tudo o que tem que me fazer é pedir isso Isso é todo. O que seja que queira. É teu.

Ela não ia fazer o. Gemeu com o conhecimento de que ele a conhecia melhor do que ela se conhecia si mesmo. Não podia negá-lo, o prazer, a beira da dor, ou sua necessidade dele.

—Mais… —articulou silenciosamente.

O polegar dele bordeó seus lábios.

—Tenho que ouvir o de você, céu —gemeu ele, com algo mais que a compaixão refletindo-se em seu olhar.

Ela não queria ver nada mais. Essa emoção que ela não podia admitir, nem sequer a si mesmo.

detrás dela, Daniel seguia movendo-se, cada golpe quebrando seu controle. Estava cheia, mas ainda assim se sentia vazia. Necessitava mais, necessitava que algo a empurrasse sobre a beira e a enviasse gritando para o clímax.

—me transe —exigiu bruscamente, tornando-se atrás sobre o pênis do Daniel quando seu agarre se afrouxou.

Imediatamente, um ligeiro, reprobador golpe foi dado na curva de sua nádega.

Sax riu entre dentes quando ela se sacudiu, grunhiu e se tornou atrás outra vez. Outro golpe soou na nádega oposta. Voltava-a louca. Como diabos se supunha que sobreviveria a isto, escondendo-o em alguma parte de seu coração se ele seguia obrigando-a a reconhecê-lo?

—Sax, me transe —Ela sacudiu sua cabeça, soltando-se de seu agarre, movendo a cabeça em exigência—. Maldito seja, me transe agora.

Capítulo Onze

—Tranqüila, amor. vamos fazer o lento e suave…

Juntos Daniel e Sax a tinham baixado, mantendo-a empalada sobre a franga penetrando seu traseiro, enquanto Sax se estirava sobre o sofá debaixo deles. As pernas dela se abriram, dobrando os joelhos quando os dois juntos começaram a baixá-la.

Como eles a mantinham suspensa de tal modo, ela não sabia nem lhe importava, tudo o que soube foi que finalmente, finalmente a franga do Sax estava ocultando-se entre os pregas de sua vulva, pressionando contra a lhe gotejem entrada enquanto ela era baixada a um ritmo lento.

A ereção do Daniel palpitou em seu traseiro, enchendo-a tão completamente que temeu que Sax nunca seria capaz de afundar-se no interior de seu lhe convulsionem vulva. Mas lentamente, pouco a pouco, suavemente, ele começou a enchê-la, entrando e saindo enquanto Daniel o fazia, forçando seus músculos a estirar-se, sua creme fluindo mais rápido e facilitando sua entrada até que ele se deslizou dentro do mais profundo dela.

Sua cabeça jazia contra seu peito, seus braços rodeavam sua nuca, e ela jurou que não estava gritando quando escutou suas palavras cantaroladas.

—É tão bom, neném… quente e doce…. Tão jodidamente estreita…. Isso é amor, toma-o todo de mim agora, todo de mim, Marey…

Ele já estava do todo fundo nela.

—Sax… —ela estava aturdida, frágil, apesar dos fogos que erupcionaban desde o primeiro até o último de seus nervos e do placer/dolor que a consumia.

—Isto está bem, amor—sussurrou ele—. Deixe ir. Nós faremos o resto.

Eles começaram a mover-se então. Movimentos perfeitos, peritos que dirigiam a franga do Sax profundamente em sua vulva enquanto Daniel retrocedia de seu traseiro, logo Sax teve que retroceder enquanto Daniel bombeava no interior de suas nádegas. Ao princípio, os movimentos deles eram lentos e suaves permitindo que o inferno surgisse da dual penetração para destruir sua mente.

Ela não podia simplesmente descansar contra ele, lutava contra os braços que a mantinham encerrada, seus quadris se retorciam, lutando por aumentar a força dos impulsos enquanto as sensações começavam a crescer, a

fortalecer-se, a estender-se através de seu corpo até que cada centímetro de sua carne esteve sensibilizada e pulsante, à espera….

Quando chegou ela gritou. As palavras que escaparam não importavam, as lágrimas corriam por suas bochechas, tudo o que importava era a liberação que explodiu através dela, as brutais e profundas detonações que convulsionaram sua tremente vulva e o fluxo da creme que se derramava com as duras e profundas idas e vindas da franga dentro dela. sentia-se consumida por isso, destruída por isso, apenas capaz de entender que os homens que a enchiam estavam encontrando também sua própria liberação, bombeando seu corpo cheio de sêmen quente, provocando outra série de desagarradoras contrações através dela.

Finalmente, ela paralisou fracamente sobre o peito do Sax, seu corpo ainda se estremecia quase violentamente quando sentiu que Daniel se separava lentamente de seu traseiro, sua mão deslizando-se suavemente sobre a curvas, enquanto Sax sussurrava tolices tranqüilizadoras em seu ouvido.

—vou tomar banho me, camarada —escutou ao Daniel dizer sem fôlego—. Deveria ficar ou ir, depois?

—Não demore —grunhiu Sax—. Temos que falar.

As palavras se arrastaram ao redor dela enquanto descansava contra Sax, sentindo-o mover-se, mantendo-a perto enquanto ele se levantava do sofá carregando-a a peso em seus braços.

Só foi lejanamente consciente do traslado acima, ou de como ele a lavou meigamente antes de colocá-la dentro de sua cama. Marey se aconchegou sob as mantas em seu travesseiro e deixou que o sonho a alcançasse.

—Não foi muito rápido Sax? —mais tarde Daniel caminhava pela cozinha, vestido, secando seu cabelo enquanto olhava silenciosamente ao Sax.

Sax lhe jogou uma olhada aos sanduíches que estava preparando, fazendo uma careta ante o comentário de seu amigo.

—Tenho que mantê-la desequilibrada — admitiu ele com um suspiro—. Ela correrá assustada quando tiver tempo de considerar as coisas. Até que Vence esteja na prisão eu estou caminhando por uma fina linha.

Daniel soprou.

—Marey está louca por você. Faz anos que nós sabemos. Ela foge se simplesmente pensa que você estará nas cercanias. Sua face se ruboriza se se menciona seu nome, e se, segundo Tally, os brinquedos podem ser os melhores amigos de uma garota, todos os seus se chamavam «Sax».

Sax grunhiu grosseiramente.

—Isso me hão dito.

Ultimamente Ela tinha sido uma fonte de informação no concernente ao Marey. Embora também ele podia ter conseguido essa exígua informação.

—Vence desapareceu, Sax —disse Daniel cansativamente enquanto tomava assento na pequena mesa de café da manhã, aceitando o prato com o sanduíche e a garrafa de cerveja que Sax lhe deu—. Eu tenho vários homens atrás de sua pista, mas não chegaram a nada ainda. O xerife está também arranhando-a cabeça. Estamos rastreando a qualquer que tenha violado a segurança dos computadores da empresa. Isso foi um bom trabalho, mas eles a cagaram em um ponto essencial. O xerife encontrou os rastros de Vence por todo seu carro: Definitivamente foi ele quem estragou os freios. Agarraremo-lo, mas não sei quando.

Sax soltou o fôlego bruscamente.

—Lhe teme —grunhiu—. E não há muitas coisas que assustem ao Marey. Ela leva uma couraça de aço, mas Vence a assusta.

Daniel se moveu incómodamente.

—Você leíste o relatório que fizemos faz três anos, Sax. Ele não está bem. Levou a cabo um bom jogo para consegui-la. Uma mulher rica, só… Ela passou sua vida cuidando de seus pais doentes, estava preparada para ser seduzida. Vence a conseguiu. Você é afortunado de que ela fosse o bastante inteligente para desfazer-se dele antes de que a assassinasse.

—Eu quero encontrá-lo —Sax tomou assento, mantendo sua voz acalmada apesar da fúria que subia em seu interior—. O maldito quase a assassinou nesse motel e a próxima vez, ela poderia não ser tão afortunada. Encontra-o, Daniel, não me importa quantos homens necessite ou quanto custe. Quero fazer que desapareça.

Daniel se voltou a olhá-lo pensativamente

—Como que desapareça? —perguntou cuidadosamente.

Sax levantou seu olhar, voltando a olhar a seu amigo fríamente

—De qualquer forma que seja necessária.

Capítulo Doze

Marey despertou devagar a manhã seguinte, seus olhos revoaram abertos, as vigas escuras do teto do Sax foram a primeira coisa que viu. Sax dormia profundamente a seu lado, seu braço estava sobre seus quadris, sua cabeça ao lado da sua enquanto a mantinha perto de seu corpo.

Ele a tinha despertado a horas prematuras de amanhã para uma ducha quente, lavando-a com cuidado, suavemente, antes de secá-la e de colocá-la de costas na cama antes de avançar lentamente a seu lado.

Tinha cuidado dela.

Marey franziu o cenho profundamente para o teto, perguntando-se se tinha havido alguma vez um tempo no que alguém tivesse tido tal cuidado com ela. Não podia recordar se tinha ocorrido. Talvez quando era criança seus pais o tinham feito, mas de ser assim, ela tinha sido tão jovem que aquelas lembranças se apagaram com o tempo.

Tinha sentido carinho por eles quando era uma adolescente. Primeiro por sua mãe, que tinha concebido a sua única filha a média idade, então contraiu câncer quando Marey tinha treze anos. Tinha lutado contra a enfermidade durante dez anos, mas esta a tinha debilitado. Estava tão fraco que seu coração se rendeu antes de que o câncer que se tornou a reproduzir tivesse podido levar-lhe

Um ano mais tarde, seu pai tinha sofrido um acidente que o tinha deixado prostrado na cama.

Ela poderia ter contratado a alguém para cuidá-lo. Poderia havê-lo ingressado em uma pequena e agradável clínica de anciões e ter reatado sua vida. Mas amava a seu pai. Com seu sorriso gentil, sua voz suave e seus remorsos por que sua vida se esbanjasse cuidando-os dele e a sua mãe em vez de ser a mulher que deveria ter sido.

Não tinha havido nenhum pesar. Mas não tinha tido nenhum tempo para relações. Ela sabia que seu pai se iria em pouco tempo, e não tinha querido abandoná-lo, deixá-lo em mãos de estranhos que o cuidassem em vez de fazê-lo ela.

Mas ela tinha encontrado uma forma de escapar. Da dor e a depressão de ver seus pais morrer diante de seus olhos, Marey tinha encontrado um escapamento nos livros que amava. Primeiro como leitora, logo como redatora. Tinha trabalhado durante os últimos seis anos como redatora para um editor de livros eróticos. Os livros eram abrasadores, incrivelmente quentes. E durante um tempo tinham aliviado as fantasias escuras, sexuais que a subjugavam. depois da morte de seu pai…

Ela suspirou profundamente. Que tola tinha sido. casou-se com o primeiro homem que o tinha pedido tão somente uns meses depois de havê-lo encontrado. Em umas semanas a raiva tinha começado. Em seis meses ele a atingia. Isto tinha suposto um horrível golpe a sua confiança. Umas semanas depois do divórcio, ela tinha compreendido que Vence não tinha nenhuma intenção de deixá-la ir. Se ele suspeitasse que ela estava interessada em outro homem, os acidentes começariam a acontecer.

Marey não sabia se poderia viver se ao Sax acontecia algo por sua culpa. até agora, Vence só se colocou com ela, mas isto era devido a que nunca se havia sentido realmente ameaçado pelo fato de que ela encontrasse a alguém mais para compartilhar sua vida, ou sua fortuna.

Todo girava em relação ao dinheiro e ao poder que ele acreditava que o dinheiro lhe podia contribuir.

Se não deixar de pensar com tanta força, vou ter que te transar outra vez resmungou Sax em seu ouvido, sua voz profunda retumbando em seu peito com a sonolência da manhã.

Um sorriso curvou seus lábios

Está jogando sujo lhe disse ela quedamente. Às vezes tenho que pensar, Sax. Este é um desses momentos.

Ele grunhiu em tom zombador

Eu não gosto de como pensa às vezes, lhe tinha mencionado isso?

Sax separou o lençol de seu corpo antes de que sua mão se aplanasse contra seu ventre, seus lábios se moveram suavemente sobre seu ombro. Ela separou a vista do rico tom cor café de sua pele que contrastava tão exóticamente com sua pálida pele.

Já, eu nunca o teria adivinhado respondeu ela, permitindo que a diversão enchesse pesadamente sua voz. Surpreende-me, Sax.

Ele riu entre dentes, um sob som atraente que fez contrair-se sua matriz em resposta.

É uma sabichão a primeira hora da manhã Ele acariciou seu estômago devagar, as pontas de seus dedos desenhavam ligeiramente sobre sua carne, enviando suaves, embora destrutivas sensações que se estendiam sobre suas terminações nervosas.

Não era tão sexual como carinhoso…amoroso. Ela tratou de liberar-se. Não podia deixar que os sonhos se mesclassem com a realidade. Já tinha cometido esse engano uma vez antes.

Ele se preocupava. Ela estava segura de que ele sentia carinho por ela. Sax era freqüentemente honesto de uma maneira brutal, ele raramente atingia a alguém. Mas durante três anos ele se moveu na periferia de sua vida, sempre ali, sempre olhando-a. Nunca tinha descarregado, em nenhum momento seu cortante e infame sarcasmo sobre ela. Ele nunca a tinha cuidadoso com aquele olhar fixo, gelada, observadora e brutal com que lhe tinha visto olhar a outros. Sax nunca tinha feito outra coisa que tratá-la com soma consideração e uma ardente necessidade.

Sim. Ele se preocupava. E talvez ele poderia havê-la amado, se ela tivesse sido o bastante forte para ser tão valente como deveria havê-lo sido três anos antes.

Sim, Ela me chama sabichão freqüentemente respondeu finalmente Marey, seu olhar fixo voltou para teto enquanto sorria afetuosamente pensando em seu amiga. Realmente, penso que seu insulto favorito é cadela.

Não, absolutamente Seus dedos rasguearon sobre seu quadril. Embora aceitarei sabichão. E bem… por que está tão solene esta manhã?

Ela podia sentir sua ereção contra sua coxa, mas parecia não haver nenhuma pressa nele por aliviar sua excitação. Ele a tocou suavemente, facilmente. Acariciava-a com calma enquanto ambos se excitavam.

Por nada importante suspirou ela. Eu… fui desavergonhada ontem à noite, verdade?

Ela percebeu a nota de orgulho de sua voz e quase se estremeceu.

Em efeito, foi desavergonhada riu ele entre dentes. E molhada e selvagem. Tão jodidamente quente, foi incrível.

Marey se voltou para trás, para ele.

por que compartilha, Sax? Perguntou-lhe ela então. Diz que é pelo prazer feminino, mas isso não tem sentido.

por que não? Ele apoiou sua cabeça em sua mão enquanto se incorporava, olhando-a com curiosidade. Pensa que não encontro prazer nisso, Marey?

Eu não encontraria prazer ante a vista de outra mulher te tocando Ela o olhou carrancuda ante esse pensamento—. Mas bem me sentiria homicida.

E não terá nunca que fazê-lo prometeu ele. Mas não pode negar que desfrutou do que passou ontem à noite com o Daniel. E que tinha pensado nisso, pensado com muita ilusão nisso. Ouvi-o em seu voz, vi-o em seus olhos e em seu resposta. por que desfrutou disso?

Porque sou uma pervertida soprou ela sarcasticamente. Agora qual é seu desculpa?

Ele riu, um sorriso que curvou aqueles atraentes lábios enquanto a olhava reprobadoramente.

Deveria te dar vergonha grunhiu ele. Você não é uma pervertida. É uma mulher muito atraente, muito sexual. Embora essa beira do proibido é emocionante, verdade? Faz que o prazer seja mais agudo, mais quente. Talvez por isso nós gostamos. Não sei. Mas é algo sem o que eu não me quereria arrumar isso O verte a você desfrutando-o, abraçada entre o Daniel e eu, com seus olhos aturdidos, seu face ruborizada, o prazer afundando-se em cada partícula em seu ser é viciante. É como estar colocado, carinho, é diferente a tudo o que tenha conhecido alguma vez.

Como uma animada de drogas, né!? Ela colocou seus olhos em alvo expresivamente.

Seu sorriso a atingiu outra vez, com seus olhos marrom chocolate olhando-a estreitamente, carinhosamente.

Estava tão perdida, pensou. Ela tinha perdido seu maldito coração por este homem fazia muito tempo e agora tinha que confrontar sua perda.

Amo-te, sabe Ele disse as palavras tão simplesmente, tão normalmente que durante um momento, Marey esteve segura de que não o tinha ouvido corretamente.

Menino, realmente você gosta de jogar sujo lhe espetou ela então, a cólera, a impotência apoderando-se dela. Não podia esperar ao menos até que isto estivesse resolvido? Até que prendam a Vence e eu possa encontrar algo de sentido a todo isto?

Marey saltou da cama, lhe jogando um olhar deslumbrantemente furiosa enquanto sacudia a camiseta que usava para vestir-se da pequena cadeira ao lado da cama e a colocava. Ele estava convexo para trás nos travesseiros, olhando-a sombriamente, seus olhos a perfuravam, enchendo a de culpa.

Eu gosto das coisas claras emendou ele tranqüilamente. Não faça o tolo, carinho. Você sabia que isto era algo mais que uma aventura amorosa quando entrou nisso.

Ali estava ele, só convexo atrás na cama, com sua ereção afagando o lençol, olhando-a fixamente outra vez daquele modo tranqüilo, solene. Que demônios se supunha que ela deveria dizer? E fazer?

Não posso nem sequer pensar nisto Ela empurrou seus dedos por seu cabelo com irritação. Não pensarei nisto. Não antes de que Vence…

Esta desculpa se faz velha Sua voz nunca trocou de inflexão mas se endurecia, se fazia mais profunda. Utiliza-lhe cada vez que não pode confrontar o que cresce entre nós. É como uma muleta.

Não é verdade espetou ela outra vez defensivamente. Ele é… perigoso.

Mas você rechaçou pará-lo quando sua violência se intensificou Ela se estremeceu ante a tranqüila acusação, olhando-o fixamente outra vez furiosamente.

Não importa por que passou Ela aspirou profundamente, lutando para encontrar sentido ao choque de emoções que se elevavam dentro dela. Não posso tomar decisões sobre o futuro agora.

Não peço que tome decisões, Marey Seu sorriso era o grunhido de um lobo, predador, crédulo.

Levantando-se da cama, completamente desavergonhado de sua nudez e da ereção que me sobressaía desde em meio de suas coxas, foi com passo majestoso para ela.

Isto não é tomar uma decisão Agarrando o decote da camiseta com ambas as mãos, ele atirou energicamente, rasgando-a para baixo enquanto ela o olhava fixamente com surpresa, ofegando pela excitação. Isto não requer nada de você, carinho. Não peço nada. Não tenho que te perguntar. Sei o que é meu e sei como reclamá-lo.

Ele a empurrou contra ele, um movimento forte, poderoso enquanto agarrava seus quadris. Sua cabeça baixou, seus lábios cobriram os seus, possessivamente, dominantemente.

Marey não pôde conter seu gemido. Não havia nada como o beijo do Sax ou o modo em que ele a sustentava. Parecia rodeá-la, seu calor e sua força pareciam protegê-la ainda quando seu beijo violasse seus sentidos.

Não podia lutar contra ele. Não havia nenhuma luta nela. Só podia agarrar seus ombros, esperar tensa e absorvê-lo nas mesmas profundidades de sua alma. Não havia nada tão quente, tão tentador, tão completamente esmagante como o abraço do Sax.

Enquanto seus lábios se moviam sobre os seus, suaves e seguros um momento, duros e possessivos o seguinte, Marey gemeu pelo prazer entusiasta, com suas mãos apertadas em seus ombros, esfregando seu corpo contra ele, amando o modo em que suas mãos acariciavam suas costas, separavam-se os restos da camiseta de seu corpo, e bebia a sorvos em seus lábios com faminta exigência.

Isto era do que ela tinha fugido durante três anos. Tão enlouquecido como soava, e inconcebível como era, ela podia senti-lo arrasando não só por seu coração, mas também por sua alma.

Sei amar a minha mulher sussurrou ele enquanto sua boca se deslizava de seus lábios a seu ouvido. Sei protegê-la, e sei sustentá-la. E te sustentarei, Marey.

Empurrou-a à cama, levantando-a contra ele enquanto ele se tornava para trás, olhando-a acima com pesada e controlada sensualidade enquanto afagava suas nádegas em suas mãos, movendo-a até que ela se sentou escarranchado sobre seus quadris, levantando-a até que a cabeça de seu membro chamuscou a abertura sensível de seu sexo.

me monte grunhiu ele, a excitação espessando sua voz enquanto sua mão se levantou seu elevados seios, levantando a cabeça para permitir que sua língua lambesse seus duros mamilos inchados.

Marey gemeu ante a sensualidade de ter o controle, baixando a vista até ele, a seu corpo que se reclinava sob o seu, a seu quente e erguido membro, esperando a perfurar as profundidades complacentes de seu sexo.

Ela se levantou, seu fôlego lhe obstruiu enquanto se movia contra ele, gemendo enquanto seu membro começava a penetrar a entrada aquecida a seu faminto sexo. Sua cabeça retrocedeu enquanto ela tomou devagar, trabalhando a carne endurecida dentro dela cada vez mais, voltando-se louca com as sensações incríveis que aconteciam um raio por seu corpo. Ela o amou. Amava sentir seu membro inchando-se nela, queimando-a.

Suas mãos estavam em seu seios, seus dedos beliscavam seus mamilos enquanto ela o montava com longos, lentos golpes, lutando contra a necessidade de precipitar-se, de conduzir-se à loucura com o grosso caule de carne que a enchia.

Lá vai, carinho sussurrou ele enquanto se retesava, obviamente contendo-se enquanto permitia que ela tomasse seu prazer quando o necessitasse.

Seus sucos fluíam entre eles, os sons da pele molhada, sugando a carne ressonavam ao redor dela, conduzindo sua excitação mais alto. Suas mãos, quentes e ligeiramente ásperas, rasparam seus mamilos enquanto sua voz cantarolava naquele tom de barítono áspero e profundo, que enviava a sua mente a mover-se em espiral com seu prazer.

Seu ritmo aumentou, seus gemidos se mesclavam enquanto a intensidade e o calor cresciam. Ela podia sentir sua matriz retesar-se, os dedos de fogo que corriam por seu sexo. ia se correr…

Sax. Mais forte. OH Deus, me ferre… Não podia ganhar a força que necessitava, o ritmo que ele usou sobre ela a jogou sobre a beira.

Ela tremeu, estremeceu-se, lutou contra sua própria debilidade e prazer em seu passeio para o êxtase.

Suas mãos se moveram de seu seios a seus quadris. Ali a sustentaram, seus dedos apertando-a quando ele começou a mover-se. Afundou seu membro dentro dela com bastante poder e força para fazer que ela se arqueasse em seus braços, um grito estrangulado abandonou sua garganta quando seu orgasmo começou a correr por seu corpo.

convulsionou-se em cima dele, apertando suas coxas, apertando suas mãos nos músculos de seu peito enquanto ela se corria ao redor dele. Seu gemido estrangulado se converteu em grito quando ele a penetrou uma última vez, retesou-se para frente e logo encontrou sua própria liberação. Duros jorros, rápidos de sêmen a queimaram, a sensação do fluido sedoso que a alagava a lançou ainda mais alto.

As réplicas pareceram durar para sempre. Ela se estremeceu enquanto ele a atraiu a seu peito que subia e baixava, seus lábios apertaram sua frente, suas mãos acariciaram suas costas. Acalmando-a. Fazendo-a descender de umas alturas de prazer quase dolorosas.

Pode te afastar, Marey? Perguntou-lhe ele então, sua voz era suave, pormenorizada. Não importa os riscos, pode realmente te afastar?

Capítulo Treze

—Poderia realmente afastar-se?

Já pela tarde, Marey andou até a terraço traseira da casa do Sax e com alívio entrou no jacuzzi que borbulhava alegremente em uma esquina.

A água quente a cobriu por completo, os jorros massagearam seus músculos cansados. Sax era insaciável. Estava dolorida em lugares que nem sequer sabia que existiam. Mas pela primeira vez durante anos, seu corpo estava relaxado, ainda quando sua mente não o estivesse.

Ele tinha razão, não podia afastar-se. Aterrorizou-a. Seu carinho lhe dava medo. E não estava assustada pelo que Vence faria, embora fora inquietante. Não, ele a assustava porque sabia que lhe tinha dado já muito de si mesmo. Se ficava, se aceitava esta relação como o que era, então possuiria sua alma.

Tinha estado só a maior parte de sua vida, até antes da morte de seus pais. Compartilhar com alguém que tomava um papel tão ativo não era fácil de aceitar. Sax não se afastaria dela até que fora completamente dela. Ele era um homem possessivo, não cruel, mas possessivo apesar de todo.

Ele esperaria compartilhar sua vida, não ser somente uma parte dela.

Apoiou sua cabeça fatigosamente contra a beira da banheira e suspirou bruscamente.

Ela o amava. Sempre soube que o amava, mas não sabia quanto até que começou a invadir sua vida.

—Vou acima a terminar uns informe. —Sax estava de pé na porta corrediça de cristal, com seu peito nu, seus dentes brilhando em sua face escura quando a olhou com um gesto malicioso em seus olhos—. Necessita algo antes de que suba?

Marey riu entre dentes ao escutar seu tom provocador.

—Penso que tiveste muito cuidado de me dar o que eu poderia necessitar, —assegurou—. Só vou ficar me aqui e me relaxar um momento. vá trabalhar.

Ele entrou na terraço, ajoelhou-se detrás dela e lhe deu um beijo no alto da cabeça.

—Só grita se me precisa —sussurrou carinhosamente—. Deixarei a janela do dormitório aberta por si acaso.

—Mmmm. —Ela fechou os olhos quando a beijou em seu ouvido, sua língua se introduziu e a lambeu excitando-a—. Sal daqui. É insaciável. —Ele riu, um som grave de prazer e orgulho quando se incorporou e saiu pela porta.

—Estarei de volta em aproximadamente uma hora —prometeu ele—. Não te esfrie.

—Contigo acima, não há nenhum perigo de que aconteça —riu ela atrás dele, olhando-o quando lhe dirigiu um sorriso malicioso e se afastou.

Ela fechou os olhos, lutando contra a necessidade de chamá-lo.

—Amo-te Sax —sussurrou ela, sabendo que ele se foi, incapaz de conter as palavras por mais tempo.

Que demônios ia fazer com ele? Não podia deixá-lo ir. Não podia afastar-se. Ele se tinha metido em sua alma, Ria com ela, amava-a, tocava-a com tal paixão e fome que sabia que nunca seria a mesma outra vez.

—Bem, parece bastante cômoda, mulher!

Não.

Seus olhos se abriram, com medo e incredulidade quando encontrou o olhar fixo e furioso de Vence.

—Realmente está louco —disse ela, assombrada de sua audácia. Ela já se deu conta mais ou menos do fato de que Vence não era muito brilhante, mas isto era ridículo—. Vence, Sax te matará se te agarra aqui. Não o compreende?

Seu cabelo castanho ainda estava curto mas, observando-o aí de pé, deu-se conta de que estava descuidado e sujo. Seus olhos marrons se Entrecerraram com ódio, seus punhos apertados. A camisa de algodão descolorida que levava posta estava cheia de sujeira, seu jeans rasgados nos joelhos.

—O filho de cadela —grunhiu Vence—. Ele está muito ocupado jogando com seu computador acima. E você não vais gritar, verdade, Marey? —mofou-se—. Pequena senhorita Muito Orgulhosa. Ouvi-te gritando para ele, entretanto… não o fará agora, pequena puta?

Marey se estremeceu pela fúria que ouvia em sua voz.

Suspirando profundamente, ela se retesou. Sax baixaria logo, raramente estava muito momento separado dela, sempre vigiando-a freqüentemente. Estar nua e a mercê de um homem que não vacilaria em matá-la com suas mãos nuas era uma perspectiva espantosa.

—Como evadiu ao xerife? —perguntou, esperando ganhar algum tempo, distrai-lo só o tempo necessário para que Sax baixasse.

Seus finos lábios se retorceram repugnantemente, enquanto um rubor terroso, apenas perceptível sob a tênue luz da terraço, cobria-lhe as feições. Não era um bom sintoma.

—Não posso acreditar que realmente esteja tão tranqüila. —O sorriso baixo, maliciosa que partiu de seus lábios tinha o efeito de estremecer a de terror—. É muito má Marey, deveria te haver castigado para que mantivera a boca fechada.

—Quase me matas, Vence —gritou, evitando deixar ver seu medo—. E tratou de culpar ao Sax.

—Ele não deveria ter estado perto de você… O que lhe faz pensar que pode tomar o que pertence a outro homem? Ele é um delinqüente e você uma puta, sempre olhando-o, comendo-lhe isso com os olhos. Pensou que só

porque forçou nosso divórcio ia trocar algo, Marey? Os votos eram até que a morte nos separe. —Seus lábios se torciam em um rictus selvagem mofando-se—. E só a morte nos separará!

Ela se elevou do jacuzzi quente, um grito saiu de seus lábios quando ele se retesou para saltar sobre ela, sabendo que sua intenção era tentar sair correndo. Quando ela se deu a volta, Daniel se precipitou da casa, suas mãos fortes a agarraram quando a empurrou contra a parede. Sax se apressou por diante deles, e saltou por cima da banheira, abordando a Vence quando ele se moveu para escapar.

Seus olhos se alargaram quando viu que velocidade Daniel lhe seguia, sua voz gritando enquanto informava ao Sax de todas as repercussões legais de cometer um assassinato. Mas não parecia que Sax estivesse muito inclinado a lhe escutar, enquanto suas mãos apertavam ao redor da garganta de Vence, e um grunhido de fúria brotava de seus lábios.

Todo transcorria rapidamente, muito rápido para compreender que Vence estava inconsciente na terraço, e ela ainda estava de pé nua sob o ar fresco, olhando fixamente com assombro como Sax tinha saltado por cima do jacuzzi.

—Eu deveria açoitar seu traseiro —gritou ele, olhando-a por cima do borbulho da banheira. Estava furioso. Seus olhos ardiam da cólera que escurecia sua expressão quando lhe olhou com assombro—. Que infernos te possuiu, mulher, para te sentar e provocá-lo assim? Para te sentar só aí, falando com ele tranqüilamente em uma banheira cheia de água, sabendo jodidamente bem que ele era capaz de te abafar?

Gritando. Ele a gritava, abraçando seu corpo, apertando a de tal modo que temia que ia quebrar lhe algo.

—Eu sabia que me resgataria —sussurrou ela, piscando da surpresa—. Eu sabia que não lhe deixaria me fazer nenhum mal.

O choque se refletiu em sua face.

—Eu não estava aqui!—levou-se as mãos furiosamente a sua Lisa cabeça, gritando de novo—. Como diabos supôs que te salvaria?

—Mas sim o fez Sax, —indicou ela—. Eu sabia que estaria aqui. Eu sabia que você estaria…

As lágrimas encheram seus olhos quando ela o olhou fixamente.

—Você não me deixa em paz Sax, Sempre está perto me tocando, me abraçando, me necessitando. Como pode alguém ter uma possibilidade de me fazer mal quando você me protege tão bem, ama-me tão bem?

Um cenho franzido obscureceu sua face.

—Não é nenhum problema —lhe assegurou entre dentes gritando quando ele rodeou o jacuzzi quente, sacudindo-a em seus braços e sustentando seu corpo repentinamente gelado perto de seu calor—. Mas que Deus me ajude, Marey, a próxima vez que faça algo tão estúpido, vou açoitar seu traseiro.

Um sorriso choroso cruzou seus lábios quando ela inclinou sua cabeça, elevou sua mão tocando as feições escuras de sua face, a curva sensual de seus lábios.

—Amo-te, Sax —sussurrou ela—. lhe ia dizer isso esta noite, enquanto me sustentava, enquanto me amava. Eu sempre te amei.

Um fôlego entrecortado se estremeceu por seu peito quando ele sepultou a cabeça em seu cabelo, e seus braços se apertaram ao redor dela.

—Definitivamente, te vou surrar —gemeu ele—. Neném, eu também te amo. Tanto que me aterrorizou como um inferno o verte sentada ali e falar com esse bastardo tão tranqüilamente, sabendo que facilmente ele poderia te haver feito mal.

—Sabia que estaria ali —disse ela contra seu peito quando ele a levantou em seus braços enquanto Daniel chamava o xerife.

—Está gelada —murmurou—. Não tirou nada de roupa.

—me esquente. —Ela se aconchegou contra seu peito, seus braços lhe rodeando o pescoço, enquanto sua cabeça descansava naturalmente em seu ombro—. me Esquente, Sax…

Capítulo Quatorze

—De algum jeito, Vence conseguiu contratar a um ex-empregado da empresa de segurança para roubar de seus computadores o código da casa do Marey —lhe informou Daniel o dia depois de que o xerife e seus ajudantes detiveram vence, tomaram suas declarações e logo os tinham deixado em paz.

Marey se sentou cansativamente na cama, com o olhar confuso, certamente nunca se havia sentido tão fatigada em sua vida, enquanto escutava o que Daniel tinha ido dizer lhes à casa.

Nem ela nem Vence tinham ouvido frear o carro em frente da casa, mas Sax sim. Igual a tinha ouvido vence através da janela aberta da segundos residência antes. Movendo-se cuidadosamente ele tinha deixado entrar no Daniel e então entre os dois tinham contido a Vence. Algum osso quebrado era o menor dos problemas de seu ex-marido agora.

—O que farão eles com o Hacker? —perguntou Marey, temendo o momento em que Daniel partisse e tivesse que confrontar ao Sax só. Ela se aterrorizou de repente. Não dele, dela.

Quando ele tinha saltado ao outro lado do jacuzzi quente, a raiva que o tinha embargado tinha sido evidente. Teria matado a Vence se Daniel não o tivesse parado.

Filho de cadela, matarei-te se a toucas. Os olhos de Vence ficaram em alvo, e sua face se voltou purpúrea. Entende-me? É minha mulher, maldita seja! Você, filho de puta dos baixos recursos!

Sua mulher. Convicção, determinação, e compromisso, tinham cheio cada palavra rouca, cada dedo que se apertou na garganta de Vence antes de que Daniel conseguisse separá-lo.

—Eles o deterão. —Daniel a olhou intimamente, mas não tanto como quando Sax a olhava.

Ela cabeceou, inclinando a cabeça, enquanto olhava fixamente o chão, abraçando-se a si mesmo.

—Vou, Sax —anunciou então Daniel—. Ainda tenho que me parar no escritório do xerife e fazer algo mais de papelada. Chamarei-te mais tarde.

—Obrigado outra vez, Daniel. —Sax se moveu através de sua linha de visão, suas pernas poderosas movendo-se pelo chão.

—Já vou —disse Daniel—. Cuida de seu mulher. A noite foi dura para ela.

Marey se estremeceu.

Segundos mais tarde, a porta principal se fechou, deixando-a só com o Sax.

O silêncio encheu a casa.

As emoções se elevaram dentro dela com a força de um murro.

—Marey. —Sax se ajoelhou ante ela, sua ampla mão levantou seu queixo quando ele a olhou fixa e sombriamente.

Ah, Deus. Ele não deveria olhá-la assim, pensou. Sua expressão era tão terna, tão amorosa. Ela tinha lutado com força para não acreditar em um “final feliz”, no calor e o amor. Como se supunha que ela ia proteger seu coração?

Mas ela sabia, sabia desde fazia dias que a necessidade de tal amparo tinha passado fazia muito tempo.

Marey sentiu uma lagrima escorregar por sua bochecha.

—Todos aos que realmente amei me deixaram —disse ela—. Eu não amava a Vence, e sabia. Não estava preocupada, mas estava tão malditamente cansada de estar só. —Sua respiração se obstruiu em sua garganta, quando ele continúo olhando-a, sua intenção em sua face escura, sua expressão cheia de amor—. Quando te encontrei —seguiu ela—, eu não podia acreditar. Se me acreditava isso, eu teria tido que me expor porquê me tinha escondido durante tanto tempo. Quão covarde tinha sido. —Ela se afastou dele quando um soluço a sacudiu.

—Marey, não te faça isto —sussurrou ele—. Podemos falá-lo mais tarde. depois de que tenha descansado.

—Não terei a coragem então —chorou ela dolorosamente, afastando-se dele enquanto subia suas pernas e apertava seus braços ao redor de seu peito lhe dando as costas—. Não o entende. Tinha razão. Desde o começo. Vence era um sutiã. Uma desculpa para te manter longe. —Ela se voltou para ele, olhando-o fixamente, rechaçando esconder-se por mais tempo—. Tinha que te manter longe, Sax.

—por que? —Ele afundou as mãos nos bolsos de suas calças, enquanto olhava fixamente suas costas, seus olhos marrons cautelosos.

—Porque você podia me ferir —sussurrou ela—. E eu sabia. Você podia arrancar o coração de meu peito, e me aterrou por isso. Porque Sax, em só uns meses, quando tratou de me fazer rir, me colocar em seu cama e em seu vida, apaixonei-me por você. E eu não sabia o que fazer com aquele amor. Ou como dirigi-lo se alguma vez te afastasse de mim… ou lhe afastassem de mim…

Ela pensou em seu pai, sua resolução paciente, sua doçura e o vazio que deixo a morte de sua mãe. Ela tinha gasto sua própria vida cuidando-os, colocando-os sobre o resto, esquecendo-se de seus sonhos e de suas próprias necessidades.

—Não posso te prometer que não morrerei, Marey —sussurrou ele, e no tom áspero que ela escutou, com seu coração, não com seus ouvidos, ouviu esperanças, sonhos…—. Todo que posso te prometer é que enquanto viva, enquanto tenha fôlego, amarei-te. E te darei prazer com tudo o que tenho.

Seus braços se envolveram ao redor dela, suas mãos acariciaram suas costas quando ela se agarrou a ele, as lágrimas fluíram livremente de seus olhos, e os soluços lhe rasgaram o peito.

—Amo-te —clamou ela, suas mãos se agarraram a seus ombros quando ele a levantou, movendo-se até sentar-se na cadeira que Daniel tinha deixado vazia delineando-a contra ele, suas coxas rodeando-a, enquanto suas mãos arrancavam sua bata.

—me sinta, Marey—gemeu ele, lançando a bata ao chão, antes de mover-se, suas mãos rasgaram suas próprias calças, enquanto ela fazia saltar os botões que fechavam sua camisa.

Nu. Necessitava-o tão nu como ela, os corpos, corações e almas nuas entre si. Abraçando-se.

Quando ele entrou nela, sua cabeça caiu sobre seu ombro, e envolveu seus braços ao redor de seu pescoço, rodeando suas costas. Sax se moveu poderosamente dentro dela, empurrando forte e profundamente, enquanto ela se ondulava contra ele, impulsionando-o mais profundo, ofegando, lançando um grito quando lhe sussurrou seu

amor, seus lábios se moveram sobre seu ombro, seu pescoço, sua língua deixava atalhos de chamas úmidas, enquanto seus braços a rodeavam, sustentando-a ainda quando ele começou a empurrar dentro dela mais forte.

As ondas de prazer a banharam, alcançaram-na. A transpiração umedeceu seu corpo enquanto lutava por respirar, até alcançar o pico de êxtase que ela sabia que encontraria só nos braços do Sax.

abriu-se a ele mais intimamente. um pouco mais e poderia lhe sentir tocando sua alma. Ela gritou em seu ombro, ofegando seu amor, sua necessidade, seu arrependimento por ter esperado tanto para aceitar o que ela sabia que estava em seu coração.

—Sostenme, Marey —grunhiu ele em seu ouvido—. Só sostenme, neném.

Ele se movia mais rápido agora, seu pênis empurrando nas profundidades dela, sepultando-se até o punho uma e outra vez, tocando cada nervo sensível, como seu amor havia tocado sua alma.

Sustentava-a, assim como sustentava a ele. Seu sexo se apertava ao redor de sua ereção, enquanto as bandas de prazer começavam a explodir. Seus braços o sustentaram, ele a sustentou também.

Seus gritos estrangulados ecoando através deles, enquanto seu orgasmo explodia. A diferença de outros, este varreu sua realidade, crepitou por seu corpo, e a deixou estremecendo-se entre seus braços, quando um grito rouco encheu seus ouvidos e ela sentiu sua liberação explodir dentro dela.

Abraçando. Abraçada. E pela primeira vez em sua vida, livre.

FIM